

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**ODÉCIO BARNABÉ JUNIOR**

**A DIMENSÃO DA ESPIRITUALIDADE NO PROCESSO  
DE RECUPERAÇÃO DE UM GRUPO DE  
ALCOOLISTAS**

**ESTUDO SOB O ENFOQUE DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**São Paulo  
2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**ODÉCIO BARNABÉ JUNIOR**

**A DIMENSÃO DA ESPIRITUALIDADE NO PROCESSO  
DE RECUPERAÇÃO DE UM GRUPO DE  
ALCOOLISTAS**

**ESTUDO SOB O ENFOQUE DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Denise Gimenez Ramos.

**São Paulo**

**2010**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

**Dedico esta dissertação àqueles que lutam,  
dolorosamente com suas almas, para  
alcançar a saída do vício.**

## AGRADECIMENTOS

A Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Gimenez Ramos, orientadora generosa e perspicaz, pela confiança transmitida a mim, acreditando sempre na essência do pesquisador, guia mestre sempre atenta e dedicada à minha formação profissional. Obrigado, Denise.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados do Núcleo de Estudos Junguianos da PUC de São Paulo, ao apoio, pela amizade e pela compreensão dedicada ao longo desse percurso.

À Capes, pelo tempo em que fui agraciado com a bolsa de estudos.

Ao Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Durval Lima de Faria, pelo aprendizado de conteúdos importantes que muito contribuíram com minha formação e, também, a participação, com sensibilidade e atenção, na Banca de Qualificação e, posteriormente, na continuidade deste trabalho. Obrigado, Durval.

A Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria José Caldeira do Amaral pela atenção e pelo carinho dedicados no Exame de Qualificação e posteriormente, enobrecendo o trabalho com respeito e sensibilidade.

A todos os colegas de classe, cuja participação nesse percurso deixa marcas, tanto positivas quanto negativas e que serão parte de nossos caminhos como reflexão.

Ao amigo e primo Weber, pelas palavras sempre bem-vindas naqueles momentos difíceis, a paciência e escuta de minha auto-observação durante o processo de investigação. Ufa! Mais uma etapa cumprida. Valeu, Weber.

Ao Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Luiz Felipe Ponde, as conversas, infelizmente rápidas travadas pelos corredores da PUC-SP, e pelas indicações de autores que fazem parte deste trabalho.

À minha analista, Dr<sup>a</sup> Sonia Marques de Carvalho, pela sua imensa sensibilidade, empatia e sabedoria, ao caminhar comigo no meu eterno processo de tornar-me eu. Obrigado, Sonia.

À Luiza Faustioni, a dedicação depositada na revisão deste trabalho.

Aos meus primos Eduardo, Ana, Tiago e Felipe, o carinho e acolhimento em sua casa, quando precisei ficar nessa doida cidade de São Paulo. Valeu, Edu.

Ao instituto, cujas portas foram abertas para que esta pesquisa pudesse ser concretizada e pela confiança depositada em mim. Obrigado, Arizinho.

A meus pais, por me suportarem nesse longo percurso.

A minha irmã, Gisela, e meu cunhado, Geraldo, por estenderem suas mãos nos momentos em que precisei de seu micro e laptop, quando o meu estava em pane.

Ao Mauricio, da biblioteca da PUC-SP, pelo empenho e paciência em ter-me mostrado os caminhos e atalhos da net para os achados dos textos e também, a confecção dos textos deste trabalho.

À Cleusa Telles, auxiliar de bibliotecário, da FMC-Unicamp, pelo empenho em ensinar-me na busca dos textos que compõem esta pesquisa.

A todos os funcionários da PUC-SP, por estarem, de alguma forma, acompanhando esse meu processo. Obrigado!!!

Ao Fabrício, professor de informática, as aulas administradas e a atenção e paciência em suportar-me nesse percurso.

Aos amigos e colegas presentes em diferentes passagens de minha vida e que aqui não estão mencionados, o meu apreço por tudo o que foi possível aprender e apreender sobre esse infinito universo em que vivemos.

Last, but not least, a Deus, pois sem o envio de suas energias, este trabalho não poderia ter sido realizado.

A grande vantagem dos conceitos de “Demônio” e “Deus” está em permitir uma objetivação bem melhor do defrontar-se, ou seja, da *personificação* deles. Suas qualidades emocionais lhes conferem vida e eficácia. Ódio e amor, medo e veneração surgem no teatro da confrontação e a dramatizam em grau supremo. Dessa forma, o que era simplesmente “exposto”, se torna “atuado”.

O desafio é lançado ao homem total e é com toda a sua realidade que ele se empenha no combate.

Só dessa forma o homem pode atingir a totalidade e “Deus pode nascer”, isto é, participar da realidade humana e associar-se ao homem sob a forma de “homem”. Por esse ato de encarnação o homem, isto é, o eu, é substituído interiormente por “Deus” e Deus se torna exteriormente homem de acordo com as palavras de Cristo: “Quem me viu a mim, viu a meu Pai” (João XIV, 9).

C.G.Jung (Memórias, Sonhos e Reflexões, p.291)



## RESUMO

O objetivo deste trabalho é descrever possíveis relações entre a espiritualidade e o processo de recuperação do alcoolista. Entendemos, nesta pesquisa, espiritualidade como a busca do ser humano em seu encontro consigo mesmo, uma experiência de sentido próprio que propicia um significado de vida maior. Os conceitos que estruturam à nossa pesquisa baseiam-se na teoria da psicologia analítica e de autores relacionados com a temática abordada. O estudo levanta questionamentos em relação à importância dada ao fenômeno da espiritualidade, na prática de uma instituição para dependentes de substâncias psicoativas. Foi aplicado a 10 pessoas um questionário com perguntas relacionadas ao uso do álcool e sobre o envolvimento espiritual deles. São internos entre 29 e 58 anos, todos do sexo masculino. Todos os sujeitos haviam sido diagnosticados alcoolistas. Os dados da pesquisa coletados em questionários mostram que a espiritualidade pode ser um fator de suma validade na questão da dependência e de sua recuperação. Nossos achados ressaltam que, no processo de recuperação, é necessário haver integração de novos elementos simbólicos, de modo a possibilitar a constituição de nova identidade e novo papel social.

As respostas foram organizadas em 10 categorias: motivação inicial para a bebida; sensação e sentimentos quando eles se encontram alcoolizado; necessidade e desejo de parar de beber; alterações no bem-estar em razão do alcoolismo; convivência com o álcool; argumentos para o uso do álcool; orientação religiosa e espiritual; enfraquecimento da vontade de beber; efeito da participação no grupo de espiritualidade e o significado da espiritualidade para os sujeitos.

A análise dos dados mostrou que há uma relação fortemente positiva entre espiritualidade e recuperação da adição. Verificamos que os sujeitos começam a perceber a importância de restabelecer uma ligação com o transcendente, como fator principal da autoestima e valorização da vida.

Palavras-chave: Psicologia Analítica, Símbolo, Alcoolismo e Espiritualidade.

## **ABSTRACT**

This dissertation studies a possible relationship between spiritual beliefs and the alcoholic's process. The sense of spiritual belief stands for the human being's encounter with himself/herself, that in the end, means the human being's encounter with his/her proper sense. This action is meant to reach a much greater standard in life. The concepts here developed are based on the Analytical Psychology theory and on some scholars who study such a subject. Mostly, this investigation intends to set some parallels between the spiritual phenomenon and religious practice on addicts at a qualified facility for users of psychoactive substances. In order to do so, a specific questionnaire on the usage of liquor and on possible addicts' spiritual involvements was produced. The questionnaire was applied to a sample of 10 male individuals from 29 to 58 years of age. All of them have been diagnosed as alcoholics. The data collected from the research pointed out that this spiritual belief can help the addict's recovery. The outcome showed that the addict's involvement with symbolic elements is necessary for the construction of a new identity and a new roll in society. The responses were organized in ten categories: previous motivation for the first drink; alcoholic's sensations and feelings when drunk; the need and wish to stop drinking; changes in the way of living because of the dependence; different arguments for the use of alcohol; religious and spiritual orientation; weakening of thoughts on liquor; effects on individual's participation in a group of spiritual subject. The data analysis has shown that there is a strong and positive relation between spiritual belief and the recovery period for the addict. In short, it has been observed that, by keeping a link with a spiritual practice one is able to strengthen his/her self-esteem as well as he/she is capable to understand that life is worthy it to live.

Keywords: Analytical Psychology, Symbol, Alcoholism and Spirituality

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>01</b>
<b>CAPÍTULO I – ESTUDOS SOBRE O ALCOOLISMO .....</b>	<b>08</b>
1.1 Sintomas do Alcoolismo .....	08
1.2 Fatores Epidemiológicos .....	11
1.3 Levantamentos Específicos.....	17
1.3.1 Internações Hospitalares por Dependência de Drogas.....	17
1.3.2 Dados do Instituto Medico Legal (IML).....	17
1.3.3 Álcool e Acidentes de Trânsito.....	17
1.3.4 Indicadores de Mercado de Consumo de Bebidas Alcoólicas .....	18
<b>CAPÍTULO II - PSICOLOGIA ANALÍTICA E ALCOOLISMO.....</b>	<b>19</b>
2.1 Correspondência entre Bill Wilson e C. G. Jung .....	19
2.2 Conceitos da psicologia analítica e o alcoolismo .....	21
<b>CAPÍTULO III – RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE .....</b>	<b>32</b>
3.1 Dificuldade de conceituação.....	32
3.2 Revisão conceitual sobre religião e espiritualidade.....	34
<b>CAPÍTULO IV - ESPIRITUALIDADE NO ENFOQUE DA PSICOLOGIA ANALÍTICA</b> <b>.....</b>	<b>43</b>
<b>CAPÍTULO V - REVISÃO CONCEITUAL SOBRE ESPIRITUALIDADE E</b> <b>ALCOOLISMO .....</b>	<b>56</b>

<b>CAPÍTULO VI – MÉTODO</b> .....	<b>68</b>
Objetivos .....	68
Objetivos Específicos .....	68
Local .....	68
Sujeitos .....	69
Instrumentos.....	70
Procedimentos .....	70
Cuidados Éticos .....	71
<b>CAPÍTULO VII – RESULTADOS</b> .....	<b>73</b>
7.1 Definição da Amostra .....	73
7.2 Categorias .....	75
<b>CAPÍTULO VIII – ANÁLISE DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES</b> .....	<b>83</b>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>90</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>93</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>104</b>
ANEXO A Instrumento de coletas de dados .....	105
ANEXO B Termo de consentimento livre e esclarecido .....	106
ANEXO C Termo de Consentimento da Autorização da Instituição .....	108
ANEXO D Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.....	110
ANEXO E Entrevistas.....	111
ANEXO F Correspondência entre Bill Wilson e C.G.Jung.....	143

## INTRODUÇÃO

### EXPERIÊNCIA PESSOAL E A ESCOLHA DO TEMA

As razões da escolha do tema proposto para esta investigação têm como raiz os momentos e movimentos de minha história pessoal e profissional. O alicerce de tal pesquisa situa-se em minha prática clínica, mais especificamente na experiência de meu trabalho como psicólogo, no período de 1995 a 1997 e de 2001 a 2002, em uma clínica psiquiátrica. Eu fazia parte da unidade que atendia tanto portadores de distúrbios mentais quanto usuários de substâncias lícitas e ilícitas.

Na época em que trabalhava ali presenciei um episódio que me chamou especial atenção. Um interno do hospital psiquiátrico, usuário de crack e álcool e em surto, resolveu subir em uma árvore. À primeira vista, ele aparentava estar assustado e distante do mundo. Nada o atingia, nada o fazia perceber o perigo em que estava se colocando, pois se sentia bem no topo da árvore. O paciente manteve-se ali por mais algum tempo e era observado por todos os internos e funcionários, até o momento em que foi resgatado. Era um espetáculo de decadência e, ao mesmo tempo, pôs a vida dele em sério risco. No entanto, para ele não havia risco nenhum, apenas o desejo de ficar longe de tudo e de todos, no alto daquela árvore. E eu vivia um misto de sensações: preocupação, medo, desinteresse, dó e revolta. Depois desse episódio e do transtorno provocado, o paciente, já no chão, começou a imitar, freneticamente, um macaco. Ele era magro e ágil. Deu outro espetáculo ao tocar o solo.

Essas cenas, até hoje, não saem de minha memória. Eu me indagava o motivo de tudo aquilo. O que teria levado aquela pobre criatura a ficar naquele estado? O que ele, realmente, buscava com o excessivo uso de drogas e de álcool? Em que plano de existência se encontrava tal pessoa? Não sei ao certo. Posso, apenas, supor que o paciente estava muito longe de um contato real e inteiro consigo mesmo.

Contudo, continuava a me perguntar: o que me deixava angustiado nessa situação? Não seria tanto pela compulsão existente, facilmente detectada, mas pela própria atitude do paciente, desequilibrada, e que estivesse talvez presente nos outros internados naquela clínica. Eu refletia sobre a necessidade subjetiva de

sentido: quando o sujeito se sente incapaz de encontrar esse sentido, pode sofrer em função de sentimentos de vazio e de desespero.

Tal história ilustra, em parte, a tão conhecida condição do ser humano em busca de seu próprio significado. O paciente em questão não aderiu ao grupo terapêutico e em nada se esforçava para participar. Lembro-me que ele permaneceu internado por uns três meses e sua participação nas atividades da clínica era aleatória, ou seja, sua frequência no grupo era mínima, mesmo depois de ter saído do surto. Ele não demonstrava interesse por nada, apenas pedia alta, dizendo estar melhor, estar curado.

Era um processo difícil em que me encontrava: de um lado, a fuga do paciente que relutava em se envolver com o grupo, portanto, permanecia alheio a tudo; por outro lado, a minha dificuldade em conduzir o paciente, sem saber como motivá-lo.

Ora, o meu papel era o de conduzir o grupo com a percepção e o bom senso esperados e ser o facilitador que pudesse extrair conteúdos dos pacientes para facilitar-lhes a reflexão e então desenvolvessem a faculdade de acharem alguma solução para seus próprios problemas. Até aquele momento, eu não tinha consciência de quanto em minha conduta no grupo, eu mantinha uma clara divisão entre experiências pessoais e experiências espirituais; afinal, no grupo essa realidade não vinha a tona. Também, em minha limitada consciência, eu não percebia essa questão nem a negava inconscientemente, talvez em razão da minha própria dificuldade em entendê-la.

Muitos anos se passaram até que eu pudesse compreender o termo espiritualidade como fenômeno importante da condição humana e, assim, trazê-lo para uma vivência clínica. De fato, esse contato ou aproximação foi acontecendo lentamente, através dos anos. A vida espiritual, até então apagada, começou a aflorar quando um novo momento teve início, com ganho de significado e expressão. Muitas reflexões foram necessárias para que eu abrisse a possibilidade desse encontro.

Esta pesquisa tem como pressuposto a possibilidade da retomada do diálogo entre espiritualidade e alcoolismo, no intuito de identificar e resgatar pontes que, na realidade, talvez nunca tenham deixado de existir. Dessa forma, iremos nos preocupar em tentar contribuir para preenchimento dessa lacuna, pois tanto ciência como espiritualidade realizam seus papéis no possível desenvolvimento do ser

humano.

O objetivo deste estudo é, portanto, compreender de que forma a espiritualidade pode contribuir na recuperação de dependentes químicos – alcoolistas.

## O CAMINHAR TEÓRICO

Nosso ponto de partida é a suposição de que o fenômeno ‘espiritualidade’ possa vir a ser um fator protetor na recuperação do alcoolismo. Que promova equilíbrio e harmonia do ser humano. A espiritualidade pode fazer com que cheguemos a um patamar mais próximo do que poderíamos chamar de transcendência do indivíduo. Contudo, “*sem a introspecção, sem a consciência imediata dos sentimentos, emoções, percepções e pensamentos*” (Cassirer, 2005, p.10), não conseguiremos atingir o âmago de nossa alma. Portanto, podemos pelo menos refletir, neste estudo, sobre um caminho onde a espiritualidade seja merecedora de uma atenção profunda, visto que esse fator é muito mais diverso e complexo do que podemos pensar.

A sociedade atual tem-se deparado com o fenômeno do uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas, tais como as substâncias psicoativas que constituem uma problemática muito complexa. Consideramos esse fenômeno como um problema social, por ele desencadear prejuízos de ordem afetiva, educativa, produtiva, de saúde e de relações sociais. O fenômeno perpassa várias classes e instâncias sociais e está intimamente relacionado a doenças e a delinquências, entre vários outros problemas. Para o adito, a drogadição

“é a terra mágica e primitiva de inocência situada na paradisíaca beleza da natureza com sua vida feliz, destituída de responsabilidades, e é isso que o viciado realmente está procurando”. (VonFranz, 2004, p.325)

A drogadição constitui um problema relevante nas sociedades contemporâneas (Bastos, et. al., 2008), advindo das transformações histórico-culturais. (Souza e Kantorski, 2007).

Por haver poucos estudos sobre espiritualidade como fator de recuperação do alcoolismo no Brasil, propomo-nos, aqui, a dar uma contribuição nesse aspecto. Pesquisas realizadas com métodos confiáveis, no Brasil, por Dalgarrondo et.al., (2004) e Silva et. al., (2006), vêm contribuir para esse universo. Consideramos que nossos olhares precisam estar mais atentos para um investimento fidedigno, quando eles se tratarem do fator espiritualidade como processo de intervenção contra o alcoolismo.

Podemos observar que, nos últimos anos, vêm aumentando o número de estudos sobre a espiritualidade como fator de resiliência, para se ter uma melhor qualidade de vida e notavelmente para o trabalho de recuperação do uso de drogas, tais como: maconha, cocaína e álcool. (Panzini e Bandeira, 2007) Alguns desses estudos mostram o significado da relação espiritualidade e religiosidade na prevenção e na recuperação da adição. (Hill, et. al., 2007; Sellman, et. al., 2007; Koenig, 2008 e Blay, et. al., 2008)

Entendemos aqui o conceito de espiritualidade como uma busca do ser humano para encontrar-se a si mesmo: uma experiência de sentido próprio e que tem um significado de vida maior; é a força misteriosa que alimenta nossos caminhos e que nos dá sustentação ética e moral; é o rizoma do alimento transcendente do ser humano. Liga-nos, direta ou indiretamente, com tudo o que nos cerca, no sentido de um desenvolvimento pleno com o universo; é o que pode nos conduzir a termos um encontro mais real com a vida, ou seja, um modo todo particular de união.

A espiritualidade pode ser sentida pelo sujeito como uma experiência direta com um ser superior ou divino; ela prende-se de imediato à prática de um estado íntimo, à experiência imediata com o transcendente. Com efeito, a espiritualidade pode ou não estar vinculada a dogmas, ritos, celebrações e doutrinas.

Stanziani, define espiritualidade como

“um ligar-se a algo que nasce no âmbito pessoal do indivíduo, produz-se na sua subjetividade e sai em direção ao grupo como se buscasse formas de manifestação ou até mesmo de identificação”.  
(Stanziani, 2002, p.58)



Jung (1938/1999) conjecturou que a experiência do mundo, tanto interior quanto exterior, possibilita que essas relações sejam percebidas e que com isso seja possível, até certo ponto, encontrar significados importantes para os sentimentos, o que nos capacitaria à expressão mais plena do ser. Neste sentido, a espiritualidade seria, psicologicamente falando, a função integradora entre ego-Self, pois ela possibilitaria uma amplitude e um maior entendimento da vida. Também ela acolheria experiências tipicamente arquetípicas, ela permitiria a integração de símbolos que podem dar suporte ao crescimento e ao desenvolvimento do indivíduo.

De fato, o fenômeno “espiritualidade” possui um leque de significações muito amplo, tão singular quanto o próprio fluxo que desempenha. A dificuldade fundamental existente na discussão dos temas religião e na espiritualidade está principalmente na imprecisão com que os termos são empregados. Os diferentes sentidos empregados dependem de circunstâncias sociais, econômicas e políticas em que estão inseridos; afinal, *“Há uma diferença de experiência religiosa que se explica pelas diferenças de economia, cultura e organização – numa palavra, pela história”*. (Elíade, 2001, p.22)

As formas pelas quais esses conceitos são empregados parecem incontáveis. Ainda não se percebe, no horizonte, um consenso; muito pelo contrário, tais formas são conceitos que carregam em si várias questões e discrepâncias, e que nos conduzem a dificuldades para uma clara investigação na área.

C.G.Jung, em meados do século 20 apresentava uma visão bastante avançada e aguçada para a época. Dentro de seu contexto de vida, ele argumentou que, *“É da maior importância que as pessoas cultas e esclarecidas reconheçam a verdade religiosa como algo vivo na vida humana e não como uma relíquia abstrusa e irracional do passado”*. (Jung, 2002, p.391) Ainda, o psiquiatra suíço ressaltou ser necessário que as pessoas aprendam a enxergar seu próprio processo, de outra forma *“não haverá ponte que ligue o abismo entre a mente culta e o mundo das ideias dogmáticas que esta mente não compreende e que, além do mais, ofende sua razão”*. É com base na perspectiva da psicologia analítica que trataremos de compreender o termo espiritualidade nesta pesquisa.

Na busca de um ponto de partida para este trabalho, chegamos a algumas questões. Poderia a espiritualidade colaborar com o processo de integração da

consciência dos alcoolistas? A espiritualidade poderia colaborar para desfazer um possível sentimento de nulidade vivido por essas pessoas? A vivência da espiritualidade poderia ser sentida como uma experiência de vida, que colaboraria para uma possível mudança de atitude? Como os alcoolistas se autodefinem a partir de suas experiências em relação à espiritualidade? A espiritualidade poderia propiciar ao alcoolista recriar sua realidade e intervir na busca rumo a uma possível cura?

Talvez o alcoolista possa encontrar na espiritualidade um caminho para seu fortalecimento psíquico e então obter condições para enfrentar suas limitações e encontrar algo que possibilite uma transformação emocional. Essa transformação poderia vir acompanhada de reflexões acerca de valores e atitudes, que poderia favorecer a oportunidade de o adicto reencontrar paz, equilíbrio e determinação.

Na realidade, não são poucos os desafios que o mundo das drogas lícitas e ilícitas nos apresenta neste nosso século. A situação dos alcoolistas intriga e incomoda. Por vezes os vemos, em psicopatologia, somente como portadores de um sintoma e não como seres humanos necessitados de um acolhimento caloroso e espiritual. É importante estar em sintonia com suas dores dos alcoolistas e aprender as vicissitudes de uma vida carente de sentido. Há uma história pessoal em cada um deles e que necessita ser escutada; e nessas histórias encontramos um pouco de nós mesmos.

Considerar a espiritualidade como fator mediador de ganho de consciência de si mesmo e que pode contribuir para a superação da dependência química, é um caminho indiscutivelmente complexo. Ao mesmo tempo, pode ser valioso pelas possibilidades criativas e de integração que podem surgir durante o percurso. A reflexão se faz a cada passo, na busca do conhecimento que ainda permanece oculto e latente.

Para discorrer sobre o tema, organizamos os capítulos apresentados da seguinte maneira: Capítulo I – Estudos sobre o alcoolismo, em que apresentamos revisões de pesquisas nacionais e internacionais, que lidam com o tema; no Capítulo II – Psicologia analítica e alcoolismo em que discorreremos alguns conceitos pertinentes; no Capítulo III - Revisão conceitual sobre religião e espiritualidade: em que apresentamos uma revisão dos conceitos e mostramos sua complexidade no campo da ciência; no Capítulo IV – Espiritualidade no enfoque da psicologia analítica onde mostramos nosso percurso dentro do panorama dessa

visão teórica; na sequência expomos o Capítulo V – Revisão conceitual sobre espiritualidade e alcoolismo; depois, o Capítulo VI – Método; Capítulo VII – quando escreveremos os resultados obtidos na entrevista. Finalmente, apresentamos o Capítulo VIII - Análise dos resultados e conclusões, momentos em que apontamos o levantamento da pesquisa.

Nosso objetivo foi o de refletir sobre a influência da espiritualidade na vida do alcoolista, enfocando um grupo específico dentro de uma instituição para usuários de substâncias psicoativas.

# CAPÍTULO I

## ESTUDOS SOBRE O ALCOOLISMO

### 1.1 Sintomas do Alcoolismo

O alcoolismo, sem dúvida nenhuma, possui um grande poder de destruição. Os danos causados são vários e, muitas vezes são indissolúveis para a personalidade do indivíduo, para seus familiares, seus amigos e a sociedade. Originalmente, usava-se o termo “alcoólatra” em vez de “alcoologista”. A etimologia do termo *alcoólatra* se baseia no sufixo latino *latría* que significa adoração e, conseqüentemente, ele se refere a pagão do álcool, ou seja, aquele que admira, que aprecia, que venera o álcool.

“O conceito de alcoolismo só surgiu no séc. XVIII, logo após a crescente produção e comercialização do álcool destilado, conseqüente à revolução industrial. Deste período, destacam-se dois autores: Benjamin Rush e Thomas Trotter. O primeiro, um psiquiatra americano, foi responsável pela célebre frase: “beber minha iniciativa num ato de liberdade, caminha para o hábito e, finalmente, afunda na necessidade”. O segundo foi quem, pela primeira vez, referiu-se ao alcoolismo como “doença”. Outro autor de relevância foi o sueco Magnus Huss (1849), que introduziu o conceito de “alcoolismo crônico”, estado de intoxicação pelo álcool que se apresentava com sintomas físicos, psiquiátricos ou mistos”. (Gigliotti e Bessa, 2004 p. 11-12)

A ingestão de bebidas alcoólicas existe desde o início da história humana e tornou-se um hábito singular entre as civilizações do mundo todo, pois o álcool é o líquido de maior consumo pela humanidade. “O consumo de bebidas alcoólicas está inserido dentro do contexto cultural e simbólico de uma sociedade, e não é um produto qualquer”. (Laranjeira e Romano, 2004, p.69) O líquido vêm sendo utilizado há milênios em rituais religiosos e seitas com os mais diversos e complexos significados simbólicos; portanto, ele acompanha a humanidade ao longo de sua história. Ele é utilizado nas dores silenciosas da vida e é presença constante nos momentos de comemoração e confraternização (Gigliotti e Bessa, 2004, p.11), ocasiões de festividades coletivas, além de ser usado no desespero e na expressão de uma alegria intensa.

[...] “o vinho na Eucaristia – o símbolo da energia vital -, produto da união de elementos contrários – a água e o fogo – a *aqua vitae* na alquimia ou na bela metáfora de Bachelard: “A aguardente é a água de fogo, a água que queima (...) e se inflama. É a comunhão da vida com o fogo. O álcool é também um alimento que produz calor no centro do peito”. (Gigliotti e Bessa, 2004, p.11)

O álcool se apresenta, então, em variadas funções no contexto social e histórico da humanidade. Ele pode ser um remédio profilático, ou uma poção mágica. Mas, preponderantemente, é o componente essencial de bebidas que acompanham os “ritos de alimentação dos povos”. (Gigliotti e Bessa, p.11) A bebida em foco compõe-se de um traço contraditório, pois faz parte de um hábito diário de uma sociedade; ele é servido tanto na comunhão e na alegria, tanto na dor quanto na discórdia. O comportamento do alcoolista, no entanto, traz consequências à vida pessoal, familiar, social ou profissional dele. “O álcool é uma substância que irmana, comunga e alegra, mas também estimula a agressividade, a tristeza, rompendo laços familiares de amizade e trabalho”. (Ibid.)

“Ele é: ou uma coisa de aflição para os bons corações, pois o álcool, psicotrópico euforizante, continua a ser um presente a se oferecer como sinal de hospitalidade entre amigos, mas também a velha garrafa de reserva para beber (tanto pior, tanto melhor) sozinho, nas horas de frio, de cansaço, de tédio; ou uma causa de desprezo, de piedade ambivalente ou de difamação pelos bebedores de água, os higienistas, os atletas da garrafa, ou os inteligentes da moderação em qualquer coisa”. (Perrier, 1992, p.334)

De modo geral, o álcool é uma droga para a qual o sistema nervoso central (SNC) desenvolve tolerância. É um importante potencial para gerar doenças – fisiológicas e psicológicas – e pode levar à morte. O álcool pode provocar na alma humana uma catástrofe na sintonia com o próprio homem e com o universo. Além de provocar um imenso sofrimento dos alcoolistas, o álcool abre uma rede que envolve os seus familiares e amigos. (Cammarota e Déa, 2007) O álcool em excesso retira toda a possibilidade natural e saudável de um viver real e construtivo. O alcoolista altera, assim, a forma de ver o mundo e conviver nele, e passa a estabelecer redes particulares dentro de seu modo subjetivo de relacionamento.

Esse mesmo mundo é floreado pela alteração que a ebriedade provoca, e o álcool é uma forma de saciar a sede da busca de algo que nunca é encontrado. “O

indivíduo apresenta diferentes formas de relacionamento com a bebida, estabelecendo padrões peculiares de consumo ao longo do tempo”. [...].(Gigliotti e Bessa, 2004, p.13) A dependência, enfim, torna-se um fator que se retroalimenta e converte-se em um núcleo muito maior que tolerância e abstinência.

Nos estudos sobre o alcoolismo, podem ser identificados três grupos de sintomas, a saber: - 1) físicos: tremores (finos de extremidades até generalizados), náuseas, vômitos, sudorese, cefaleia, câibras, tontura; 2) afetivos: irritabilidade, ansiedade, fraqueza, inquietação, depressão; e 3) sensopercepção: pesadelos, ilusões, alucinações (visuais, auditivas ou tácteis). (Ibid., p.12)

Os fatores que influenciam o comportamento de beber são diversos e complexos. As pesquisas têm mostrado que a influência social e ambiental contribui para o comportamento e para o risco do alcoolismo. Observa-se também a influência de fatores individuais, como a sensibilidade ao álcool, processos fisiológicos mentais, características da personalidade e do processo cognitivo. Pessoas mais sensíveis ao álcool têm um fator alto de risco, que pode ou não levar a desenvolver o alcoolismo. (Stranges, et al, 2006)

Clinicamente falando, a tolerância é percebida pela capacidade de a pessoa seguir seu dia de trabalho com um alto teor de álcool no sangue que incapacitaria outra pessoa não tolerante. (Edwards e Gross, 1976) “Em um sentido amplo, a cura do dependente não é mantê-lo abstinente, mas torná-lo capaz de sua liberdade de escolher o padrão de relação que terá com a droga”. (Silveira, 1996, p.5)

Portanto, o alcoolismo vem a ser um conjunto de sintomas conectados ao consumo excessivo e prolongado do álcool. É uma adição de ingestão desmedida e regular de bebidas alcoólicas, com suas consequências decorrentes, com dependência, crise de abstinência, abuso e intoxicação pelo álcool. O álcool é [...]“uma substância capaz de causar danos através de três mecanismos distintos: toxicidade, direta e indireta, sobre diversos órgãos e sistemas corporais; intoxicação aguda e dependência”. (Laranjeira, e Romano, 2004, p.69) Com o tempo esses mecanismos podem ser seguidos pelas síndromes da amnésia (perda da memória), de demência, síndrome alucinatória, delirante, e de humor. “Nem todos esses elementos precisam estar presentes ao mesmo tempo e nem sempre presente com a mesma intensidade e, além do mais, o desenvolvimento da tolerância é ainda desconhecido”. (Edwards e Gross, 1976, p. 1058)

Vale lembrar que existem sete estágios para diagnosticar os sintomas de dependência do álcool – “abstinência, uso experimental/recreacional, abuso inicial, abuso, dependência, recuperação e o diagnóstico de pequenos prejuízos no desempenho escolar”. (Pechansky et. al., 2004, p.15) A resposta física ao álcool difere com a etapa do desenvolvimento da adição, o que significa dizer que, “para uma doença de desenvolvimento lento como o alcoolismo, seria improvável que estes elementos já se revelassem evidentes no início do uso”. (Ibid., p.15)

Por outro lado, podemos perceber que o alcoolista tem um orgulho exacerbado do seu silêncio; ele mantém-se num conluio secreto com sua adição. “Há um espaço entre a experiência e a observação clínica, pois a identificação do adicto é difícil, pois seus sintomas são escondidos antes que sejam observados” (Edwards e Gross, 1976, p.1059), retarda, assim, o diagnóstico.

As evidências são inúmeras quando se trata de distinguir o papel do álcool como promotor de risco, doença e morte. No plano individual estão bem estabelecidas as correlações fisiopatológicas entre ingestão alcoólica e desenvolvimento de problemas de saúde. (Meloni e Laranjeira, 2004) Entretanto, são bastante acentuadas as dificuldades nas questões de alcance populacional, e mais ainda, “estudos de prevalência mostram que formas menos graves de dependência são extensivamente ordenadas na população geral e ligadas a um nível crescente de problemas”. (Ibid., p.69)

## **1.2 Fatores Epidemiológicos**

Em 2000, os problemas de saúde cotejados ao consumo de álcool foram responsáveis por 1,8 milhões de mortes, ou seja, 3,2% da mortalidade do planeta nesse ano. “De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), os problemas relacionados ao consumo de álcool só podem ser comparados, em igualdade, aos resultados do consumo de tabaco” [...]. (Cammarota e Déa, 2007, p. 7)

No Brasil, as estatísticas são muito precárias, quando o assunto é o alcoolismo. No entanto, faz-se necessária a apresentação de pesquisas existentes, para que se tenha um parâmetro mais aproximado da atual situação e para que se alerte da precariedade dessas poucas informações.

Em recente artigo, Zoretto (2007) observou que estudos realizados no Brasil mostram que, aproximadamente, metade da população adulta, especificamente 48% das pessoas com mais de 18 anos, é abstêmia – não consome bebidas alcoólicas ou o faz, em média, menos de uma vez por ano (algumas hipóteses propõem razões religiosas para isso). Entretanto, outros dados da pesquisa, apontam que:

“Desses (48%), aproximadamente metade aprecia uma cerveja gelada ou uma taça de vinho com pouca frequência, entre uma a três vezes por mês. O problema está na outra metade, correspondente a 25% da população adulta ou cerca de 30 milhões de brasileiros, que consome bebidas alcoólicas mais de uma vez na semana”. (Zoretto, 2007, p. 44)

A experiência do alcoolismo, do consumo abusivo de álcool, considerado como um problema social deveria, no mínimo, colocar governantes e sociedade de mãos dadas para que se pudesse elaborar uma maneira profilática de educar a população.

Meloni e Laranjeira (2004) reconhecem que é impossível desconsiderar que o consumo do álcool está intimamente ligado a problemas no campo social. Essa dimensão problemática do alcoolismo é pouco ressaltada tanto por falta de padrões métricos pareáveis com dados de saúde como pela insuficiente sistematização internacional de dados sociais comparativos e pela limitação das fontes de informação. As evidências incontáveis permitem identificar o álcool como fator de risco tanto em doenças quanto em mortes. Pelo lado individual, as correlações fisiopatológicas entre ingestão alcoólica e desenvolvimento de problemas de saúde estão bem delimitadas. Entretanto, a significância dos efeitos benéficos e patogênicos do álcool nem sempre é clara, e há um embate de grande dificuldade sobre questões populacionais.

Não raro constata-se no Brasil que cerca de 50% das internações psiquiátricas masculinas são devidas ao álcool, o que evidencia o descontrole da saúde pública sobre o que fazer, em última análise, para solucionar, ou mesmo abrandar, a situação existente. (Laranjeira, 2004)

Os métodos epidemiológicos nos direcionam a dados referentes ao volume médio de consumo e aos padrões de consumo, “podendo ser correlacionados a



diversas categorias de problemas de saúde que, de antemão, se agrupam num consistente grau de associação com a ingestão de álcool”. (Meloni e Laranjetira, 2004, p.9) Os estudos reportados pela OMS mostram que, na *população masculina*, 5,6% de todas as mortes que ocorrem no mundo são atribuídas ao consumo de álcool e 0,6% das mortes são de *mulheres*.

Nos países emergentes, em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, as cifras não são nada animadoras. O álcool vem a ser um importante fator causal de doenças e mortes, sendo seu impacto deletério situado em patamares que variam entre 8% até 14% do total dos problemas de saúde. Entretanto, no Brasil, a responsabilidade do consumo chega por volta dos 10% de seus problemas de saúde. Esses dados mostram que, em países pobres, ainda não existe um tipo de controle do acesso ao álcool. Na realidade, o consumo ocorre de forma mais livre, pois a própria cultura local cria mecanismos para tal comportamento e os programas de controle social não têm eficácia. Já nos países ricos, a disponibilidade e o acesso são altos, mas o álcool aparece regulado por diferentes formas de controle social, tais como: medidas regulatórias sobre o uso; controle da propaganda promocional; uso educacional da mídia, entre outros (Meloni e Laranjeira, 2004).

Nos EUA, Pechansky et. al. (2004), estabeleceram dados curiosos e interessantes sobre estudos epidemiológicos, sugerindo que 19% dos adolescentes norte-americanos abusam da ingestão alcoólica. Em contrapartida, os estudos brasileiros são mais raros e indicam haver características regionais quanto ao uso e abuso de álcool. Em análise de 107 cidades, nos sujeitos com faixa etária de 12 a 17 anos, a prevalência foi de 5,2%, chegando-se à seguinte conclusão: a maior prevalência de uso de álcool foi na Região Sul (54,5%); mas a maior prevalência de dependência de álcool foi nas Regiões Norte e Nordeste (9,2 e 9,3%), respectivamente. De acordo com a Unesco (2002), a cidade de Porto Alegre, RS, é a líder do *ranking* dos usuários de substâncias psicoativas (spa) lícitas e ilícitas, com 14,4% de usuários de álcool. Apesar da escassez de dados nacionais, os mesmos coincidem, de acordo com a literatura internacional, no sentido de a dependência química ser o problema de saúde mental prevalente entre adolescentes, com o alcoolismo em primeiro lugar.

Os mesmos autores fazem um levantamento com uma amostra de adolescentes representativa da população de Porto Alegre, com 950 jovens entre

10 a 18 anos. Percebeu-se um uso frequente de bebidas alcoólicas (71%), chegando-se a quase 100% na idade de 18 anos. O achado importante foi que havia mudanças na forma e local de consumo de álcool ingerido, de acordo com a idade dos entrevistados. Com relação ao gênero: os meninos começam a beber com amigos fora de casa precocemente, enquanto as meninas mantêm o hábito de consumo familiar e doméstico por mais tempo. (Ibid., p.16)

A noção de que os adolescentes têm sobre os problemas decorrentes do consumo de álcool não acompanha, necessariamente, a hierarquia dos prejuízos considerados mais graves. Sabe-se, por exemplo, que 50% dos que bebem regularmente não conseguem vincular seu comportamento impróprio com o efeito do álcool, portanto, eles não reconhecem os efeitos negativos da bebida; outros 33% reclamam de prejuízo no pensamento; e apenas 20% deles conseguem ver que o ato de dirigir alcoolizado pode levar a acidentes automobilísticos. Álcool e direção misturados são a principal causa de mortes nessa faixa etária. (Ibid. p.16)

A sociedade adota atitudes paradoxais diante do tema. De um lado, ela condena o abuso de álcool pelos jovens; por outro, é permissiva ao estímulo do consumo pela propaganda. O uso de álcool na adolescência pode ser um índice que marca o uso de álcool pelo adulto ou pode até mesmo interferir na neuroquímica cerebral na fase adulta. Seria importante destacar que, na fase da adolescência, o córtex pré-frontal ainda está em desenvolvimento e que o uso e abuso de álcool pode afetar e causar comprometimentos numa série de habilidades em desenvolvimento: aprendizado de regras e tarefas focalizadas; memória e aprendizado, localizados no hipocampo cerebral. Estes dados são imprescindíveis, porque eles revelam um efeito neurológico nocivo, como consequência do consumo de álcool. Ademais, adolescentes podem, por exemplo, associar o lazer ao uso do álcool, e só conseguem ter iniciativas em experiências afetivas e sexuais se beberem. É assim, eles realizam ações que sentem ser possíveis somente com o uso do álcool e então se sentem incapazes de tomar iniciativas e desempenhar alguns comportamentos de outra forma. (Ibid., p.15)

Souza e Kantorski (2007) realizaram, no Brasil, uma pesquisa de análise de documentos da Política Nacional sobre Drogas e Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral aos Usuários de Álcool e outras Drogas. O objetivo delas era fazer uma elucidação dos eixos dos principais pressupostos da Política Nacional, para, em seguida, levantar um quadro sobre a estruturação nacional desses órgãos

relacionados às políticas públicas, com ênfase nas problemáticas das drogas. Elas apresentaram os principais tópicos de política da Saúde para Atenção Integral aos Usuários de álcool e drogas, e com isso permitiram um panorama sobre conceitos que orientem essas práticas com relação às substâncias psicoativas no país.

As autoras desenharam um quadro do uso abusivo de substâncias psicoativas em nossa sociedade, e confirmaram a complexidade acentuada desse contexto. Afirmaram que as consequências do uso e abuso de drogas psicoativas tem grande influência nos fatores externos, como: violência, agressão, mortes, sérios problemas familiares, perdas afetivas e que essas drogas provocam reflexos na saúde pública brasileira, tais como: internações, atendimentos de emergência, etc., que, afinal, constituem um problema social aqui no Brasil.

Ao se abordar um problema social, vê-se que o objetivo das políticas públicas de saúde está voltado para diminuir e inibir problemas, ao invés de gerar políticas preventivas de saúde, que deem condições a uma melhor reflexão e a atuações antecipadas. Essa crítica é pertinente às políticas de saúde existentes, pois elas estão voltadas basicamente para a punição ou para o tratamento. Existem dois modelos para abordar a questão: o primeiro seria o “usuário-criminoso” e o segundo seria “o usuário-doente”. Essas duas abordagens estão imbricadas, pois o poder policial passa a ter uma grande autonomia em perseguição a esses usuários e os trata como criminosos e depois esses mesmos usuários podem ser “descriminalizados”, se forem submetidos ao tratamento médico.

Outros dois modelos são revistos: o biomédico em que o alcoolismo visto como enfermidade psicobiológica, com intervenções voltadas ao ambiente; e o modelo geopolítico estrutural, que considera a droga como um problema grave, mas inclui fatores judiciais de punição, políticos, econômicos e geográficos; voltando suas intervenções para o fortalecimento de estruturas governamentais, tais como medidas contra a venda, consumo e tráfico, para, com isso, diminuir a oferta-demanda. “Ambas as medidas não estão sendo bem-sucedidas, pois não vêm apresentando resultados positivos em termos de impacto social”. (Ibid. p.3)

Bastos et. al. (2008), realizaram uma pesquisa para avaliar padrões de consumo de álcool e drogas com uma amostra representativa da população urbana brasileira, com o objetivo de descrever e mensurar padrões de consumo de álcool e drogas, assim como analisar fatores sociodemográficos e comportamentais possivelmente associados ao consumo dessas substâncias. Para isso foram

realizadas amostragens probabilísticas com ambos os sexos, com faixa etária entre 16 e 65 anos, num total de 5.040 pessoas. A análise de dados permitiu concluir que, quanto mais velha a pessoa, maior é a propensão ao uso de álcool. Além do mais, os frequentadores de festas, bares, boates tiveram 73,3% mais chances de usar drogas.

“O uso regular de álcool se mostrou relativamente prevalente na população geral e concentrada nos homens, maiores de 30 anos, de cor não branca; além do mais, a religião está associada à proteção e ao não uso de bebidas”. (Bastos et. al., 2008, p.116)

Nessa amostragem, não foram avaliados os vínculos e relações familiares que, por ventura, poderiam estar dando suporte a esses indivíduos usuários dessas substâncias. Também foi possível perceber críticas para a validade dos achados, mas os autores se defendem, alegando que os inquéritos populacionais são de poucos erros sistemáticos que possam invalidar comparações e contraste realizados. As críticas mais contundentes a essas limitações se referem à natureza subjetiva dos dados coletados e à possibilidade de omissão das informações dos entrevistados. No entanto, seria inviável introduzir exames laboratoriais, pois haveria constrangimento por parte dos entrevistados. Temos, então, outro fator a ser considerado quando se trata da validade desses dados, ou seja, a introdução de exames laboratoriais para que se possa dar mais confiabilidade aos achados da pesquisa.

Concluimos que a pesquisa com enfoque quantitativo, neste caso em particular, pode nos remeter a generalizações e a uma não confiabilidade dos dados obtidos, pelo fato de os entrevistados poderem omitir a verdade. É importante ressaltar que práticas religiosas e preferências de lazer, tais como exercícios físicos, estão fortemente associadas ao não uso e abuso de álcool e outras drogas. (Ibid.)

Galduróz e Caetano (2004) colheram dados do Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID – em que foram pesquisadas as 24 maiores cidades do Estado de São Paulo, num total de 2.411 entrevistados, em que 6,6% da população estavam dependentes do álcool. Após dois anos, a mesma população foi pesquisada e constatou-se um aumento estatisticamente significativo para 9,4% de dependentes.

## **1.3 Levantamentos Específicos**

### **1.3.1 Internações hospitalares por dependência de drogas**

Num levantamento feito em todos os hospitais e clínicas psiquiátricas de todo o Brasil, no período de 1988 a 1999, o álcool foi responsável pela incidência de 90% de todas as internações hospitalares por dependências, com variação de 95,3%, em 1988 – o que equivale em números absolutos a 62.242 internações, contra 4,7% (3.062) de todos os outros diagnósticos de internações por substâncias psicoativas – a 84,4%, em 1999. As internações por alcoolismo, na década de 1990, podem estar refletindo uma ênfase, cada vez maior, no tratamento ambulatorial. Infelizmente, o país não dispõe dessas estatísticas. (Ibid., p.4)

### **1.3.2 Dados do Instituto Médico Legal (IML)**

Foram avaliados os laudos cadavéricos do IML de São Paulo, de 1987 até 1992, num total de 120.111 laudos. Um total de 18.263 laudos foi positivo para a alcoolemia, média de 2.605 casos por ano. Entre 1990 e 1995, na cidade de Curitiba (PR), os processos por homicídio ocorridos mostraram que 53,6% das vítimas e 58,9% dos autores dos crimes estavam sob efeito de bebidas alcoólicas no momento da ocorrência criminal. (Ibid., p.4)

### **1.3.3 Álcool e acidentes de trânsito**

Um estudo realizado em 1997 pela Associação Brasileira dos Departamentos de Trânsito (AB DETRAN) em quatro capitais brasileiras, aponta que Brasília, Curitiba, Recife e Salvador, mostram que das 865 vítimas, 27,2% apresentaram alcoolemia superior a 0,6%, limite permitido pelo Código Nacional de Trânsito de 1997. Outro importante estudo realizado, em 1995, pelo Centro de Estudos de Abuso de Drogas (Cetad/UFBA) cotejou o consumo de bebidas em situações de lazer. Foram entrevistadas pessoas em bares e na orla marinha de Salvador, onde se constatou que 37,7% já haviam sofrido acidentes por embriaguez. Em 1997, o

instituto Recife de Atenção Integral às Dependências (RAID) fez estudo semelhante ao de Salvador e ficou constatado que 23% dos entrevistados apresentavam alcoolemia de 0,8%. A população brasileira ainda não reconhece o ato de dirigir bêbado como um problema. (Ibid., p.4)

Pinsky et.al., (2004) apontam estudos em que foram investigados bares, cruzamentos de avenidas e hospitais e perceberam que 53% dos motoristas apresentavam algum nível de álcool no sangue e que 27% estavam acima do limite legal. Em pedestres, foram encontrados 53,2% com uso positivo do álcool e em 50,6% de todas as outras vítimas de acidente de trânsito a alcoolemia foi constatada. Os mesmos autores relatam que, no âmbito internacional, muito está sendo feito para contornar esse problema.

#### **1.3.4 Indicadores de mercado de consumo de bebidas alcoólicas**

Quanto ao consumo de bebidas alcoólicas, a cerveja aparece em primeiro lugar, com 54 litros *per capita*/ano, depois a cachaça, com 12 litros *per capita*/ano, seguida pelo vinho, com 1,8 litros *per capita*/ano. Segundo a OMS (1999), o Brasil está situado no 63º lugar no uso *per capita* de álcool na faixa etária de 15 anos, entre 153 países - consumo razoavelmente discreto. Entretanto, quando a OMS compara a evolução do consumo entre as décadas de 1970 e 1990, em 137 países, o Brasil mostra um crescimento de 74,5% no consumo de bebidas alcoólicas. De fato percebe-se um crescimento na ordem de 3% a 5% ao ano. Seria importante enfatizar os estudos epidemiológicos no Brasil, com um enfoque na sua ampliação e também na renovação sistemática dessas pesquisas. Por certo, o álcool interfere na etiologia e manutenção de vários problemas sociais, econômicos e de saúde em nosso país. (Ibid., p.4)

A despeito da necessidade de estudos metodologicamente bem realizados que possam contornar as dificuldades dos dados estatísticos encontrados, um exame crítico dos pressupostos supracitados permite concluir que há tendência de aumento da ingestão de bebidas alcoólicas na população do Brasil. Este é um ponto nodal de preocupação de saúde pública que necessita de programas preventivos que possam, de certa forma, promover o desenvolvimento de atitudes mais críticas para melhor conscientização do transtorno pessoal e social do alcoolismo.

## **CAPÍTULO II**

### **PSICOLOGIA ANALÍTICA E ALCOOLISMO**

Para entrarmos em alguns aspectos da adição conforme abordada na psicologia analítica, ressaltaremos alguns pontos pertinentes. Em primeiro lugar, daremos atenção à correspondência entre Bill Wilson (co-fundador da Associação Alcoólicos Anônimos - A.A.A) e C. G. Jung, sobre o problema do alcoolismo. A carta recebida por Jung relata que palavras de Jung ao seu ex-paciente, Roland H., foi uma das bases para o início do A.A.A. Nela o psiquiatra ressalta o incômodo de mencionar a compreensão espiritual como promotora de uma possível recuperação, o que na época poderia ser visto como algo não científico.

A seguir refletiremos sobre a postura de C. G. Jung sobre o alcoolismo e, para tal, tomaremos como base outros autores, a fim de fundamentar essa problemática. Serão focalizados alguns processos do desenvolvimento do ego e ainda abordaremos alguns conceitos arquetípicos que podem nos ajudar a compor a estrutura desse problema.

#### **2.1 Correspondência entre Bill Wilson e C. G. Jung**

Esta correspondência foi retirada, em partes, da Revista Junguiana – Dependências, (s/d, p.10), (Anexo F). Eis um comentário sobre ela.

Na história da Associação dos Alcoólicos Anônimos (A.A.A), é essencial a contribuição de C. G. Jung teve para esse movimento. Será ressaltado aqui o valor contido nas cartas entre Bill Wilson e C. G. Jung.

Ao escrever a carta, Wilson, recorda a Jung o antigo paciente, Roland H., diagnosticado alcoolista, que esteve sob seus cuidados no ano de 1931. Mencionou as sucessivas recaídas e as muitas tentativas, frustradas, de se curar, antes que fosse procurar o Doutor Jung, para mais uma oportunidade de abandonar o vício do álcool. Wilson relata também o apreço que Roland H. tinha por Jung. Em trechos da carta ele escreve: *‘Sua admiração pelo senhor não tem limites e ele partiu confiante’*.

Entretanto, no início do tratamento Roland voltou a beber em demasia, mas confiante na ajuda de Jung voltou a procurar os cuidados do psiquiatra. Nesse episódio, segundo Willson, ocorreu uma conversa que veio a se tornar amálgama do vínculo da fundação dos A.A.A.. O senhor afirmou para ele o seguinte, *'que acima de tudo não tinha esperança, no caso dele, quanto à eficácia do tratamento médico ou psiquiátrico'*. Esta sua afirmativa ingênua e humilde foi sem dúvida a primeira pedra fundamental sobre a qual nossa associação se ergueu.

No entanto, quando Roland indagou se havia uma esperança de cura, recebeu a seguinte resposta: *'caso ele pudesse se submeter a uma experiência espiritual ou religiosa, em síntese, experimentar uma conversão religiosa'*. Com essas palavras de incentivo e provocação, Jung estava abrindo um caminho para o paciente, ou seja, se ao menos tentasse, Jung poderia incentivá-lo no abandono do vício. Mas houve também um alerta de que *'embora tais experiências tivessem recuperado alguns alcoólicos, elas eram, entretanto, raras'*, e que também *'poderia se colocar numa atmosfera religiosa e esperar pelo melhor'*. Esta foi a essência do conselho que C. G. Jung deixou para a reflexão de seu paciente.

Depois de um silêncio longo sobre a sua posição diante do alcoolismo e poucos meses antes de sua morte, Jung respondeu a Bill Wilson em 30 de janeiro de 1961.

Jung se recorda do paciente de trinta anos atrás, e diz em carta que frequentemente se perguntava sobre o destino de seu ex-paciente. Na continuidade da carta recebida por Wilson, diz: *'A razão pela qual não pude dizer-lhe tudo foi que, naqueles dias, eu tinha que ser extremamente cuidadoso com o que dizia. Eu verifiquei que fui mal compreendido das mais diferentes formas. Assim, fui muito cuidadoso quando falei com Roland H.. Mas o que eu pensava a respeito do assunto era o resultado de muitas experiências com homens deste tipo'*.

E Jung segue, afirmando sobre uma união com o poder superior e de uma experiência real que só pode se realizar quando se anda em um caminho que possa conduzir ao conhecimento e entendimento superior. Relata em sua resposta que: *'você pode ser levado a essa meta por um ato de graça, ou através de um contato honesto e pessoal com amigos, ou através de uma educação mais elevada da mente, que vai além dos confins do mero racionalismo'*. Afirma, ainda, que o ser humano tem que estabelecer esse contato com o transcendente, pois só assim será possível o desenvolvimento da personalidade como tal e sua cura. Em suas



palavras *‘Um homem comum, que não seja protegido por uma ação proveniente de cima e que esteja isolado na sociedade, não pode resistir ao poder do mal, que é muito adequadamente chamado de Diabo’.*

Esses são os reais motivos que levaram Jung a não se expor totalmente ao seu paciente Roland H., na época de seu tratamento. E, em conclusão de sua resposta sobre o alcoolismo, o psiquiatra suíço afirma que *‘álcool em latim é “spíritus”, e se usa a mesma palavra para a experiência religiosa mais elevada, assim como para o mais perverso veneno. A fórmula auxiliadora é, pois, “spiritus contra spiritum”’.*

## **2.2 Conceitos da psicologia analítica e o alcoolismo**

É fato que, em toda a sua obra, C.G.Jung falou muito pouco a respeito do alcoolismo e há uma literatura insuficiente na Psicologia Analítica. Em 1913, Jung escreveu um artigo intitulado “Distímia Maníaca – Distúrbio de humor na mania”, no qual reproduzia e argumentava sobre alguns casos desses distúrbios e desenvolvia argumentos sobre ele. Um dos sintomas discutidos era o alcoolismo.

Para Jung (1913/1994, p.115), o foco básico era um estado hipnótico, não psicótico, mas assinalado pela “instabilidade emocional com predominância da distímia eufórica, fuga de ideias, distração e atividade exagerada”. Desta instabilidade, redundava o que ele chamou de sintomas indiretos, tais como “superestima pessoal, ideias megalomaniacas, alcoolismo e outros defeitos morais”. (Ibid.)

Ao que parece, a capacidade intelectual dessas pessoas era íntegra, mas diferia de suas condutas e comportamentos externos no meio social, isto é, apresentavam uma atitude um tanto disparatada; “e o peso maior está no campo da anomalia emocional” (Ibid., p.134). “Eram, portanto, reações exageradas, por causa de sensações de prazer ou do álcool” (Ibid., p.123). Tal anormalidade emocional levava à perseguição da satisfação, própria de um temperamento excessivamente sanguíneo, e que provia ao intelecto

[...]“uma base movediça e não lhe permitia a necessária constância nas acentuações dos sentimentos; e sem estas não terá argumentos e juízos capazes de influenciar as decisões e vontade”. (Jung,1913/1994, p.134)

È difícil saber quanto se deve atribuir ao diagnóstico “distúrbio da disposição maníaca” e também problema real da bebida. Ponderemos que, de fato, a instabilidade emocional, instalada desde a infância, é agravada e intensificada pelo álcool. (Bauer, 1982)

Interessante notar que vários alcoolistas ‘fervorosos’ se encaixam nas mesmas palavras expressas por Jung, ou seja, quando bebem são irresponsáveis, inquietos, indignos de confiança, manifestam muitas ideias grandiosas e outros defeitos morais estigmatizados pela sociedade (ver Cap.VII). Contudo, essas mesmas pessoas, quando recuperadas e afastadas do álcool, comportam-se de uma maneira totalmente diversa de quando alcoolizadas, e de suas personalidades pré-alcoólatras, nesse caso, já então emocionalmente instáveis. (Ibid.)

De qualquer modo, é fácil observar no pressuposto de Zoja (1992, p.16) que, “no caso de alguém que bebe, podemos resumir dizendo que o ambiente se opõe à sua embriaguez, mas não necessariamente ao seu alcoolismo”. O autor continua advertindo que, se novos valores encontrados pelos adictos não forem significativamente restabelecidos, podemos considerar, quase como certa, uma recaída do mesmo uso. Para Jung (1944/1991, p.75), isso significa “que muita coisa deve ser assimilada no âmbito da personalidade, ainda que no momento tal coisa pareça penosa ou mesmo impossível” para que o alcoolista tenha a sensação de pertencer ao mundo.

Zoja (1992) realça que, quando nos confrontamos com pacientes adictos, a sensação que temos é de estarmos diante de algo mais difícil do que o freqüente. Tal questão é explicada porque eles parecem pessoas com as quais há um obstáculo a mais e mais estranho que em outras situações.

Neste sentido, buscando uma ligação com Zoja, acima citado, podemos verificar que para a psicologia analítica, a espiritualidade, de certo modo, pode estar diretamente unida à adição ao álcool. Isso nos leva a pensar que o álcool pode conter um caráter religioso, isto é, de um arquétipo, que arrebatava, incendeia o emocional. Tal elemento etílico fascina, é um *numem*, torna-se irresistível e escapa ao domínio da pessoa, que vive uma experiência dentro do espaço profano, ou seja, como tal desliga-se do sagrado.

Para Xavier (2006), as religiões instituídas são de grande importância, quando servem de sistemas simbólicos. Elas podem ter um caráter ordenador e configuram formas ao processo inconsciente e ao *numem* arquetípico. A falência

desse sistema simbólico, “pode nos levar à privação do sentimento religioso” (Elíade, 2001, p.19) e, conseqüentemente à decorrente substituição por outros símbolos, tais como, alcoolismo, individualismo, hedonismo, consumismo entre outros.

Bauer (1982) relata que Jung, após ter escrito *Tipos Psicológicos*, ressaltou que os homens são mais fortes exteriormente, o que é próprio da sua lógica e objetividade; no entanto, elas são mais tênues internamente, em razão da inconsciência de seus sentimentos e reações unidas a *anima*. O homem é mais vulnerável a tornar-se vítima de impulsos que se originam no inconsciente, sob o aspecto do alcoolismo. Neste sentido, Jung (1911/1995, p.166) adverte que a regressão vai muito além da fase infantil e se aprofunda na fase pré-consciente. Ela faz surgir imagens arquetípicas que não mais se somam a lembranças individuais, porém tocam o campo de “possibilidades imaginativas hereditárias que renascem com cada ser humano”. (Ibid.)

Todavia, é interessante perceber a dinâmica da personalidade que Jung atribui aos alcoolistas, para que possamos compreender este estado de maneira mais ampla e adequar parâmetros estabelecidos por ele e que vise atentamente aos fatores internos, arquetípicos, como elementos estruturais de tal comportamento. É de suma importância relevar essa possibilidade para que possamos ter um foco, um apoio, para tentarmos entender esse funcionamento.

Zoja (1992, p.128) observa que o álcool envolve uma característica aditiva e “é um fator de dependência patológica potencial dos mais sérios”. Mas neste caso, “o que serve de defesa e de obstáculo não é a propriedade da substância, e sim a antiga forma de ritualização do uso”. (Ibid.)

Afora os elementos psicológicos, internos, de caráter subjetivo, esse mesmo autor aponta que cada identidade e cada papel são edificados no processo de crescente refino e diferenciação, a partir de temas arquetípicos elementares muito mais incerto de reconhecer quanto mais particular for a identidade estruturada pelo indivíduo e quanto mais os papéis tiverem evoluído num sentido de especialização dentro de uma sociedade.

Porém, não basta considerar a entrada no universo da adição,

“como uma opção ativa com a qual, mais ou menos consciente, o indivíduo tenta remediar aquela carência adquirindo uma identidade e um papel bem precisos, e até aberrantes, porque primitivos”. (Zoja, 1992, p.20)

Zoja (1992), aponta o comportamento do adicto como um escape para outro mundo, o mundo do álcool como o mais inocente e inconsciente para ele buscar uma identidade própria e um papel definido, ainda que negativos, dentro dos valores conservadores da sociedade. Na pior das hipóteses, ele fará uso do álcool não um escape da sociedade, embora se pense na conveniência desse uso, mas antes como uma investida precipitada de a pessoa ligar-se a sociedade, consagrando seu lugar, num território desejado.

Para Maffesoli (2005, p.121), o álcool, no sentido comum do termo, “desaliena; abre uma porta dos possíveis, alivia as pressões sociais e permite que se passe ao ato”. E, em seu aspecto escandaloso, “Dioniso-Bromios vira de pernas para o ar o instituído que se faz mortífero, agindo assim, canaliza o irreprimível” [...]. Esse deus grego tem sua duplicidade e ela é demasiadamente simbólica; pronuncia a contradição do agir: ao mesmo tempo ela une e se revela funesta no momento seguinte.

Assim posto, esta maneira pervertida de agir dos alcoolistas, embora não única, revela uma sociedade que reprime os arquétipos que afinal aparecerão de modo inconsciente e destrutivo. Uma dessas manifestações é um suposto refúgio no álcool, em que predominam os elementos destrutivos. É de todo paradoxal, pois o álcool que favorece a confusão, em grande parte do tempo, propicia a fusão (Zoja, 1992).

Com efeito, o sujeito dependente de substâncias lícitas ou ilícitas encontra-se submerso em uma insuportável realidade, tanto subjetiva quanto objetiva, e não consegue mudá-la. Sua única saída, no entanto, será a alteração desta mesma realidade. Nota-se que a interação com a droga parece ser a única forma que se instaurou na vida do dependente, de tornar efetivo seu uso diante de um súbito ato impulsivo. Para Silveira (1996, p. 28), [...] “não se trata do desejo de consumir drogas, mas da impossibilidade de não as consumir”.

Esta ligação, sujeito e fuga da realidade, é eficaz enquanto a droga for a guia mestra para a alteração da percepção de uma dolorosa realidade. Fazer uso dela é uma forma de levar uma vida estéril. No estado alcoolizado o ego fica indiscriminado e compulsivo. É o risco de sua existência ilusória. Segundo Kaplan e Sadock,

“a intoxicação [...], costuma aumentar a sensibilidade dos usuários a estímulos externos, revela novos detalhes [...], retarda a apreciação subjetiva do tempo. Podem experimentar despersonalização e desrealização”. (Kaplan e Sadock, 2004, p.118)

Notamos aqui um empobrecimento do ego dentro de uma busca sem fronteiras para um alívio imediato. Não há um adiamento de gratificação e nem melhor elaboração de situações vindouras. O alcoolista não faz uso de recursos sofisticados. O funcionamento primitivo prevalece, isto é, ele (alcoolista) vai à busca do prazer instantâneo. É neste contexto que a psicologia analítica compreende a adição.

”Trata-se de um veneno que paralisa a função normal da apercepção e dá livre curso aos fatores psíquicos que estão à base da percepção dos sentidos, removendo a camada superior da apercepção que produz a imagem “exata” do objeto como ele nos parece”. (Jung, 2002a, pp.390-391)

Esse é um fator complicado e de risco, pois a percepção distorcida representa a invasão do inconsciente sobre o ego, e este distorce o real que se encontra a sua frente pela invasão das emoções vindas da psique. Dessa maneira, “essas imagens se tornariam fantasias de uma falsa representação do real”, (Jung, 2002a, p.391), relativamente enfadonha e banal, sem emoção e pobre de sentido. Jung acrescenta que o processo normal da percepção e apercepção conscientes visam a produzir uma representação “correta” do objeto, excluindo todas as variantes subliminares da percepção. No entanto, o álcool vem a ser um fator que contribui para alterar o processo perceptivo e revelar a percepção distorcida de um mundo aparente de riquezas intermináveis. Ele obtém com isso, de forma instantânea, um contato mais aberto com a psique. Assim, o alcoolista não mantém uma ligação real e completa com sua realidade.

[...] “é um atalho e, por isso, tem como resultado apenas uma impressão estética, talvez impressionante, mas que permanece isolada, sendo uma experiência não integrada e pouco contribuindo para o desenvolvimento da personalidade humana”. (Jung, 2002a, p. 391)

Para Jung (2002a, p.392), tanto a droga como o álcool “nunca facilitarão uma experiência transcendental, essa é uma ideia absurda”. Ela pode sim, por meio

deles, revelar camadas inconscientes das possibilidades perceptivas e emocionais do sujeito, mas de maneira alguma seriam transcendentais. “Este experimento pode ajudar, apenas, quem queira convencer-se da existência real do inconsciente”. (Ibid.)

Contudo, há que se perceber que o indivíduo vive um impasse entre liberdade e dependência; ele acha que tem o domínio em si próprio para uma escolha salutar. Entretanto, tal escolha essa que o distancia de uma possibilidade integradora e verdadeira entre ego e *Self*.

A alienação do alcoolista consiste em não reconhecer e nem vislumbrar a participação do inconsciente em sua vida como uma possibilidade de ajuda para que o ego possa restabelecer um contato com o *Self*.

O adicto estaria num estado de alienação psicológica provocada pela dissociação do ego-*Self*. Porém, esse estado de alienação pode ser a oportunidade de se ter uma experiência do numinoso, visto que “a experiência arquetípica tem maior facilidade de se manifestar quando o ego fica sem seus recursos próprios e se torna cômico de que é essencialmente incapaz”. (Edinger, 1972, p.81) Assim, o ego deve desidentificar-se com o *Self* para perder sua posição inflada e, só dessa forma, ele, o ego, poderá se beneficiar dos seus ensinamentos. É determinado que se recuse, à primeira vista, “a realidade da natureza arquetípica para o ego se construir como presença”. (Faria, 2003, p.79)

Vemos, então, que o sujeito usuário de substâncias psicoativas, tanto ilícitas como lícitas, detém em si mesmo a possibilidade de saída dessa alienação, pois ele mesmo contém a possibilidade de cura. Como relata Edinger (1972, p.90), “o ego não pode ser um vaso para receber o influxo da graça enquanto não estiver esvaziado seu próprio conteúdo inflado. E esse só ocorre através da experiência da alienação”.

Para melhor entender o enfoque acima, devemos nos deter agora ao elemento do sacrifício porque ele nos dará um novo ponto de apoio para esse intrincado movimento entre ego e *Self*. O sacrifício é muito mais complexo do que parece, e o esforço básico do ego está em não se submeter ao *Self* e também em não reconhecer sua própria limitação. Contudo, para o ego integrar novos valores e perspectivas e ainda possibilitar a conexão de novos elementos simbólicos, ele necessita passar pela função do sacrifício. Importa, então, estudar brevemente esse processo.

Para Edinger (1972, p.316), o *Self* sustenta a realidade do ego. Esse autor direciona a existência desta vinculação em termos psicológicos, e afirma que: “Algumas vezes, a totalidade transpessoal deve ser alimentada pelo sangue sacrificial do ego”, e em outras, “o ego não pode sobreviver sem entrar em contato com os efeitos produtores da vida do sangue sacrificial do *Self*”. (Ibid.) Esse processo de base da vida psíquica é representado no autêntico mito cristão.

Olhando um pouco para essa experiência, entende-se que tanto o ego como o *Self* “são essência efetiva desencarnada que só pode vir a existir através da perda da forma concreta particular” (Edinger, 1972, p.319), de cada um. Eles alternam suas representações, para que possam coexistir de forma equilibrada, para, só assim, o ego terá tempo de fenecer e reestruturar ao imperativo do *Self*.

Parece que toda esta experiência está voltada para as quatro funções do sacrifício discutidas por Edinger (1972, p.321). De acordo com a discussão, interfere-se que “o equilíbrio deve ser restaurado por meio de um sacrifício do ego em favor do *Self*”. Como, também, “o movimento vai do divino para o humano, indicando um relativo esvaziamento do ego (pobreza de espírito) que requer um influxo mantenedor do inconsciente coletivo e transpessoal”. (Ibid.) O deslocamento da energia parte do divino para o humano e cabe, logo, a uma natureza que suplica o desenvolvimento da natureza, ou seja, “a experiência justifica o termo sacrifício para descrever a desistência relutante da permanência em velhas formas de ser”. (Ibid.) Finalmente, cabe “ao sacrifício do ego pelo ego em favor do duplo propósito de desenvolvimento do próprio ego e de cumprimento do seu destino transpessoal”. (Ibid. p.322)

O exame dessa relação deve ser assiduamente averiguado, pois ele corre o risco de uma identificação. Na concepção de Jung (1951/1998a, p.21), esses conteúdos assimilados ao eu, “quanto mais significativos forem, tanto mais o eu se aproximará do *Self*”. Nesse caso, o pai do conceito de inconsciente coletivo, ressalta que, de forma fatídica, a uma inflação do eu, “caso não faça uma separação prática entre este último e as figuras inconscientes” (Ibid.).

Para Jung (1968/2003, p.194), o esforço básico dessa *opus* levaria à percepção da diferenciação da consciência e ao reconhecimento da bizarra influência do mestre (Deus) das almas, “posto que ele promove o desenvolvimento de qualquer tipo de consciência”.

Assim, o *modus operandi* do farmacodependente é o de concretizar de maneira imediata os seus desejos instantâneos, sem perceber que ele está perdendo o contato consigo mesmo. Com efeito, esse dependente não deixa que a sua vivência ecoe dentro de si e, portanto, não absorve para que sua alma possa saborear essa experiência dada pelo universo e, ao mesmo tempo, integrá-la e vivê-la intimamente. [...]“essa pessoa está ausente da experiência”. (Woodman, 2003, p.66)

Ressaltamos acima a tão árdua labuta que o ego tem que, constantemente, enfrentar, para assimilar as forças arquetípicas simbólicas, para sair de seu estado primitivo e apresentar um desenvolvimento saudável e próspero, para, assim, ele irá se realizar tanto pessoal como coletivamente. È, portanto, pertinente ressaltar que identidade e papel social são arquitetados ao longo de um árduo processo de constatação da fundamental vereda de diferenciação, totalmente dependente de elementos arquetípicos.

Sabe-se que Jung ([1959]2007) investigou a existência da psique, considerando seu reconhecimento pela constância de conteúdos próprios de serem conscientizados. Os conteúdos do inconsciente pessoal são elementos do complexo da totalidade emocional e os conteúdos do inconsciente coletivo são chamados arquétipos.

“Archetypus é uma perífrase explicativa do platônico. Para aquilo que nos ocupa, a denominação é precisa e de grande ajuda, pois nos diz que, no concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos. O termo *représentations collectives*, usado por LÉVY-BRUHL para designar as figuras simbólicas da cosmo-visão primitiva, poderia também ser aplicado aos conteúdos inconscientes, uma vez que ambos têm praticamente o mesmo significado. (Jung, 1959/2007, p.16-17)

Esses enredos arquetípicos são aleatoriamente autônomos, da mesma forma que os conteúdos numinosos; eles não podem, de forma alguma, ser incorporados de maneira racional, pois demandam um processo dialético, ou seja, um debate exaustivo entre os elementos simbólicos e o ego, para serem apreciados. Assim, Jung (1959/2007, p.199) aponta que, “quando não são mais expressos em figuras tidas como religiosas, voltam para o inconsciente, ocasionando a projeção inconsciente sobre personalidades humanas, mais ou menos adequadas”.



Maffesoli (2005, p.118) afirma que o álcool, sob suas incontáveis formas, vem a ser uma escolha, e que sua influência não deve ser desprezada. “Não é à toa que é utilizado em diversos ritos ou cerimônias que pontuam a existência da sociedade”.

O autor observa um paradoxo, que, neste caso, é dinâmico, em unir Dioniso e ordem, pois ele emprega em si, sua qualidade de centralizador. Efetua, de alguma forma, “a interface entre a natureza e a cultura, permitindo, a um só tempo, o acesso ao instintual e o aprofundamento da socialidade”. (Ibid., p.119)

Sabemos que para Jung ([1959]2007, p.75), a dimensão da nossa compreensão acerca do homem pode ser entendida continuamente e estará à mercê do influxo de ideias dominantes, oriundas do inconsciente. “Um ser humano sem uma *représentation collective* dominante seria um fenômeno totalmente anormal”. (Ibid.) O esforço básico de Jung é integrar a experiência. Ele afirma que “o inconsciente não alimenta intenções blasfemas, procurando unicamente restituir ao mundo religioso o Dioniso perdido, que de certa forma faz falta ao homem moderno”. (Jung, 1954/1991, p.154) E enfatiza:

“O episódio dionisíaco tem a ver com a emocionalidade ou a afetividade humana que não encontrou uma forma religiosa adequada de expressão na ética e no culto cristãos, predominantemente apolíneos”. (Jung, 1954/1991, p.154)

Em sua exposição sobre o tema, Jung (1930/1998, p.105) ressalta que este empenho é o ‘ponto central’ da personalidade, “a meta, esse ponto indescritível entre os opostos: o elemento unificador de ambos, o resultado do conflito, ou então o ‘produto’ da tensão energética”.

Por meio dessas discussões podemos vislumbrar o tomo dos elementos simbólicos que constituem, entretanto, nossa condição psíquica, e deles teremos contribuições para o desenvolvimento da consciência. Todavia, esses dados devem entrar em contato com a nossa parte consciente, o que dependerá de um esforço do ego, para que ele possa, de uma forma ou outra, ser incorporado no todo psíquico, para, então, termos a possibilidade de uma vida mais ampla e plena.

Para López-Pedraza (2002, p.85), a imagem dessa energia (possessão) nos liga ao inconsciente e aos estados da natureza humana sumamente complicados. Num outro contexto, e direcionando essa ambivalência inata a Dioniso, percebemos que tal aproximação tanto é uma bênção como uma maldição. A essa altura, damos entrada no solo da loucura por adição ao álcool. Outro nome que Dioniso carrega é *oinos*, 'vinho'; "o vinho em si é o nome de um deus e não há dúvida de que, ao beber um copo de vinho, tem-se acesso mais imediato a Dioniso no corpo". (Ibid.)

Este mesmo autor prefere ver Dioniso como o deus da embriaguez e da intoxicação (estados que acontecem em todas as culturas) e inserido num contexto geográfico. López-Pedraza, de fato, prefere não assimilar outra conexão, que por ventura possa ter com divindades similares. Sabe-se que Dioniso, em ritual totalmente individual, estabelecia a conexão com outros deuses e deusas; ele fazia uso de um pragmatismo de estilo de vida e formas.

Tal reflexão nos leva diretamente a pensar na iniciação à bebida. Podemos considerar seu início, na adolescência, em que, sem saber aproveitar a bebida, ela pode ser ingerida em demasia e a consequência vir a ser uma ingrata ressaca. Ao aprender a beber propriamente, em situações sociais, evita-se o risco do enlouquecimento; "e estas manifestações realçam de maneira clara a autonomia do arquétipo". (Jung, 1952/2007a, p.245)

Ainda para López-Pedraza (2002, p.89), a cultura dionisíaca do vinho está reprimida. "A ciência titânica carece de imaginação para apreciar que um copo de um bom vinho fala ao coração e, só isso, pode curá-lo". No entanto, Dioniso pode ser visto como o deus das mais fortes dependências, podendo ser ela o álcool ou os narcóticos. Essas possessões surgem da interioridade da psique, quando não reconhece e nem integra essas forças divinas. Entendemos que "os alcoólatras e os adictos não comem, como se a relação entre Deméter e Dioniso tivesse se quebrado" (Ibid., p.88). Entretanto, "Dioniso contém em si mesmo um amplo espectro de estados de possessão e loucura, o alcoolismo, o duende e as emoções geradas pela tragédia imagética dionisíaca" (Ibid., p.100).

Em estudos relacionados, vemos Dioniso representar o alcoolismo com consequências perturbadoras às emoções. Esse deus tornou-se conhecido como o deus da loucura, o enfermo, o entorpecido. No dizer de Bauer (1982, p.79), "são os mesmos epítetos que os heróis gregos impingiam a Dioniso, agora implícitos em referências aos alcoólatras". Quiçá muito mais do que outra área em nossa cultura,

em se tratando do alcoolismo, os arquétipos são colocados frente a frente, ajustados, solitariamente, como antagonistas desarmonizados – a sobriedade *versus* a embriaguez -, distantes de serem reconhecidos e conectados em uma relação adicional.

Reza uma das variantes do mito que, onde está Dioniso, as rochas se fendem, as águas se precipitam, as cadeias se quebram nas prisões, as barreiras desmoronam e a inspiração toma o lugar da rotina. Tudo o que foi encerrado irrompe e a terra emana leite, vinho e néctar (Bauer, 1982).

Bauer (1982) frisa que, de qualquer maneira, os milagres de Dioniso reportam ao divino, não aos seres humanos. Desta forma, ao se identificar com o deus e desafiar as limitações inerentes a cada um, quando busca o álcool, aparece, inevitavelmente, o lado sombrio do dependente. Ele converte-se, nessa situação, em deus da loucura e da aniquilação, em que uma das formas é o alcoolismo.

Assim, para Jung ([1944]1991, p.154) [...] “a embriaguez, essa forma de possessão imediata e perigosa, desligou-se dos deuses, envolvendo por isso o mundo dos homens em seu excesso e seu ‘pathos’”.

A maneira como tudo isso pode ser reconciliado e integrado, buscando elementos idiossincráticos, dentro das circunstâncias que podem estabelecer pontes para uma possível reconciliação, será objeto de nossa discussão nos próximos capítulos.

## CAPÍTULO III

### RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE

Este capítulo resume alguns dos conceitos básicos sobre religião e espiritualidade, sem ter a pretensão de esgotá-los, e discorre sobre o modo como estes têm se desenvolvido nos últimos tempos. O binômio, religião e espiritualidade, vêm crescendo na literatura sobre adição e está ganhando corpo, aos poucos, nos meandros científicos.

#### 3.1 Dificuldade de conceituação

Os indiscutíveis êxitos e sucessos alcançados pela ciência, seja ela física, natural ou humana, deixam a esperança de que um dia seria factível desvelar nosso universo, descobrindo teorias possíveis para ‘todas as coisas’, para tudo quanto existe: um método universal próprio para definir os profundos mistérios do ser humano e do cosmos, que nos amparasse e nos envolvesse; para explicar nossa realidade, tanto física quanto psíquica. (Küng, 2007) No entanto, as teorias e modelos físicos não são descrições literais da realidade, mas, sim, “tentativas simbólicas e seletivas de reproduzir as estruturas do mundo responsáveis por determinados fenômenos particulares que podem ser observados. [...]” (Ibid., p.22)

Se espaço e tempo já não pode ser considerados separadamente, porque são grandezas muitíssimo maleáveis (Küng, 2007), o mesmo podemos pensar sobre religião e espiritualidade, pois são fenômenos que estabelecem significado e grandeza ao ser humano, dando a esses formas de identidade de modo subjetivo e pertença coletiva.

Jung (1960/1991a, p.123) faz valer, no entanto, que a física proporcionou aos psicólogos que se pode coexistir com o ostensivo *contradictio in adiecto* (contradição nos termos). Embasado nesse pressuposto, por exemplo, podemos alçar vôos perspicazes, “sem ter a sensação de saltar fora dos trilhos do mundo das ciências” [...]. Todavia, não se trata de assegurar algo, mas antes mesmo, de erigir um paradigma que nos direcione a uma discussão de forma mais ou menos benéfica. “Um modelo não nos diz que uma coisa seja assim ou assim; ele apenas

ilustra um determinado modo de observação”. (Ibid.)

Nossa reflexão terá como medida observar a experiência da espiritualidade e buscar perceber de que modo ela é vivenciada, acondicionando-lhe significados sem, no entanto estabelecer uma definição única e singular, pois esta é plástica e maleável em sua complexidade, carece de clareza, ou mesmo, de unificação. Encontramo-nos, pois, “diante de infinitos conceitos deixados inacabados e por muito tempo deparamo-nos com a dificuldade daqueles que não estavam preparados para ultrapassá-los” e [...] “somente a pessoa terá a resposta certa se, ela mesma, prepará-la, para ser conveniente, mas isso não parece muito correto” (Hawking, 1988, p.174).

Discorrer sobre religião e espiritualidade e sobre a relação que daí se forma, requer uma fala especialmente atenta, para não cairmos num ato estático de conceituação distinta, pois é possível apenas tentar compreender essa articulação em sua relevância vital, entendendo que, possivelmente, elas exprimam as mesmas compreensões que dão sentido ao ser humano, em sua busca de significado e responsabilidade por sua existência. Para Einstein (1991, p.26), “o estado da experiência religiosa que pertence a todos é raramente encontrado em sua mais pura forma, e que eu chamaria de sentimento religioso cósmico”.

Neste sentido, cada experiência humana, que está intimamente ligada social e culturalmente, “não pode se desenvolver a não ser dentro da comunicação intersubjetiva, constitutiva do indivíduo humano” (Crespi, 1999, p.51), e a experiência religiosa vem a ser decorrência do delineamento pessoal.

Estamos diante de um mundo imensurável quando tocamos, ou pelo menos, resvalamos, a religião e a espiritualidade. Não é possível abranger, em sua totalidade, esses fenômenos e menos ainda apreciá-los para dar uma única forma conceitual a ambos, pois eles são em si mesmos complexos por sua natureza e exprimem significados constantes de ligação com o sagrado. Por uma questão de método, relacionamos, aqui, a palavra ao contexto físico, teológico, social, filosófico e psicológico, para, assim, conferirmos melhor estrutura, que possa exprimir os significados apreendidos pelo ser humano em busca de sua dimensão e transcendência. Não nos aproximaremos do sentido institucional atribuído aos termos, pois este não é o objetivo deste estudo.

Tanto a religião como a espiritualidade podem ser considerados fenômenos que podem dar capacidade ao ser humano de observar a si mesmo e penetrar em

seu vasto mundo interior, para, assim, esmiuçar, quando possível, suas potencialidades ou não. É perfeitamente compreensível que ambas remetam o ser humano para além do profano e, não obstante, são aliciadoras da busca, eterna, da compreensão do misterioso mundo com o qual nos relacionamos, tanto externo quanto interno. Küng, (2007, p.74) declara que Kant estava convencido de que ‘a ideia de Deus é um limite teórico necessário, que, qual uma estrela, distante, não pode ser alcançada pelo processo do conhecimento, mas de qualquer modo pode ser visado como um ideal a ser atingido’. Esse ideal, podemos admitir, tanto da religião quanto da espiritualidade, seria a relação estabelecida com o Poder Superior no sentido de estabelecer uma ligação e ser a expressão de identidade pessoal e de maturidade psíquica. (Ibid.)

Religião e espiritualidade têm sua origem em diversas expressões, em diversos ritos e mitos, nas instâncias das reflexões e no dinamismo de interiorização. Ambas favorecem precisamente a possibilidade do existir em sua história no mundo como tal, contudo, devem passar pela experiência vivida, para serem absorvida por sua essência.

No que concerne à legitimação da religiosidade e espiritualidade, é importante ressaltar a dificuldade de tocar esses fenômenos complexos em si mesmos, em suas perspectivas compreensivas ou multidisciplinares. Para Valle (1998, p.47-48) isto leva, com desembaraço, “a uma verdadeira salada de dados e conceitos heterogêneos, provenientes da antropologia, sociologia, história e até da neurofisiologia e bioquímica”.

### **3.2 Revisão Conceitual Sobre Religião e Espiritualidade**

Desde os primórdios da humanidade o homem manifesta grande interesse sobre a questão da religião e espiritualidade, ao longo da história, em diferentes épocas ou culturas. Ambas são importantes aliadas das pessoas que buscam um sentido para a vida. Como veremos adiante, há evidências crescentes de que espiritualidade e religiosidade estão associadas à saúde mental e à recuperação do alcoolismo. Essa questão tem sido tratada por autores sob diversos prismas e, por essa razão, é quase que impossível abordarmos o tema em sua integralidade. O critério para a opção das bases teóricas adotadas foi a importância e significado do

binômio acima mencionado, como fator importante para ajudar na recuperação do alcoolismo, e também pelas afinidades conceituais e filosóficas do pesquisador.

Fazendo um recuo no tempo, mais precisamente no século 19, veremos que havia uma valorização do papel da religião nos tratamentos clínicos, tanto nos Estados Unidos como na Europa. O cenário começa a mudar no início do século 20, com os escritos de Sigmund Freud e G. Stanley Hall. Esses autores acreditavam que “a religião gerava neurose e que teorias psicológicas iriam substituir as religiões como propiciadoras de visão de mundo e fonte de tratamento”. (Koenig, 2007, p.1) Tais atitudes negativas em relação à religião, “não eram baseadas em pesquisas científicas nem em estudos sistemáticos, mas primordialmente nas crenças e opiniões pessoais desses pioneiros” (Ibid., p.1). Consequentemente, subestimaram e reprovaram crenças religiosas como um campo de tratamento à saúde mental. Alguns textos fortemente antirreligiosos foram escritos nas décadas de 1980 e 1990 (Ellis, 1988; Watters, 1992)<sup>1</sup>. Entretanto, a ciência apenas começa a caminhar na investigação dos fenômenos religiosos. Em meados de 1960, surge o primeiro *Journal of Religion and Health*, que começa a dar mais validade ao fenômeno religioso.

Na década de 1990 e adentrando o século 21, começam a surgir importantes e sérios pesquisadores com trabalhos científicos sobre religião e espiritualidade em vários países, como Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha, Irlanda, Espanha, Suíça, Alemanha, entre outros. (Koenig, 2007)

Começou-se a observar que a espiritualidade se edifica nos contextos socioculturais e históricos, conferindo disposição e outorgando significado à vida, ou seja, emprestando valores aos comportamentos, experiências e vivências humanas. A interligação entre a religião e espiritualidade e a saúde,

“remonta aos primórdios da história, em que os poderes da ‘cura’ estavam nas mãos dos que lidavam com o espírito (sacerdotes, xamãs, etc), a quem era reconhecido o saber para tratar dos males do corpo”. (Pinto e Pais-Ribeiro, 2007, p. 47)

---

<sup>1</sup> Ellis, A. Is religiosity pathological? *Free Inquiry* 18:27-32, 1988.

Watters, W. *Daedly Doctrine. Health, Illness and Christian God-Talk*. Buffalo, New York: Prometheus Books, 1992.

Nota-se um aumento significativo de estudos e uma importante tendência em explorar, cada vez mais, os fenômenos sobre a religião e a espiritualidade, convalidando essas pesquisas no âmbito da ciência. O mecanismo pelo qual e/ou por meio do qual a religião e a espiritualidade afetam a saúde, no entanto, ainda não está bem esclarecido. Duas são as hipóteses explicativas: a) relação mediada (vários mediadores psicológicos/sociais/fisiológicos explicariam os efeitos encontrados); b) relação direta (os efeitos podem ser encontrados na própria natureza da religião e espiritualidade influenciando a saúde) (Hill e Pargament, 2003).

O espaço a ser dado para a religião e a espiritualidade se mostra com um alto potencial no campo clínico, permitindo avanços e caminhos sólidos para novas pesquisas e discussões.

Como nos lembra (Stanziani, 2002), o final do século 20 e o início do 21 vêm, particularmente, marcados por um paradoxo, em especial na sociedade ocidental. Por um lado, o sinal permanente do desenvolvimento tecnocientífico nos arrebatando, quase que diariamente, através da mídia, fortalece quase que ininterruptamente os vieses da ciência como emissária de salvação e do progredir da raça humana. De outro lado, emerge uma onda de religiosidade e espiritualidade que, entre outras prerrogativas, pode, talvez, representar compensação de um efeito sombrio que, ainda, permanece à margem deste mesmo desenvolvimento.

O desenvolvimento das ciências da saúde levou a uma prática de cuidados entendidos como saúde dessacralizada, e a dimensão espiritual não mais pode ser considerada nesse próprio âmbito. A espiritualidade foi rechaçada dentro do discurso positivista, como pôde ser verificado no último século, decorrente do avanço tecnológico, no qual a própria ciência ainda não encontrou resposta para questão do sentido da vida. (Pinto e Pais-Ribeiro, 2007)

Peres et. al. (2007), aludem estudos realizados por Rainville, sobre estados meditativos que revelaram significativa diminuição da atividade no tálamo, no córtex somatossensorial secundário, na ínsula e no córtex cingulado quando comparado com estado não meditativo; Azari fez outro estudo similar sobre as reciprocidades neurais da experiência religiosa investigada como um fenômeno de atribuição cognitiva. Durante a prece religiosa, notou-se aumento da atividade do circuito frontoparietal, composto pelo córtex parietal frontal e medial pré-frontal e dorsolateral. Essas áreas são subjacentes à sustentação reflexiva do pensamento,



portanto, a experiência religiosa pode ser um processo cognitivo e não apenas uma vivência emocional imediata. Há ainda experimentos que revelam “a evidência de que certas experiências de cunho religioso podem ser simuladas em laboratórios, induzidas por campos eletromagnéticos”. (Marino, 2005, p.92) Esses estudos evidenciam que a consciência religiosa e espiritual tem de certa forma, ligação com a natureza neurofisiológica humana como qualquer outro processo cognitivo e perceptivo e, conseqüentemente, nas estruturas cerebrais neurofisiológicas frutifica o aparecimento de sensações, cognições, percepções ligadas às experiências e vivências religiosas e espirituais.

Podemos observar nos exemplos acima, embora ainda com poucos resultados concretos, uma metodologia que busca evidenciar os efeitos do fenômeno em questão. Há uma pertinência sendo construída nessa relação, e o que desponta são efeitos positivos que começam a surgir em trabalhos realizados com seriedade.

É possível dizer que essa pluralidade trazida pela contextualização da espiritualidade pode representar um patamar para a diferença. Essa mesma diferença se faz presente para a mudança e instalação do que está por vir, ou seja, o novo. O construto espiritualidade tem um valor intrínseco que oferece referencial de significados para o enfrentamento da vida. A inclusão da espiritualidade no âmbito da ciência, no momento atual, no entanto, demanda flexibilidade e atenção para que não venha se perder nos tons de preconceito, erroneamente empregado por céticos positivistas.

O que pretendemos esboçar nessa diferença são as formas de relacionamentos, de envolvimento e significados dados, sobretudo, nos modos de vivência desse fenômeno. Penso que a forma de perceber e sentir o fenômeno amplia a diferença pessoal e coletiva do relacionamento religioso (não vendo nesse uma participação institucional, e sim, o que transcende e eleva), de forma que essa pluralidade de sentimentos possa se manifestar abertamente na participação individual e social. Vale ressaltar, contudo, que o principal objetivo de nossa discussão é procurar identificar o modo como a espiritualidade é vivenciada, considerando também que pode haver uma sobreposição entre religiosidade e espiritualidade (Cook, 2004). Para os objetivos do presente estudo é necessário apresentar uma noção desses conceitos e contextualizá-los conforme as discussões de alguns pesquisadores sobre o assunto.

Consideramos relevante e primordial, em última instância, verificar a relação e o envolvimento da espiritualidade como forma de conduta e expressão diária da vida de pessoas que se envolveram com o vício do álcool e analisar a forma de seu convívio com esse fenômeno. Está fora dos limites deste estudo aprofundar o fenômeno em si, já que fugiria da proposta deste trabalho.

O sentido de espiritualidade aqui empregado, conforme mencionamos na introdução deste trabalho é uma emancipação do ser humano diante de seu encontro consigo mesmo, uma experiência de sentido próprio e que contém um significado de vida maior. Reiteramos a afirmação de Carvalho (1992, p.4), ao salientar que a espiritualidade seria “a maneira como um determinado indivíduo internaliza, desenvolve de modo sempre idiossincrático, uma particular via e modelo de união”.

“Assim, espiritualidade já implica uma dimensão de subjetividade trabalhada, de experiência que transcende a norma ou a expectativa formal da comunidade. Enfim, pode-se ser religioso, no sentido de assiduidade de participação, sem que se tenha uma espiritualidade muito desenvolvida”. (Carvalho, 1992, p.4)

Observamos que não apenas uma participação religiosa, no sentido institucional, pode direcionar o sujeito a um envolvimento espiritual, mas antes mesmo a sua própria busca interna, elevando, assim, sua dimensão a níveis mais altos e transcendentos; com uma ligação verdadeira do seu mundo interno com o externo. Para Cassirer (2005), a própria ideia de homem está intimamente cingida a uma noção de religião.

[...] “o homem é a criatura que está em constante busca de si mesmo – uma criatura que, em todos os momentos de sua existência, deve examinar e escrutinar as condições de sua existência. Nesse escrutínio, nessa atitude crítica para com a vida humana, consiste o real valor da vida humana”. (Cassirer, 2005, p.17)

Indubitavelmente, os conceitos de religião e espiritualidade têm uma longa história de controvérsias, e não há explicação aceita por todos os estudiosos. A maioria dos autores usa o termo proposto por Moreira-Almeida e Koenig (2006), concordando que os mesmos se refiram ao ‘sagrado’. Argumentam que há necessidade de padronização dessas definições e, em análise dos termos, ou seja,

levam em conta as diferentes características que os diferenciam, sendo conveniente selecionar esses conceitos para fins de pesquisas. Koenig, Larson e Larson (2001) definem os termos como:

“Espiritualidade: seria a busca pessoal para o entendimento de respostas sobre o significado da vida e o relacionamento com o sagrado e/ou transcendente, que podem (ou não) conduzir ao desenvolvimento de rituais religiosos e a formação de comunidades”.

“Religião: seria um sistema organizado de crenças e práticas, rituais e símbolos projetados para: a) auxiliar a proximidade do indivíduo com o sagrado e/ou transcendente (Deus, força superior ou verdade/realidade fundamental). b) Promover entendimento e relacionamento de responsabilidade para com as pessoas da comunidade”. (Koenig, Larson e Larson, 2001, p. 18)

O conceito que Koenig, Larson e Larson (2001), nos oferecem assemelha-se a um espelho diante do qual se realiza a busca do ser humano pelo entendimento do mistério da vida, ou seja, pelo seu próprio entender-se como ser. Esse mesmo ser que tem suas experiências enaltecidas, percebidas e reconhecidas, ou não. Essa força que o homem coloca no entender a si mesmo é que possibilitará sua renovação e participação mais verdadeira com seus sentimentos. No entanto, o medo e o pavor também estão presentes, participam igualmente, lado a lado desse processo, e levam o homem a se deparar, na mesma medida, com o pavor da tamanha força dessa manifestação. Como nos mostra Eliade (2001), que essas experiências são instigadas pela revelação do poder divino e que

[...]“o sentimento de pavor diante do sagrado, diante desse *mysterium tremendum*, dessa majestas que exala uma superioridade esmagadora de poder; se deparando com o temor religioso diante do *mysterium fascinans*, onde se estende a primorosa plenitude do ser”. (Eliade, 2001, p.16)

Hill et al. (2000) mencionam estudos realizados por Pargament, Zinnbauer et al., Spilka & McIntosh e Roof, no início dos anos 90, em que os pesquisadores tentam estabelecer critérios sobre religião e espiritualidade. Para eles a espiritualidade se tornou diferenciada da religião (ou religiosidade), em razão de alguns elementos formalmente incluídos na religião. Consideram que,

historicamente, a religião era uma extensa arquitetura que incluía tanto elemento individual como institucional, e agora é vista como uma pequena vinculação que tem mais a ver com uma instituição à parte, sozinha. Espiritualidade aparece como a melhor descrição para a experiência individual e é identificada como transcendência pessoal, sensibilidade suprapessoal e significação. O termo espiritual é de modo crescente reservado a uma elevada função da face da vida. Religião, em contraste, é agora mais atrelada a uma estrutura rígida e formal, em que quase sempre é percebida como restringindo o potencial humano. Entretanto, esses estudos mostram-nos que a prática religiosa institucional não é aquela ligada à espiritualidade como experiência pessoal subjetiva de cada pessoa. Faz-se necessário separar claramente estes dois conceitos, porque existem pessoas que não mantêm nenhum tipo de ligação a nenhuma religião institucional, porém estão envolvidas em algum tipo de experiência ou atividade espiritual.

[...] “the social dimension of religion includes not only the mass of persons but also the outstanding individuals through whose features glimmer old and new thoughts of the heaven toward which they aspire”. ( Smart, 2002, p.21)<sup>2</sup>

O importante nessa dimensão é que podemos emprestar uma descrição balanceada dos movimentos que têm animado o espírito humano e que têm um espaço na sociedade, sem negar outras ideias e práticas, sejam elas religiosas ou espirituais. Naturalmente uma forma particular de ver o mundo está inscrita no individual de cada um de nós e, portanto, seguimos nossa própria maneira de ir descobrindo e integrando nossas experiências.

Para Koenig (2008), espiritualidade inclui saúde mental positiva e valores humanos como definição; como também uma busca do sagrado e estado psicológico positivo: propósito e significado na vida, ligação com o outro (suporte social), estado de paz, harmonia e bem-estar. Entretanto, há muitas pessoas com “um profundo interesse espiritual que não pertencem a nenhum movimento religioso formal e, no entanto, exprimem significado na união com a natureza ou nas relações

---

<sup>2</sup> [...]”a dimensão social da religião inclui não somente um grupo de pessoas dispersas e anônimas mas também, a projeção individual através dos traços de velhas e novas noções de pensamentos do firmamento em direção ao que se aspira.” Smart, N. *The World’s Religions*. Cambridge

com outras pessoas” (Smart, 2002, p.12).

O homem sempre teve a intenção de buscar uma maneira de entender a si próprio e ao mundo, nas esferas do religioso, e obter com isso explicações sobre sua existência e seus sentimentos. Ao buscar uma explicação, não importa qual seja, deparou-se numa vertente contemplativa,

[...] “preservava a crença naquilo que estava fora do cotidiano e das coisas comuns nas quais se expressava uma ordem sagrada que dava sentido à vida, aos lugares e a sua concepção de mundo”. (Marchi, 2005, p.36)

Apesar de as definições serem diferentes, a essência continua sendo a mesma para esses autores. Cook (2004) refere-se a trabalhos dos seguintes pesquisadores que conceituam a espiritualidade: Booth para o qual espiritualidade é definida como um ser positivo e criativo em todas as áreas da vida humana; para Mercadante, seria o suporte protetor das estruturas conceituais e religiosas, e para Parker et al., seria o sentido em ser no universo.

O termo religião e espiritualidade estão intrinsecamente ligados, o que determina sua internalização e suas raízes de significação atribuídas na relação estabelecida pelos indivíduos. Esses fenômenos podem ser vistos como sinônimos, ou de forma intercambiável, para facilitar a leitura deste estudo, embora possamos verificar uma ampla variedade de definições relacionadas ao termo na literatura nacional e internacional. “O termo espiritualidade é complexo, por isso, nenhuma parte significativa do campo de sua definição deveria ser excluída de sua classificação” (Cook, 2004, p.541), e mais ainda, “nós também precisamos ser suscetíveis na maneira em que a tradição religiosa evolui e se configura” (Smart, 2002, p.26). No entanto, a espiritualidade está fortemente ligada a uma discussão que se trava no âmago da filosofia existencial, emergindo daí seu significado, liberdade e isolamento e a busca de significado e propósito sendo inseridos como aspectos existenciais da espiritualidade. (Fawcett e Noble, 2007)

A título de ilustração, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM - IV) reconhece e separa problemas entre religião e espiritualidade. A primeira denota um sentido mais estrito, é co-ligada à religião institucional, e a

segunda denota um sentido, conotação individual ou subjetiva de experiência do sagrado. Essa diferenciação se deve a possíveis mudanças relacionadas às transformações surgidas na cultura ocidental nesses últimos séculos.

Destacamos aqui vários aspectos da espiritualidade encontrados na literatura nacional e internacional, que foram descritos em suas formas múltiplas, para não nos restringirmos a uma posição única e estreita. A dimensão da espiritualidade se faz importante na existência do ser humano como fator de ligação pessoal interno como também o é o mundo da natureza que nos cerca. Podemos referir que a espiritualidade pode nos conduzir a um enfrentamento possível em situações tanto de doenças físicas como mentais e também pode ser percebida como um fator de resiliência nas vicissitudes da vida e como apoio na recuperação do alcoolismo.

Optamos, nesta dissertação, pelo termo espiritualidade por abranger um comportamento mais livre e diversificado e não submetido a uma religião institucionalizada. No capítulo a seguir, iremos refletir sobre o papel da espiritualidade no contexto da psicologia analítica.

## CAPÍTULO IV

### ESPIRITUALIDADE NO ENFOQUE DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Neste capítulo faremos algumas considerações sucintas sobre os conceitos da psicologia analítica referentes à espiritualidade. Essa tentativa tem a intenção de trazer contribuições para que seja possível abordar os meandros que compõem o paradigma. Portanto, faz-se necessário fundamentar uma compreensão da extensão do símbolo no processo de transformação. Desse modo, é dado ressaltar que o enfoque neste estudo está centrado na espiritualidade que pode ser entendida como um agente de arrebatamento e transcendência e que possa vir a exercer uma função de conexão entre *ego* e *Self*. Entendemos que este seja o ponto basilar da delimitação do problema.

Carl Gustav Jung com grande mérito, em toda a sua obra, ressaltou que a psique sustenta uma função religiosa. Ele construiu seu pensamento estruturado no inconsciente coletivo, demonstrando que este corresponde à função religiosa. É fascinante a devoção desse autor, em que ele vislumbra uma nova visão de mundo ao buscar um equilíbrio entre a ciência e espiritualidade. Dessa maneira, Jung expôs uma direção para o conhecimento de toda a necessidade humana de um contato suprapessoal.

As questões edificadas por Jung sobre a psicologia e também sobre a espiritualidade são as de que elas estão intimamente conectadas. Jung foi impulsionado por duas tendências conflituosas que remexiam seu ser. De um lado, estava evidente o seu primoroso interesse pelas experiências imediatas do numinoso; por outro lado, estava exposta a sua inclinação e capacidade científica, uma vez que ele sempre queria saber e entender tudo. Com efeito, Jung apresentava uma capacidade acurada e eficaz para observar e explorar, meticulosamente, sempre em busca de provas e evidências. (Tardan-Masquelier, 2005)

Em uma correspondência a Bill Wilson datada em 23 de Janeiro de 1961 e já mencionada no Capítulo II, e que devemos aqui retomar em parte, por sua grande relevância, Jung afirma que a esperança para um dependente seria a de se submeter a uma experiência espiritual, seria experimentar um sentimento de

estranheza intenso, um *insight* religioso real. Esta mesma experiência poderia ser percebida pela conversão religiosa. Contudo, uma experiência precisa de uma reflexão lapidada para que ela tenha um sentido e venha a se integrar na consciência. Essa reflexão é, via de regra, uma condição intrínseca para que o indivíduo possa ter clareza de suas vivências. [...] “a experiência constitui um processo de assimilação, sem a qual não há compreensão alguma”. (Jung, 1938/1999, p.7)

Essas experiências, na realidade, não se esgotam; elas pertencem a nossa condição de vida. Talvez o desafio aqui seja o de integrá-la à psique consciente, na tentativa de reavaliar suas verdades e os efeitos que elas possam causar. O que nos atinge fortemente e que a Psicologia Analítica chama de “numinosidade” é aquilo que nos arrebatava e nos tira do chão, é o outro radical da condição humana. Pode-se, portanto, perceber que Deus pode estar num detalhe, e se Ele não for apreciado no devido momento, será perdida a Sua integridade. Isso é de fato uma grande dificuldade com que nos deparamos. Por conseguinte, “[...] há necessidade aqui de um novo ponto de partida, que não se pode encontrar sem estabelecer um novo sentido”. (Jung, 2002a, p.259) O dilema em tudo isso seria, entretanto, o de o ser se tornar atento, cômico de seu estado de aceitação interna, o que poderá possibilitar novas experiências com consequências positivas nas escolhas.

Watkins refere-se à Khantzian e Mack que ressaltam:

“a espiritualidade é usualmente atribuída a um senso profundo de que paira no universo uma estrutura profunda do ser, que existe um propósito ou possibilidade, ou até mesmo um plano divino”. (Khantzian e Mack apud Watkins, 1997, p.581)

Todavia, esse plano divino se coaduna com as descobertas de significados, propósitos e destino.

A força do ser humano não vem dele mesmo e sim de um fervor maior que o enlaça verticalmente e que pode ser chamado de processo da espiritualidade. Segundo Watkins “o processo espiritual torna-se a junção pela qual a recuperação é estabelecida”. (1997, p.583)

Jung (2002a, p.432) relata em carta a Hélène Kiener datada em 15 de junho de 1955, que “a psicologia analítica ajuda-nos a conhecer as potencialidades religiosas”. Percebemos aí que, para Jung, o ponto-chave da experiência religiosa é



a ligação do indivíduo ao celestial, em que a espiritualidade alude ao processo de junção entre consciente e o inconsciente, entre o ego e o *Self*. Isso poderá emprestar um sentido de vida mais pleno ao indivíduo, remetendo-o a uma atitude de encontro do qual pode resultar uma realidade transcendental.

Em seu livro *Memória, Sonhos e Reflexões*, Jung relembra uma correspondência datada em 1952 a um jovem erudito. Jung assegura que “todos os seus pensamentos giram em torno de Deus como os planetas em torno do sol e que eram, da mesma forma, atraídos por ele”; e tece outro comentário dizendo que só a essência espiritual do que se experimenta é memorável e digna de ser narrada. (Jaffé, s/d, p.15)

Para Jung (1938/1999) a espiritualidade não é aquele fenômeno mencionado pela demarcação da profissão de fé religiosa institucionalizada. A Espiritualidade descreve uma atitude de vida, uma ampliação da consciência, um movimento interno em contato com sentimentos e pensamentos mais elevados. A Espiritualidade fortalece e amadurece o desenvolvimento da personalidade. Das vias realizáveis para essa relação, uma delas se concretiza na meditação em que é estabelecido o diálogo com o anjo bom, que é a sua definição alquímica. (Jung, 1959/2007)

Ainda para o psiquiatra do inconsciente coletivo (1948/2002), é de grande importância que evitemos as considerações filosóficas para explicar o movimento da energia psíquica, visto que caminharemos demasiadamente longe do ponto central.

[...] “o melhor que temos a fazer é justamente considerar o processo psíquico simplesmente como um processo vital. Com isso estendemos o conceito de energia psíquica a um conceito mais amplo de energia vital que engloba também a chamada energia psíquica como componente específico. Isto nos oferece a vantagem de podermos seguir as relações quantitativas, para além dos estreitos limites do psiquismo” [...]. (Jung, 1948/2002, 26)

Esse mesmo autor faz sua investigação geral da libido, olhando para o processo energético que possui uma direção (objetivo) definida que cumpre constantemente a diversidade de potencial. “A ideia de energia não é a de uma substância que se movimenta no espaço, mas um conceito abstraído das relações de movimento”. (Jung, 1948/2002, p.14)

O sentido de religião como sustenta Jung (1958/1980) reside na acepção precisa do termo *religio* que se origina na palavra *religere*: escrutinar minuciosamente, deixar ecoar, retratar calorosamente. A vivência da espiritualidade é “poder se lançar nesse centro, no âmago, no ponto central em que tudo se origina e adquire sentido.” (Bachelard, 2008, p.5)

Portanto, o conceito de religião, de acordo com Jung, seria

[...] “uma atitude do espírito humano, atitude que de acordo com o emprego originário do termo *religio*, poderíamos qualificar a modo de uma consideração e observação cuidadosas de certos fatores dinâmicos concebidos como ‘potências’: espíritos, demônios, deuses, leis, ideias, ideais, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores”. (Jung, 1958/1980, p.4)

Esta última observação faculta o entendimento empregado por Jung de que o termo religião exprime uma natureza próxima e até mesmo se sobrepõe ao conceito de espiritualidade, usado nos dias de hoje. (Koenig, *et. al.*, 2001) De fato, a religião confere significado e sentido à existência humana e admite o poder de algo maior que o indivíduo. Ela empresta uma qualidade ao homem, uma impressão de integridade levando-o, pela idiossincrasia do movimento, a um estado de comunhão com o todo. Essa imensidão interior empresta significado a certas expressões referentes ao mundo que vemos e percebemos.

“Longe de nos entregarmos à prolixidade das impressões, longe de nos perdermos nos detalhes de luz e sombras, sentimo-nos diante de uma impressão ‘essencial’ que procura sua expressão; em suma, do que os autores chamam de perspectiva da transcendência”. (Bachelard, 2008, p.91-92)

Por outro lado, Fodham (1972, p.65) exemplifica que os arquétipos do inconsciente são correspondentes aos dogmas religiosos, correlatos a todas as ideias religiosas conhecidas; mas em hipótese alguma se interprete isto “no sentido de que o inconsciente cria, de fato, os dogmas religiosos; estes são produto do pensamento consciente, que trabalha e apura o material bruto do inconsciente”.

Investigando os arquétipos do inconsciente coletivo, Jung descobre que o homem apresenta uma “função religiosa” e esta exemplarmente age sobre a vida

dele com a mesma força dos instintos de sexualidade e de agressão também inerentes a esse homem. Exemplo disso são os povos primitivos que se dedicam a expressar essa função. Elaboram símbolos e edifica uma religião: remexem a terra, caçam, pescam e realizam outras necessidades. E, mesmo com a depreciação atual, homens e mulheres ainda têm naturalmente seu caráter religioso como outrora. O fato é que a energia canalizada anteriormente para o fluxo dos rituais se vê no momento expressa em credos políticos, estão soltas em cultos exóticos ou prendem-se a algo fora dela – a busca de conhecimento.

Embora a religião se debruce numa busca de cuidados e de reflexões e observações dos fatos dinâmicos, ela se mescla com a espiritualidade, pois ambas se direcionam ao caráter específico da experiência de sentido e significado da existência; elas remetem o homem a uma sensação de plenitude e de comunhão com o universo, direcionam a reflexão que deve ecoar na consciência para melhor ser elaborada; colocam esse homem diante da vivência do sagrado. Enfim, religião e espiritualidade são movimentos internos que estabelecem contato com os sentimentos e os pensamentos mais elevados, além de revigorar e aprimorar o desenvolvimento do indivíduo. Cito Jung *in extenso* pela magnitude do parágrafo:

“A religião é uma relação com o valor supremo ou mais poderoso, seja ele positivo ou negativo, relação esta que pode ser voluntária ou involuntária; isto significa que alguém pode estar possuído inconscientemente por um ‘valor’, ou seja, por um valor psicológico que, dentro do homem, possui um poder supremo, age como ‘Deus’, porque é sempre o valor psíquico avassalador que se dá o nome de Deus”. (Jung, 1938/1999, p.85-86)

Jung (1954/1991), a propósito, observa que um grande número de pessoas é incapaz de criar uma ligação entre as imagens sagradas e a sua própria alma, isto é, as pessoas não compreendem que essas imagens pairam em seu próprio inconsciente. Para tornar apto esse olhar interior da espiritualidade, é notável desbloquear a via que permite tal faculdade de enxergar. Jung deixa claro que “se trata da questão do esforço humano, deixando de lado os atos da graça que foge à alçada humana”. (1954/1991, p.14)

Becker corrobora a frase supracitada apontando que,

“Se os homens confiarem demais em Deus não realizarão nada do que têm a fazer neste mundo com suas próprias forças. Para fazer alguma coisa, é mister ser primeiro um homem, antes de qualquer coisa”. (Becker, s/d, p.290)

O autor ressalta que os homens ainda procuram fora de si a imagem de Deus e esquecem que elas estão intimamente dentro deles e que eles impedem a ampliação de suas experiências e vivências de fazerem parte do desenvolvimento do ego. Ao ego cabe perceber essas imagens, um simbólico mundo interior de vivências, a fim de poder se transformar e se desenvolver. Embora seja árduo para o ego aceitar esse ônus, é por ele e apenas através dele, que poderá ocorrer uma mudança. Assim, o ser humano poderá alcançar uma vida mais plena e ter uma maior força vital, poderá vivenciar os opostos, que afinal é navegar no processo dialético.

Neste sentido, o homem percebe uma espécie de equilíbrio ao qual ele poderá se adaptar criativamente. Esta é a condição humana, em que a espiritualidade pode significar experiências de alegrias culminantes, como também experiências de uma condição de desespero, pois elas são imagens do sagrado. O empenho de Jung caminha na direção de mostrar que o arquétipo é uma força desproporcional “que confere um efeito *numinoso* e fascinante ou que impele à ação”. (Jung, 1917/2005, p. 62) E mais: Jung aponta para a psicologia do *homo religiosus*, do homem que examina e avalia atentamente certos motivos que agem sobre ele e sobre seu estado. (Jung, 1954/1988)

Schlamm (1994, p.24) salienta que a graça da espiritualidade é frequentemente seguida por experiências em agudo contraste. Explica-se: a experiência espiritual de medo, receio, horror ou até mesmo náusea. Essas experiências são demonstradas no trabalho de Jung pelas suas constantes relações da atitude ambivalente da consciência sobre os conteúdos do inconsciente. E complementa a afirmação, esclarecendo que “esses mesmos conteúdos do inconsciente pode repelir ou atrair a consciência ao mesmo tempo e, deste modo, pode fundir-se com ele, dificultando a separação”. (Ibid.)

Vejamos: de acordo com o postulado analisado nesse contexto, a espiritualidade poderá contribuir para a transformação do ego se ele focar a sua atenção na possibilidade de refletir as imagens oferecidas pelo inconsciente. É apenas através dessa reflexão que a energia contida nas imagens poderá ser

integrada pelo ego, tornando-o capaz de realizar a transformação esperada pelo inconsciente. Nesse diálogo é que alça a visão ampliada da psique que constitui uma síntese psicológica da situação do indivíduo.

O símbolo arquetípico pode ser reconhecido pelo *numen* que emite as imagens arquetípicas que, por sua vez, alcançam a consciência. O arquétipo empresta um fim numinoso à consciência, conduzindo-a a uma condição dupla de terror e êxtase. Assim, o numinoso estabelece o inexprimível, o indizível, o misterioso, o tremendo, o encantador, o terrível, o “totalmente outro”, o irracionalizável. (Camargo, 2007) A vivência dessas imagens é carregada de emoção porque “tal experiência traz consigo uma *plenitude de sentido* até então considerada impossível”. (Jung, 1960/1991a, p.143)

Dessa forma, Valle (1998) estabelece que o existir do ser humano não basta em si próprio. Se assim for, a experiência espiritual se extinguiria em sua imanência. Entretanto, o movimento psicoexistencial humano único coloca o indivíduo, como um caleidoscópio, rumo ao que contém em sua forma mais profunda e autêntica, em um amplo espaço de sentido que o transcende. E é através dessa vivência da experiência arquetípica que o inexprimível e o transcendente se realizam.

Na concepção de Ramos (1998, p.65), o símbolo altera, por sua qualidade de numinosidade, a universalidade do ser humano, tanto em seus aspectos fisiológicos como psicológicos. E, ao semear novos elementos que são difundidos em diferentes estados, “o símbolo é transduzido sincronicamente em diferentes sistemas”. Percebemos que esses elementos são tonificados de energia e emoção e que “essas diferenças de significados atribuídos ao mesmo símbolo podem provocar reações carregadas de emotividade”. (Ibid.)

Entretanto, para essa mesma autora:

“É o símbolo que intermedeia a vivência dos mistérios, possibilitando a integração de conteúdos inconscientes. Por meio da vivência simbólica, o homem pode expandir sua consciência e dar continuidade à sua evolução. Se partirmos do caos, de um todo indiferenciado, o caminho para a identificação é sempre intermediado pelo símbolo, que, ao transcender a realidade imediata, possibilita ao homem novos conhecimentos”. (Ramos, 1998, p.71)

A Psicologia Analítica lança, assim, luz sobre nosso processo de reflexão e enfatiza seu mérito para uma possível compreensão desses conteúdos, visto que, apenas através desse ato reflexivo, se pode incorporar a experiência da vivência do ser humano, o reconhecimento e a integração dos elementos simbólicos. A assimilação constitui parte vital para o desenvolvimento e para a transformação da personalidade. Portanto, o numinoso traz em si um efeito nebuloso, mas que nunca é indiferente.

Faria reitera que “por meio da constelação dos arquétipos e mesmo antes de uma confirmação racional, corpo e psique recebem sua manifestação através dos símbolos que aparecem na consciência”. (2003, p.31)

Jung (1954/1991) percebe o símbolo como um aspecto que pode ser denominado de “espiritual” por excelência. Esse fator espiritual nos direciona para o seu objetivo e põe o sujeito num estado de fascínio. Os conteúdos arquetípicos do inconsciente coletivo “assumem muitas vezes uma forma grotesca e horripilante em sonhos e fantasias”. (Jung, 1954/1991, p.43) Jung continua afirmando que essa interação psicológica de imagens, que não podem ser deixadas de lado ou caladas, leva-nos diretamente ao abismo da fenomenologia histórico-religiosa. Entretanto, o acolhimento desses símbolos corresponde, de preferência, a uma unificação que poderá levar ao processo de cura. [...] “a meta tem, portanto, um sentido de salvação, na acepção própria desta palavra”. (Ibid., p.39)

“A experiência religiosa é algo de absoluto. [...] É indiferente o que pensa o mundo sobre a experiência religiosa: aquele que a tem, possui, qual inestimável tesouro, algo que se converteu para ele numa fonte de vida, de sentido e de beleza, conferindo um novo brilho ao mundo e à humanidade. Ele tem *pistis* e paz”. (Jung, 1930/1988, p.105)

Notamos que os arquétipos só podem ser observados por meio de suas manifestações e não independentemente delas e que eles são os organizadores de nossas ideias e fantasias. Por isso, o ato reflexivo se torna um importante condutor de assimilação desses conteúdos pelo consciente; caso contrário, não é possível ocorrer a integração necessária para o processo de transformação do ego. Para Palmer (1997), isso é mostrado pela direção da psique rumo à meta da totalidade do próprio arquétipo. É o objetivo que *a priori* é a disposição humana.

Essa função da inclinação espiritual como uma atividade interna da psique, produz sua própria energia proveniente do inconsciente coletivo e se manifesta no fenômeno visível e multifacetário da espiritualidade. Nós sabemos que a *Imago-Dei* tem uma importante função para a Psicologia Analítica. Assim também se observa que a intenção de Jung era dar ênfase às experiências individuais advindas dessas vivências e como elas eram integradas e absorvidas conscientemente. Portanto, quando vivenciamos essas experiências arquetípicas, estamos tendo “uma específica experiência psíquica”. (Palmer, 1997, p.126) Infere-se daí que a experiência psíquica é a única experiência que temos.

A exemplo do mencionado, Edinger reflete: “O contato entre ego e *Self* é necessário para que se possa estabelecer algum processo de ruptura e, assim, vivenciar um novo mundo que se abrirá para a pessoa”. (1972, p.91)

Ora, esse vazio estabelecido pode ser preenchido com o reconhecimento da dinâmica espiritual que, por assim dizer, poderá fornecer uma contribuição necessária a um novo caminho de vida e ressignificar seus propósitos e destino. Esses mesmos propósitos estão baseados em uma mudança de escolha de vida, atitudes reais e concretas, para que se possa alcançar liberdade em desfrutar suas experiências de forma íntegra e natural. Ainda na concepção junguiana, “A experiência, ao contrário, é uma prova manifesta da verdade, e a solução é a eliminação (depósito) da dúvida”. (1956/1990, p.235)

Sabemos que a noção do *numinoso* revela um papel preponderante dentro do conceito da Psicologia Analítica da vivência espiritual. Desse modo, cabe observar os processos desses fatores que podem estar sutilmente agindo como mediador no indivíduo, a fim de que possa restabelecer a integridade de sua personalidade.

[...] “o *Self*, que por bem ou por mal, e independentemente do ego, tende a dar uma expressão mais compreensível e comunicável a um acontecimento extremamente doloroso ou perturbador, mas que também pode levar a uma possível transformação”. (Gaillard, 2003, p.57)

O trabalho de conscientização estaria ao reconhecimento da construção ego – *Self*, possibilitando uma abertura para a integração dos símbolos que, dessa

forma, estariam sendo acolhidos e recebidos diante do que era não familiarizado e desconhecido. E na realidade é nessa relação ego–*Self* que poderá ser estabelecida a organização interna.

“Visto que a religião constitui, sem dúvida alguma, uma das expressões mais antigas e universais da alma humana, subentende-se que todo tipo de psicologia que se ocupa da estrutura psicológica da personalidade humana deve pelo menos constatar que a religião, além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, é também um assunto importante para grande número de indivíduos”. (Jung, 1938/1999, p.7)

A visão de Tardan-Masquelier (2005, p.137) sobre a espiritualidade é a de que ela é bastante acentuada como teologia romântica, mas ele não deixa de lado a dimensão psicológica. E ressalta que, para Jung, a experiência espiritual lhe parece absoluta: “não pela referência a um deus, seja ele qual for, mas pelo fato de que ela implica a totalidade da alma e por colocar em jogo uma temporalidade arquetípica cuja existência individual é somente um fragmento”. (Ibid.)

E nesse exame da integração dos elementos simbólicos, Jung (1954/1991) demonstra que mesmo quando a consciência está muito distante das manifestações arcaicas dos ritos de reconstituições, o símbolo solicita esse acesso à consciência. O autor propõe a importância de a consciência ter a sua autonomia. Essa mesma autonomia pode levar o indivíduo à inflação, alienação e isolamento do instinto. Assim, “esta perda de instinto é fonte de infindáveis extravios e confusões”. (Ibid., p.146)

No entanto, o arquétipo existe como relação objetiva e universal. Portanto, quando ele se mostra em sua qualidade única, com aquele teor de energia totalizante, o arquétipo determina uma identificação inconsciente. Sobre isso, Jung (1954/1988) considera que, se a personalidade consciente estiver aprisionada e não opuser resistência a esse envolvimento, o consciente personificará essas energias. Em contrapartida, quando as pessoas deixam seu inconsciente falar, o deixam se expressar, ele sempre vai nos dizer coisas importantes sobre nosso mundo interno. Até mesmo o menor dos detalhes tem a sua distinção. (Jung, 1960/1991a)

Para Stein, “A psique existe no espaço entre o puro corpo e a mente transcendente, entre matéria e espírito”. (2005, p. 95) Quando reunidos e arranjados, os arquétipos emprestam modelos e sentido ao instinto, “e o instinto



fornece energia física em bruto às imagens arquetípicas para ajudá-las a realizar”. (Ibid.) Este objetivo direciona para onde a natureza humana pode se realizar. De acordo com Jung,

“O arquétipo é um alvo espiritual para o qual tende toda a natureza do homem: é o mar em direção o qual todos os rios percorrem seus acidentados caminhos; é o prêmio que o herói conquista em sua luta com o dragão”. (Jung, 1946/1998b, p.149)

Ao tentar concluir esse capítulo, pensamos que o feito maior do indivíduo seria, então, assumir responsabilidade por suas atitudes diante do mundo repleto de mistérios. Os elementos simbólicos se precipitam para ao menos tentar facultar o entendimento, para conduzir o indivíduo a perceber o transcendente. Nesse ponto, o ego é levado a uma posição submissa para, no entanto, reconhecer que existe algo maior do que ele, e que ambos – arquétipo e ego – necessitam um do outro para se realizarem. Sem esses opostos, não pode haver a unificação do símbolo enquanto imagem do espiritual, que nos conduza ao processo dialético da junção do elemento desconhecido.

A observação de Romanyshyn (2007, p.22) nos leva a perceber que a religião é o senso de responsabilidade que temos como seres humanos e que nos faz atentos àquilo que interpretamos ao induzirmos uma consciência da imagem de Deus na psique. Essa responsabilidade é de suma importância nos dias de hoje “quando o domínio da tecnologia não somente ameaça para nos destruir, como também coloca em perigo grande parte do planeta terra”. (Ibid.) Além do mais, “talvez, a ciência da alma será menos sobre religião e mais sobre o resgate da sensibilidade religiosa em um mundo que perdeu o contato com o sagrado” (Ibid., p.23).

Esse diálogo do inconsciente com a consciência é de suma importância para o delineamento do desenvolvimento da personalidade. Portanto, uma atenção aos elementos simbólicos se faz necessária na tentativa de resgatar o sagrado que está se afastando da natureza e de dentro do nosso mundo psíquico.

“De novo, conforme a filosofia e religião, a ciência da alma tomando a psicologia além de si mesma, não se torna tão pouco astrologia nem alquimia. Ambas são caminhos sagazes da existência presente na psique e cada uma se torna um *habitus* para a psicologia que

sustenta a alma na mente. Cada uma se torna o caminho de lembrar que a psique é de fato parte da natureza e não à parte dela”. (Romanyshyn, 2007, p.23)

O esforço básico de Jung sempre foi o de integrar os elementos simbólicos da psique no intuito de dar a essa existência valor indeterminado para que eles fossem vivenciados em sua totalidade e que não se perdessem no abismo do obscurantismo; esses elementos trazem para a consciência elementos simbólicos desconhecidos, mas de inigualável sentido para estimular o desenvolvimento da personalidade.

Para Jung (1960/1991a), esse olhar para as expressões espirituais comuns torna-se elemento constitutivo necessário da vida psíquica que se encontra na coletividade, até, de certa forma, um pouco desenvolvida. Ele percebe que a não tomada de consciência desses fatores entre os povos civilizados pode ser vista como uma degenerescência.

[...] “em seu desenvolvimento físico da alma, a tarefa da psicologia no futuro será a de estudar as determinantes espirituais do processo psíquico. Mas a história natural do espírito se acha, hoje ainda, num estado só comparável ao das ciências naturais no século XIII. Mal começamos a fazer experiências”. (Jung, 1960/1991a, p.301)

De acordo com Cassirer, “A religião, portanto, nunca pretende esclarecer o mistério do homem. Ela confirma e aprofunda esse mistério”. (Cassirer2005, p.27) E por assim dizer, “a religião é uma lógica do absurdo, pois só assim pode apreender o absurdo, a contradição interna, o ser quimérico do homem”. (Ibid., p.26)

Esta sustentação pode parecer um tanto quanto fora de sentido, mas é da própria essência espiritual despertar em nós o sentido do paradoxal. Jung pontua que

[...] “só podemos apelar para a crítica epistemológica, quando uma coisa que não se pode conhecer é apresentada ou postulada como cognoscível. Tomemos um exemplo conhecido de todos: a Ciência nunca descobriu um Deus, e a crítica epistemológica prova que é impossível o conhecimento de Deus; mas eis que surge a alma com a afirmação da experiência de Deus. Deus é um dado psíquico da experiência imediata. Se assim não fosse, nunca se poderia falar de Deus. O fato é válido em si mesmo – não exigindo qualquer demonstração não-psicológica – e inacessível a toda forma de crítica não-psicológica”. (Jung, 1960/1991a, p.270)

Desta forma, podemos reconhecer que tudo é vivenciado de forma imagética, simbólica. “O perigo principal é sucumbir à influência fascinante dos arquétipos, o que pode acontecer mais facilmente quando as imagens arquetípicas não são conscientizadas”. (Jung, 1959/2007, p.48)

Enfim, é necessário ressaltar que Jung (1916/1991b) enxergava a espiritualidade como um ato de formas elevadas de um intercuro social simbólico, de precisa transformação do alimento da ideia (logos), como todos aqueles impulsos de energias do homem arcaico que os liga de uma paixão à outra. É a força que nos coloca em movimento. O símbolo espiritualiza o ser humano.

Após ter examinado os conceitos da Psicologia Analítica sobre a espiritualidade, que nos permitiram delinear uma estrutura para apoiar a discussão sobre o tema e ressaltar o símbolo como facilitador para a saída do vício, voltaremos nossos olhares, no próximo capítulo, para o estabelecimento de pontes entre a espiritualidade e o alcoolismo. O capítulo a seguir é um dos pontos principais de aglutinação dessa pesquisa. Nele, procuraremos convalidar nossa tentativa de estabelecer um significado no difícil processo de cura dos alcoolistas.

## CAPITULO V

### REVISÃO CONCEITUAL SOBRE ESPIRITUALIDADE E ALCOOLISMO

A espiritualidade é um conceito que vem sendo encontrado com bastante frequência no campo da ciência. Alguns estudos (Cunningham, *et. al.* 2005; Johnson, *et. al.* 2008 e Chitwood, *et. al.* 2008) dão sustentação ao papel da espiritualidade na prevenção do uso e abuso do álcool e na recuperação do usuário. “Ela é entendida por muitos escritores, clínicos e pesquisadores como sendo uma das vias para se conhecer a etiologia da adição e, também, como tratamento para a recuperação”. (Cook, 2004, p.539) Alguns estudos empíricos direcionam atenção para uma possível função do papel da espiritualidade como fator de saúde mental e de proteção contra o uso abusivo de álcool e de outras drogas lícitas e ilícitas. (Zimmerman e Maton, 1992; Dalgalarondo, 2007) Consideramos que a espiritualidade pode ser um genuíno acolhimento, que dá luz e qualidade de vida ao indivíduo.

Estamos somente no início do entendimento relativo aos mecanismos envolvidos na recuperação das adições. A “validação da espiritualidade, na recuperação do abuso de substâncias químicas como um termo aparentemente enigmático, deve ser fundamentada em achados psicológicos e fisiológicos”. (Galanter, 2006, p.307) Essa aproximação pode nos mostrar, como relata Stone *et.al.* (2006), que, quando um indivíduo se torna dependente do álcool ou de outras substâncias, sua ligação espiritual e sua conexão com o mundo em volta podem estar comprometidas. “Aqueles indivíduos que conseguiram a experiência da cessação do uso do álcool experimentaram um despertar em sua vida espiritual. (Stone *et. al.* 2006, p.238)

Dalgalarondo *et. al.* (2004) desenvolveram um estudo transversal por meio de questionário anônimo de autopreenchimento com 2.287 estudantes de diversas escolas e de diferentes contextos socioeconômicos e culturais. As idades eram inferiores a 26 anos; a cidade foi Campinas; o ano, 1998. Desses estudantes, 1.188 (52%) eram do sexo masculino e 1.096 (48%) do sexo feminino. A média de idade era de 15,8 com desvio padrão de 2,7, variação de 11-26 anos. Os sujeitos, alunos da 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries do 1<sup>o</sup> e do 2<sup>o</sup> graus. As drogas estudadas foram: álcool, tabaco,

medicamentos, maconha, solventes, cocaína e *ecstasy*. A análise dos dados objetivou verificar a influência da religiosidade e o uso ou não de drogas lícitas e ilícitas. Considerando que várias dimensões religiosas são possíveis fatores relevantes para o afastamento do uso e abuso de álcool e drogas por diferentes grupos populacionais, esse trabalho corrobora a literatura internacional e nacional.

Os autores verificaram que a educação religiosa na infância é a que mais se relacionou a um menor uso das diferentes drogas e possivelmente um importante efeito inibidor. Todas as outras variáveis, tais como trabalho, tipo de relacionamento com amigos, lazer, apoio, namorado(a), situação dos pais, etc., com exceção da frequência religiosa, estavam associadas ao uso de drogas. Os autores verificaram que os adolescentes que participavam de cultos ou missas, envolviam-se menos com o uso e abuso de álcool e outras drogas. Os resultados apontam para a importância da religião internalizada como um fator de sustentação das normas, dos valores e das proibições que possam estar ligadas à subjetividade do adolescente. O uso excessivo de álcool relacionou-se à ausência de prática religiosa.

Panzini *et.al.* (2007) fizeram uma revisão da literatura em que buscaram compreender o impacto da espiritualidade na qualidade de vida das pessoas. Descobriram que pessoas que apresentam envolvimento religioso têm menor possibilidade de usar e abusar do álcool e outras drogas ou de apresentar comportamento de risco – delinquência e crime. Os autores afirmam que a dimensão espiritual apresenta-se como fator esquecido na saúde física e mental, mas que esse panorama tem-se modificado nas últimas décadas, o que se encontra evidenciado em centenas de trabalhos voltados para a espiritualidade e saúde e estatisticamente válidos.

Em outro estudo, Panzini e Bandeira (2007) buscaram compreender o *coping*, - enfrentamento religioso e espiritual. Os autores perceberam uma ligação entre práticas religiosas e crenças associadas à melhor saúde física e mental na análise de 225 trabalhos. Verificaram os resultados benéficos do envolvimento espiritual em relação à dor, à debilidade física, a doenças do coração, à pressão sanguínea, ao infarto, às funções imunes e neuroendócrinas, às doenças infecciosas, ao câncer e à mortalidade. Também analisaram 850 trabalhos, quando procederam ao exame da relação com a saúde mental e foi constatada a associação do envolvimento religioso com maior nível de prazer na vida, de bem-estar, senso de propósito e significado de vida sempre associados à esperança, ao

otimismo, à estabilidade nos casamentos, ao menor índice de ansiedade, ao menor índice de depressão e com “menor probabilidade” de abuso de substâncias lícitas e ilícitas. Nesses estudos, fica claro que a espiritualidade pode estar proporcionando aumento do senso de propósito e significado de vida e está associada à maior resiliência e resistência às intempéries da vida.

Em geral, quando a religião é bem estruturada, com lideranças responsáveis, ela tende a promover mais experiências pessoais positivas que negativas (Koenig, Larson e Larson, 2001). A religião tem um grande foco de ação, foco este amplo em sua magnitude. A religião oferece estratégias ou métodos de *coping*, até mesmo contraria o estereótipo de que seria defensiva e passiva, direcionada apenas à emoção ou apresenta um formato negativo. (Pargament e Park, 1995)

Em um levantamento bibliográfico realizado por Guimarães e Avezum (2007) há evidências recentes da importância do papel da espiritualidade e da religiosidade em vários campos da área clínica. Podemos perceber que o envolvimento da espiritualidade e da religiosidade vem sendo um fator relevante no alívio de doenças físicas e mentais e no estado de bem-estar (felicidade, afetos positivos e moral mais elevado), bem como na ajuda da prevenção e afastamento do uso e abuso de drogas.

Esse artigo já difere do anterior, pelo fato de definir a espiritualidade como algo que não inclui uma participação em instituição religiosa formal. Há também a necessidade de averiguar aspectos éticos e pessoais que possam salientar vieses de análise e interpretação, pois o estudo da espiritualidade, como qualquer outro objeto de investigação, merece uma aplicação sistemática e rigorosa do método científico para sua avaliação, independentemente de posturas pré-concebidas. Esses aspectos metodológicos poderão ser observados em estudos futuros. Os autores afirmam que, embora a correlação entre religião e espiritualidade e a saúde física e mental tenha demonstrado influência de uma boa qualidade de vida e um “possível afastamento das drogas”, é preciso compreender melhor os fatores mediadores dessa associação e sua transposição para a prática clínica diária. Fazem-se ainda necessários estudos de ponta com metodologia estruturada e científica para que seja relevante a comprovação cada vez maior desse paradigma. As pesquisas futuras talvez possam contribuir para uma possível clarificação dos mecanismos que possam justificar esses achados.

Sanchez e Nappo (2007) também fizeram uma revisão de artigos. Eles destacam a espiritualidade como fator preventivo do uso e abuso de drogas. A maioria dos trabalhos tem caráter quantitativo e transversal e não enfoca mecanismos ou multideterminação. O objetivo dos autores foi descrever os principais estudos científicos que abordam o papel da espiritualidade no tratamento e na prevenção do consumo de drogas, como também a coerência e suporte na estruturação do caminho entre espiritualidade e drogas, pois ele é alvo de preconceitos. Apesar de esses estudos terem uma grande dificuldade para estabelecer um padrão mediador da religião, nas últimas décadas, estudos quantitativos vêm apontando para a relevância dela na prevenção do uso e abuso de drogas. As evidências indicam uma relação positiva entre o não consumo de drogas e os índices de religiosidade, identificada como fator protetor contra o uso de drogas, tanto no Brasil quanto no exterior.

É possível verificar, em revistas indexadas, (*Journal of Drug Issues*, *Scandinavian Journal of Social Medicine* e *Social Science & Medicine*) o papel fundamental que a religião vem desempenhando. Também é possível demonstrar os benefícios que os pacientes têm alcançado por meio dela. Dentro desse perfil, estão os dependentes de drogas, os portadores de patologia severa, que vivenciam períodos estressantes e traumáticos ao longo do processo de recuperação. É ainda possível perceber o efeito positivo da religião na recuperação, na prevenção e no tratamento dos dependentes.

Vale destacar que o tema tende a focar mais o papel da religião para a prevenção primária do consumo e o da espiritualidade com respeito ao tratamento da dependência. Aqueles que pouco frequentam a igreja, ou não participam ou não praticam uma religião, são mais propensos ao uso e abuso de álcool e outras drogas. Quanto à espiritualidade como fator de tratamento, seria o senso de força encontrado dentro de si mesmo, a valorização dos aspectos pessoais e significados de vida recuperados pelos dependentes. É possível enfim perceber a relação inversa entre a religião e o uso de drogas psicotrópicas, mesmo que não se possam descartar os vários problemas derivados da mensuração dos índices de religião. (Sanchez e Nappo, 2008)

Um dos mais antigos estudos cujo enfoque recai na relação da espiritualidade como proteção ao uso de drogas foi realizado na Irlanda (Parfrey, 1976), com uma amostra de 458 estudantes universitários daquele país. Constatou-

se que entre os estudantes com menor crença em Deus e menor frequência às igrejas o consumo de álcool era maior.

Adlaf e Hughes (1985) realizaram um estudo sobre o uso de drogas com 2.066 adolescentes com diversas análises de mensuração da religião, como afiliação religiosa, religiosidade e frequência à igreja. A afiliação a entidades religiosas não diferiu entre os usuários de drogas, quer fossem católicos, protestantes quer sem religião. Os que pouco iam à igreja ou não praticavam sua religião eram os mais propensos a ser usuários contumazes de álcool e de outras drogas.

Em outro estudo realizado com 13.878 estudantes, Lorch e Hughes (1985) perceberam que a religião era o fator preponderante para o não consumo de drogas, pois, quanto maior era a importância dirigida à religião, menor era o interesse pelas drogas. Verificou-se a relação entre religião, o uso de álcool e a percepção do uso irracional deste. As pessoas sem religião eram as mais propensas a utilizar o álcool, e os batistas eram os que menos consumiam essas substâncias.

Na Alemanha, Cronin (1995) realizou um estudo com 216 estudantes e averiguou que o consumo de drogas foi expressivamente maior entre os alunos do Ensino Médio. Estes não se importavam com a religião nem com a espiritualidade. Outro estudo constatou também que a prática da religiosidade retarda o primeiro uso do álcool e influencia a menor frequência posterior do consumo desse líquido. (Hawks e Bahr, 1992) Na Hungria, um levantamento com 1.240 adolescentes mostrou a relação inversa entre consumo de tabaco, de álcool e maconha e a prática religiosa. (Piko e Fitzpatrick, 2004)

Todos os estudos mencionados permitem observar diferenças significativas na atitude diante do consumo de drogas, em especial do álcool, de acordo com a religião professada. É interessante notar que, de acordo com as crenças, o uso do álcool pode ser maior entre os seguidores de algumas religiões do que de outras. Segundo Nusbumer (1981) os batistas e metodistas tendem à abstinência alcoólica muito mais que os católicos, luteranos, presbiterianos e os episcopais. É possível averiguar que católicos e protestantes liberais tendem a problemas maiores com o consumo de álcool do que protestantes conservadores. (Engs *et al.*, 1990)

Outros estudos também colocam os católicos no grupo religioso de maior índice de consumo de álcool, com taxas semelhantes à daqueles sem religião.



(Perkins, 1985; Amoateng e Bahr, 1986; Carlucci et.al., 1993)

Com base nessas pesquisas, cabe uma reflexão a respeito dos tratamentos religiosos de reabilitação. Estes têm sido estudados por pesquisadores que enfatizam nitidamente o papel dos grupos com base espiritual, mas não religiosa, como a Associação dos Alcoólicos Anônimos (A.A.A.). A maioria desses estudos está baseada em correntes protestantes de apoio ao usuário de drogas, pois foi a pioneira nessa área e também implantou programas de recuperação em igrejas evangélicas. (Chen *et. al.*; 2004)

Verificamos que, independentemente da religião professada, há um impacto da religião e da espiritualidade no tratamento e na prevenção da dependência de drogas, o que demonstra que o vínculo religioso facilita a recuperação e diminui os altos índices de recaída dos usuários submetidos aos diversos tratamentos. Para alguns pesquisadores, a simples ida à igreja, que não denota tratamento algum do uso de substâncias psicoativas, contribui para a diminuição do uso de drogas como a cocaína. Entretanto, quando associados ao A.A.A., tem-se uma eficácia ainda maior. (Pullen *et al.*, 1999)

Peres *et. al.* (2007) exploram a hipótese da relação entre a dor física com a religião e a espiritualidade. Eles reconhecem o significado da espiritualidade também na diminuição de dores crônicas. Os resultados confirmam a investigação realizada pelos pesquisadores de que ocorre melhora significativa nos indivíduos com dores crônicas. A pesquisa teve a intenção de prover condições básicas para a sua realização e reconheceu a importância da espiritualidade no tratamento. Além de ser um estudo de grande importância científica, por relacionar o alívio de dores com o envolvimento espiritual, contribui ao demonstrar também a magnitude do envolvimento religioso e espiritual para o afastamento do uso e abuso de álcool apontado nas outras pesquisas preestabelecidas.

Em um estudo conduzido por Bastos *et. al.* (2008, p.114), foram avaliados padrões de consumo de álcool e de drogas e o afastamento desse consumo quando há a espiritualidade. A análise de dados permitiu concluir que, “quanto mais velha for a pessoa, maior a propensão de consumo regular de álcool” (Ibid.) e, “se for do sexo feminino e da cor branca, se mostram como fatores protetores”. (Ibid.) É importante ressaltar que práticas religiosas e preferências de lazer, tais como exercícios físicos, estão fortemente associados ao não uso e abuso de álcool e outras drogas.

Soeiro *et. al.* (2008), com o objetivo de compreender a influência da religião nos transtornos mentais de pacientes internados no Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com diversos sintomas como depressão, fratura de bacia, doenças físicas, câncer, doença de Alzheimer, fazem uso da abordagem qualitativa e de questionário sociodemográfico e o miniplus (entrevista padronizada breve, compatível com o DSM-IV, validado no Brasil por Amorim), com resultados de confiabilidade bastante satisfatórios. Os autores verificaram que a religião professada pelos pacientes (católicos, evangélicos ou espíritas) não foi fator concretamente relacionado à prevalência de transtornos mentais específicos, com exceção do abuso ou da dependência de álcool. Esse trabalho aponta características semelhantes aos estudados anteriormente, à medida que sugere uma relação palpável, no que concerne à ligação da religião como fator de proteção contra o abuso de álcool e de substâncias psicoativas.

Com esses estudos, percebemos que, a frequência e a ausência do envolvimento religioso indicam diferentes dimensões da vida social e religiosa. Esse estudo corrobora a ideia de que a religião, com sua grande dimensão significativa, pode vir a ser um grande auxiliar para indivíduos com transtornos mentais oriundos de possíveis doenças físicas, como também no uso e abuso do álcool. No entanto, a intensidade e o envolvimento religioso devem e merecem ser investigados cuidadosamente, pois ainda carecem de substancialidades científicas concretas.

Sterling *et.al.* (2006) fornecem mais evidências com o estudo realizado com 405 índios norte-americanos: 246 masculinos e 159 femininos. Os pesquisadores investigaram, entre os indivíduos dependentes de álcool, se havia correspondência entre nível de espiritualidade alto e adesão ao tratamento. Constataram que aqueles com alto nível de espiritualidade permaneciam até o final do tratamento, diferentemente daqueles com baixo nível de espiritualidade que desistiam antes do término. Os resultados mostraram que a carência da espiritualidade e de orientação espiritual não chegaram a promover: a) término do tratamento, b) eficaz abstinência c) o não desejo de beber.

O estudo realizado por Stone *et. al.* (2006) com 980 índios americanos, sendo 71% mulheres e 29% homens, corrobora os achados do trabalho acima. A variação de idades ficou para mulheres de 17 a 77 anos, numa média de 39 (9.58) anos, e para os homens de 21 a 68 anos, média de 42 (9.78). Nesse estudo foram investigadas possíveis razões para a cessação do uso do álcool entre os índios

americanos. Também foram examinadas as relações entre o efeito do tratamento do álcool e das drogas e outros fatores correspondentes na vida das pessoas investigadas: hábitos e costumes, espiritualidade e identificação cultural – que poderiam estar influenciando na cessação e na manutenção da sobriedade.

Os achados foram os seguintes: ser mulher e casada estava associado à cessação do álcool. O fato de não ter uma vida saudável foi associado ao beber compulsivo, embora não se tenha mostrado significativo para um prognóstico de cessação do álcool. Quando examinada a cultura, verificou-se que ela permanecia mais significativamente como o prognóstico da cessação do álcool do que outras prévias variáveis. Quando foram examinados os componentes individuais da cultura - a participação em atividades tradicionais e a tradição espiritual –, estes se revelaram significativos na cessação do álcool. A identidade cultural não foi significativamente associada com a cessação do álcool.

Sanches e Nappo (2008) também conduziram uma pesquisa no curso de 17 meses (2004 e 2005) em 15 instituições religiosas (6 católicas e 9 protestantes) localizadas na cidade de São Paulo, Brasil. Os instrumentos de investigação foram entrevista semiestruturada e questionários. O objetivo proposto foi refletir sobre a cultura, e os pesquisadores tiveram a possibilidade de interação com a população examinada. A participação se deu nas igrejas que, publicamente, ofereciam tratamento religioso para a dependência de drogas. Foram realizadas 60 entrevistas: 28 com católicos e 29 com protestantes. A conclusão da pesquisa mostrou que a religião promove a abstinência do uso do álcool e das drogas e, o mais importante: oferece aos usuários recursos sociais para a reconstrução da vida, como novos ciclos de amigos, engajamento em trabalhos voluntários, cuidado psicológico individual, suporte financeiro no estado inicial, apreciação das potencialidades individuais e grupo de contenção. Segundo os autores, o alicerce dessa estrutura é a fé religiosa que promove a união do grupo e oferece respostas religioso-filosóficas para questões de vida. Os achados sugerem que o tratamento religioso pode ter um papel positivo na recuperação do usuário de drogas e na prevenção de recidiva.

Hill *et. al.* (2007) desenvolveram um trabalho que relaciona religião com estilo de vida saudável. Os dados foram coletados em amostras de 1.369 adultos, na cidade do Texas, nos EUA, com indivíduos que se empenhavam num estilo de vida saudável e praticavam várias atividades. Simultaneamente, exercitavam-se com

regularidade, abstinham-se do cigarro e usavam serviços de saúde. Nesse estudo em particular foram medidas formas de envolvimento religioso públicas e individuais que incluíram seis itens: frequência religiosa, participação religiosa, oração, leitura da Bíblia, leitura de outras fontes religiosas e uso da mídia religiosa. Os resultados indicaram uma forte relação entre religião individual e estilo de vida saudável, e esse modelo é similar para homens e para mulheres e transversalmente para raças e grupos étnicos. Essa relação entre estilo de vida e religião mostrou-se evidente em idosos.

Os pesquisadores ressaltam que muitos grupos aderem aos princípios religiosos em razão da importância que atribuem à saúde física. Há um forte significado associado ao comprometimento e envolvimento espiritual. A correlação evidenciada é aparentemente simples de observar, pois uma pessoa que está comprometida com sua saúde física (cuidar de si mesma) e envolvida num patamar espiritual, muito provavelmente não irá se envolver com o uso e o abuso de álcool e drogas, visto que suas atitudes não condizem com esse tipo de vida e de comportamento.

Tais estudos oferecem contribuições importantes à nossa discussão sobre o papel da religião individual na prevenção de comportamentos específicos, como o uso pesado de bebidas, por exemplo.

Zemore (2007) resalta que, no processo de persuadir e animar outros, no processo de tratamento da adição, o indivíduo pode persuadir e encorajar a si mesmo. Para suportar essa proposição, vários estudos quantitativos têm relacionado a ajuda com uma melhora dos resultados dentro do contexto recíproco do envolvimento. No estudo longitudinal composto por 301 membros do grupo de mútua ajuda de alcoolista e de desordem mental, foram percebidas atitudes positivas de maior ajuda e prognosticada a abstinência do álcool e outras drogas num segmento de um ano. Isso pode ocorrer porque pessoas que ajudam outras durante o tratamento ganham experiências de maneira íntima, o que significa troca recíproca que forma o suporte principal de ambos, como AA e Narcóticos Anônimos (NA).

Para Calhoun (2007), tem-se percebido um vagaroso, mas crescente interesse no impacto da religião e da espiritualidade no comprometimento de atividades relativas à saúde.

Podemos observar que são muitos os estudos que incluíram medidas de participação religiosa e que encontraram uma co-relação positiva entre religião e abstinência de álcool. As pesquisas confirmam que pessoas que regularmente comparecem a serviços religiosos ou descrevem-se como altamente religiosas também informam ter baixo consumo de álcool. Desenvolvimento e crescimento espiritual não deveriam ser ignorados quando se trata de saúde mental, física e emocional das pessoas que apresentam o uso abusivo de álcool. Evidentemente são necessários estudos adicionais para melhor entender o papel da religião e espiritualidade como fator de proteção e prevenção da vulnerabilidade ao uso abusivo do álcool.

Wikinson *et. al.* (2008) perceberam que a oração influencia a saúde e é expressiva na população americana. Os autores mencionam várias publicações que enfatizam o relacionamento religioso, a prece na saúde, bem-estar individual. Eles sugerem que os indivíduos podem acreditar que sua força religiosa os capacita para uma influência positiva por meio da prece (força interna) ou que o destino pode estar ajudando em sua saúde (força externa).

Outro estudo conduzido por Curlin *et. al.* (2007) investigou a associação entre as características religiosas dos médicos e suas observações e interpretações da influência da religião e espiritualidade (R/E) na saúde. Algumas respostas confirmaram que a religião tem efeito positivo na saúde mental. Nessa pesquisa transversal não foi possível explicar por que médicos religiosos e não religiosos se diferenciaram tão marcadamente em suas observações e interpretações da influência da R/E na saúde. Podemos perceber que pacientes e médicos que compartilham sua religião podem também agregar maior consciência de si mesmos. É esperado que os pacientes com maior senso de força religiosa mais provavelmente solicitarão do seu próprio médico sua experiência religiosa. Esses achados permitem avanços no estabelecimento de relações entre religião e espiritualidade com a saúde, tanto física como mental.

Paiva (2007), em estudo recente sobre religião, enfrentamento e cura, observou que “é a relação com o objeto religioso que torna religiosa uma variável, e não sua categorização em alguma classe especial de comportamento”. (p.100) Não pode ser unívoca a palavra da psicologia da religião, porque a experiência religiosa é muito variada em seu significado, isto é, a relação desse fenômeno é, antes mesmo cultural, e o sentido aplicado a ela e à sua vivência são muito particulares.

Dew *et. al.* (2008), em recente estudo com 117 participantes adolescentes analisados que receberam tratamento de saúde mental por pelo menos 82 semanas, perceberam humor depressivo na lista de 59 pacientes (50%). Outros distúrbios de humor foram percebidos em 19 pacientes (16%). Os sujeitos tinham diagnóstico de depressão e 100 (85%) desses sujeitos faziam uso de psicotrópicos. Adolescentes que pouco exercitavam o perdão e se sentiam não perdoados por Deus eram mais expressivamente depressivos. O motivo da depressão também foi relacionado ao suporte religioso negativo, num nível percebido como crítico e autoritário. “O aspecto do envolvimento social da religião pode ser especialmente relevante para o adolescente, como interação fora da família, e alcança um especial interesse na formação da identidade”. (Ibid. p.249) Os resultados são preliminares, mas o estudo ajuda a esclarecer a relação entre depressão em adolescentes e a experiência religiosa. As pesquisas com desenho longitudinal seriam necessárias para confirmar alguns achados e explorar caminhos de intervenção clínica.

Para Sellman *et. al.* (2007, p.801), “a relação entre tomar drogas e o encontro com Deus não prevalece como uma experiência normal nas sociedades contemporâneas ocidentais”, mesmo sendo bem estabelecidas no curso da história. Para esses autores, nem toda recuperação está associada à experiência religiosa. Uma mudança significativa na orientação de vida é fundamental para esse processo. Essa transformação pode aparecer na expansão da abertura interna de si mesmo e da vida; conseqüentemente, uma nova relação da experiência espiritual ou cultural pode florir. A adição pode ser superada com a presença de valores mais significativos.

Outro estudo com importantes subsídios existenciais foi feito por Wiklund (2008a, p.2426), considera que “a saúde não é apenas a ausência de doença, mas também tem um sentido de bem-estar e totalidade”. Indivíduos que vivem na adição são constantemente forçados a lidar com conflitos que aparecem internamente, e o desejo das drogas é real como um suposto meio para resolver desafios. Efetivamente, de um lado, “o uso de substâncias lícitas e ilícitas ajuda a pessoa a resolver, aparente e instantaneamente, seus problemas” (Ibid.); por outro lado, “o uso abusivo não abrandava o sentimento de confusão, o sentimento de estar só, a culpa e a vergonha, e a pessoa se vê colocada fora da vida”. (Ibid. 2432)

Promover a saída do vício exigiria considerar valores positivos intrínsecos ligados à vida para ajudar o adicto a enxergar essa dimensão e poder lidar com

aspectos negativos da vida sem o uso dessas substâncias, lícitas ou ilícitas. A dimensão da espiritualidade poderá ajudar indivíduos a construir sistemas de valores e crenças que conferem significado e direção à vida. Dentro dessa visão, a espiritualidade pode incluir outros vários aspectos do ser humano e não deveria ser vista como isolada e contendo uma única e simples posição. O ser humano deve ser entendido como uma unidade indivisível, e a espiritualidade vista como uma possível forma de integração e cuidado com toda a existência de vida.

Notamos, no decorrer da análise desses estudos, que a espiritualidade: 1) pode ser um fator de recuperação do alcoolismo; 2) tem importante efeito inibidor do uso e abuso de álcool e outras drogas; 3) pode agir como suporte no enfrentamento de dores e de outras doenças físicas e mentais; e 4) é um indicador de qualidade de vida e fator essencial de resiliência.

Esses achados contribuem para o nosso objetivo de pesquisar a influência da espiritualidade na recuperação do alcoolismo. Consideramos que a espiritualidade pode ser uma experiência que proporciona um conhecimento direto do aqui e agora e direciona para um conhecimento transformador. Pode-se tornar importante quando fizer vir à tona a dimensão social, isto é, quando essa experiência se transformar em uma abertura para novos aspectos da vida. A espiritualidade pode oferecer novos significados e fortalecer transformações, promover o sentido de pertencer ao universo com mais força e dinamismo, vivenciar caminhos e aprofundar o contato com a nossa alma. É possível que, ao serem tocados pela espiritualidade, os alcoolistas apresentem a faculdade de desenvolver novas perspectivas em diferentes áreas da vida.

Notamos, na discussão dos artigos, que a espiritualidade é expressa pelo empenho individual de dar significado à vida. A transformação vem do significado adquirido, por meio de uma forma de se viverem novas experiências a serem percebidas plenamente pelo indivíduo em estado sóbrio. Acreditamos também que esse encontro interno possa representar um modo de vida mais promissor e inteiro, que propicie alargamento aos passos explorados, mais distante da alienação e do isolamento e que permita à pessoa desfrutar de um repertório de escolhas mais amplo.

## **CAPÍTULO VI**

### **MÉTODO**

#### **Objetivo**

A presente pesquisa tem como objetivo observar se a experiência da espiritualidade influencia a atitude do alcoolista em seu processo de recuperação. Nesse trabalho entendemos a espiritualidade desde uma visão vinda da educação religiosa até uma vivência subjetiva do transcendente.

#### **Objetivo Específico**

Verificar o significado dado pelos sujeitos da pesquisa ao termo “espiritualidade”.

#### **Local**

O trabalho foi realizado em um instituto de recuperação de dependentes químicos, em uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Esse local foi escolhido em razão do tipo de tratamento oferecido aos alcoolistas. A pesquisa tem como objetivo resgatar a fé, a dignidade e o autoconhecimento, além de objetivar a ampliação da capacidade de controle do interno sobre a doença por parte do alcoolista, a fim de, dessa maneira, sejam prevenidas as recaídas.

A pessoa que busca a ajuda do Instituto deve ter absoluto desejo de ser ajudado, o que abre uma possibilidade maior de cura. Os pacientes seguem um programa de conscientização que tem como base os 12 passos da Associação Alcoólicos Anônimos (A.A.A.), a saber: 1º) admitimos que éramos impotentes diante do álcool; portanto, reconhecemos que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas; 2º) acreditávamos que um poder superior a nós mesmos poderia devolver-nos a sanidade; 3º) decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus na forma em que O concebíamos; 4º) fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos; 5º) admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas; 6º) prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter; 7º) humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições; 8º)



relacionamos todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados; 9º) reparamos diretamente os danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicá-las ou a outrem; 10º) continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitimos prontamente; 11º) procuramos, por meio da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós e também forças para realizar essa vontade; e 12º) tendo experimentado um despertar espiritual graças a esses passos, procuramos transmitir essa mensagem aos alcoólicos e praticar esses princípios em todas as nossas atividades.

O instituto trata também de questões ligadas ao uso do álcool por meio da Terapia Racional Emotiva (TER) e, para facilitar a reflexão, usam Vídeo Terapia (filmes terapêuticos e pedagógicos que tratam de questões ligadas ao uso da droga e do álcool). No tratamento incluí ainda a Terapia Sistêmica, que traz a consciência de que todos devem colaborar para o bem-estar de todos – atividades físicas e o Grupo de Espiritualidade –, em que os internos participam de leituras da Bíblia com o objetivo de abrir uma porta para uma aproximação com Deus, como mais uma ajuda para o abandono do vício.

O Instituto trabalha dentro do modelo Minnesota de grupos terapêuticos. Esse método consiste em um modelo psicoterapêutico de origem humanista cujo objetivo final é a abstinência total do consumo do álcool. Através dessa técnica, o indivíduo adquire uma consciência até então inexistente das implicações de sua doença e conseqüentemente encontra-se mais consciente da sua própria responsabilidade pela sua recuperação pela partilha. Tal método tem como meta “tratar” e não “curar”, pois objetivam a compreensão da doença e a manutenção da sobriedade pela mudança de comportamento. Em síntese há uma ênfase nos doze passos do A.A e no desenvolvimento espiritual.

**Sujeitos:** 10 homens, com mais de 18 anos que tinham sido diagnosticados como alcoolistas e que tenham aderido ao tratamento há pelo menos três meses nesse Instituto. Os participantes foram sugeridos pela própria Instituição. Após acordo entre Instituição, participantes e pesquisador, demos início à coleta de dados. Conforme Rey:

“A criação do cenário de pesquisa é também uma necessidade de trabalho com os sujeitos, os quais devem ser informados sobre a pesquisa e consultados em relação à sua disponibilidade nos diversos momentos e sobre os instrumentos utilizados”. (Rey, 2005, p.85)

**Instrumento:** O instrumento utilizado na pesquisa foi um questionário semiestruturado, com perguntas abertas e fechadas que pudessem nos informar sobre a dimensão espiritual dos sujeitos pesquisados e sobre seu comportamento de alcoolista. (Anexo A).

**Procedimentos:** As entrevistas foram realizadas de acordo com a rotina da Instituição. O termo de consentimento foi explicitado claramente aos sujeitos, para que eles não tivessem dúvidas posteriores (Anexo B). O anonimato na entrevista e nas respostas ao questionário foi elucidado aos sujeitos, de modo a garantir-lhes tranquilidade e segurança.

A entrevista foi de cunho individual, o pesquisador permaneceu com um sujeito de cada vez, a fim de colher os dados possíveis concernentes ao tema proposto. Um conjunto básico de questões foi apresentado para todos os entrevistados de maneira a possibilitar a comparabilidade das respostas e facilitar a análise. O objetivo dessa intervenção era apreender o sentido que os sujeitos pesquisados atribuíam à espiritualidade e verificar como ela poderia ou não, influenciar o abandono da adição e/ou exercer algum tipo de proteção contra ela.

A pesquisa foi realizada da seguinte maneira:

- a) apresentação do cenário da pesquisa aos profissionais, por meio de uma comunicação aberta e clara, para facilitar o entendimento e a participação;
- b) levantamento da rotina de trabalho da Instituição para facilitar a pesquisa, isto é, os horários de atendimento dos profissionais das equipes;
- c) levantamento proposto pela Instituição dos sujeitos internos com diagnóstico de alcoolismo;
- d) contato com os profissionais da instituição para selecionar os possíveis sujeitos para esta pesquisa;
- e) contato com os sujeitos em uma reunião com o grupo todo, para a apresentação do trabalho, a fim de que eles pudessem ter ciência do que seria

abordado e para ressaltar a importância da participação deles na condução da pesquisa. Oferecemos um período de alguns dias para que todos pudessem refletir e decidir sobre sua participação;

f) composição do grupo de pesquisa com os 10 primeiros sujeitos que concordaram em participar;

g) leitura do termo de consentimento e início da entrevista (anexo D). As entrevistas foram realizadas individualmente; primeiro foram gravadas e, posteriormente, transcritas;

h) elaboração da agenda com os sujeitos e profissionais para a execução do trabalho nos dias e horários determinados pela Instituição;

i) esclarecimento e entrega do termo de consentimento no início da entrevista, no dia agendado.

J) O pesquisador esteve na Instituição (o local da pesquisa) por seis vezes, anteriormente ao início da coleta de dados propriamente dita, a fim de familiarizar-se com a rotina, com os funcionários e com os participantes. Essas visitas foram importantes também para constatar a possibilidade de realização da atividade, averiguar o ambiente físico e, principalmente, estabelecer vínculo com os participantes (*rapport*) para o procedimento da coleta de dados.

### **Cuidados Éticos**

O projeto de pesquisa intitulado *A dimensão da espiritualidade como processo de recuperação de um grupo de alcoolista*: estudo sob o enfoque da psicologia analítica – foi aprovado pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 31 de agosto de 2009 (Anexo D). Foram respeitados os cuidados éticos estabelecidos pela resolução 196, de 10 de outubro de 1986, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da saúde.

Coube ao pesquisador assinar um termo de compromisso com a Instituição (Anexo B) conforme disposto no termo de consentimento livre e esclarecido, já mencionado, sem prejuízo da observância das diretrizes éticas do Conselho Federal de Psicologia e de Medicina e outros aplicáveis à espécie.

Essas preocupações se devem em razão de qualquer possível constatação de qualquer insatisfação ou desconforto por parte do participante em relação à entrevista em si. O pesquisador esteve atento para qualquer eventualidade desagradável que pudesse ocorrer além de se responsabilizar na facilitação de todo

tipo de cuidados e auxílios aos participantes. Não foi observado nenhum tipo de ocorrência que pudesse prejudicar a condução das entrevistas.

O diretor da Instituição, funcionários e participantes foram informados, com clareza, sobre a possibilidade de um encontro com o pesquisador para conhecimento e esclarecimento das conclusões obtidas no trabalho, após o fechamento dos resultados da pesquisa, caso houvesse interesse de uma das partes.

Esta é uma pesquisa qualitativa e envolve, portanto, uma abordagem interpretativa e naturalista de seu objeto de estudo. Isso significa que foi desenvolvida em cenário natural, em que procuramos abranger e interpretar o fenômeno nos termos dos significados que as pessoas atribuem a ele (Denzin e Lincoln, 1994). É evidente que a complexidade inerente ao tema faz necessária uma busca cuidadosa pela amplitude do problema, pois discussões pertinentes podem nortear aspectos relevantes no desenvolvimento do trabalho.

O método qualitativo tem como característica o fato de associar-se à tradição compreensiva e interpretativa e nessa seara, “é também o traço principal da pesquisa dinâmica que está na origem da psicologia profunda” (Penna, 2009, p.61).

Assim, a afinidade sujeito-objeto distingue o eu e o outro, mas não dá preferência a um em detrimento do outro. A produção de conhecimento, originalmente, é conduzida pelo pesquisador, mas não é dado em princípio o controle egóico da situação de coleta de material, pois o inconsciente – pessoal e coletivo – compartilha e influi continuamente na *práxis*. A sustentação de uma postura simbólica em referência ao pesquisado (outro), procurando fundir as polaridades em questão numa dimensão dialética de convergências recíprocas, propicia o desenvolvimento satisfatório do processo de apreensão dos símbolos (Penna, 2009).

E o curso de pesquisa, na fase de captura do fenômeno, entende dois sistemas em contínua e intensa interação: “o sistema pesquisador com seus aspectos conscientes e inconscientes”, e o “sistema pesquisado – fenômeno psíquico a ser conhecido – símbolo – com seus aspectos conhecidos e desconhecidos, manifestos e subjacentes” (Ibid., p.95).

## CAPÍTULO VII

### RESULTADOS

#### 7.1 Definição da amostra

Neste capítulo, foram empregadas as informações conseguidas no questionário de dados a fim de se delimitar o conjunto do estudo. Em função de uma melhor objetividade na análise dos dados, o instrumento foi agrupado em algumas variáveis da seguinte forma:

Quadro I – Perfil do grupo amostral

<i>Sujeitos</i>	<i>Idade</i>	<i>Estado Civil</i>	<i>Início da Doença</i>	<i>Tempo de Internação</i>	<i>Religião</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Profissão</i>
A	35	Casado	1999	5 meses	Espírita	2º grau	Operador de Maquinas
B	29	Solteiro	1999	5 meses	Católico	1º grau	Servente
C	40	Separado	1984	4 meses	Congregação Cristã do Brasil	5ª série	Mecânico de Refrigeração
D	50	Casado	1989	4 meses	-	Primário	Dobrador Gráfico
E	50	Casado	1981	5 meses	-	7ª série	Porteiro
F	52	Casado	1977	4 meses	Congregação Cristã do Brasil	2º grau	Motorista
G	52	Casado	1999	4 meses	Católico	2º grau	Comerciante
H	58	Casado	1979	4 meses	Católico	4ª série	Vendedor
I	29	Separado	2004	3 meses	Evangelico	1º grau	Pintor
J	43	Separado	1991	4 meses	Católico	1º grau	Serralheiro

- Todos os participantes não praticam suas religiões.

#### 1- Estado civil

As respostas relativas à classe civil foram organizadas em solteiro (em que inclui estar sozinho ou namorando), dentre eles apenas um entrou na classificação. Separado, apenas três e casados seis, do total de 10 da amostragem.

#### 2- Início do alcoolismo

As respostas tiveram diferenças de início, sendo que o mais antigo foi no ano de 1977 e o mais novo no ano de 2004. Os outros índices estão entre essas datas.

#### 3- Tempo de internação

As respostas referentes ao tempo de internação foram de no mínimo três meses, um interno; quatro meses, seis internos e de cinco meses, três internos.

#### 3- Religião

O termo “religião” ficou com as seguintes características: espírita, um interno; católica, quatro internos; evangélico, três internos e sem religião, dois internos.

#### 4- Práticas religiosas institucionais

A Constância de práticas, envolvendo participação em instituições religiosas, foi relatada por todos os participantes como que nula.

#### 5- Escolaridade

O nível de escolaridade na amostra foi de: quatro internos têm o 2º grau completo; um interno têm o 1º grau completo; um interno tem a 4ª série; um interno, a 7ª série; um tem o primário; um têm a 5ª série e um a 6ª série.

#### 6- Filhos

Afirmam ter 3 filhos, um interno; 2 filhos, dois internos; 1 filho, três internos e sem filhos, quatro internos.

#### 7- Situação ocupacional

As profissões apresentadas são bem variadas: mecânico industrial; comerciante; vendedor; porteiro; motorista; dobrador gráfico; mecânico de refrigeração; servente; operador de máquinas e pintor.

A amostra foi composta por 10 internos dessa Instituição, situada numa cidade do interior do Estado de São Paulo. Prevaleceu o sexo masculino, com idades entre 29 anos e 58 anos.

É importante salientar que não foram efetuadas perguntas sobre o rendimento dos integrantes, em virtude de os participantes serem de uma classe social não abastada e também em razão de se evitarem maiores constrangimentos no ato da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas individualmente e seguiram as normas e as rotinas da Instituição, respeitando-se os horários dos grupos já estabelecidos. A intenção da coleta dos dados foi a de propiciar uma melhor compreensão dos fenômenos e de seus significados e fins, pois se trata de uma pesquisa qualitativa, que envolve sempre uma abordagem interpretativa do objeto de estudo, com a finalidade de buscar os significados que as pessoas atribuem a eles. Foi possível estabelecer categorias com base nas respostas dos entrevistados e, a partir delas, apreciar e apresentar algumas conclusões.

## **7.2 Categoria**

### **1- Motivação inicial para a bebida**

Por que começaram a beber: As respostas que podem ser circunscritas nesta categoria são sentimentos e emoções enlaçados por experiências de separação e culpa pelo uso frequente de bebida; os sentimentos de abandono, mas ainda não compulsivo; e pelo estímulo dos pais, como um incentivo para o uso. Nessa ordem encontram-se respostas, como: “Foi emocional. Uma perda. Fiquei abalado e não conseguia controlar o uso mais.” “Comecei a beber pelo falecimento do meu pai, né?, porque até hoje me sinto culpado pela morte do meu pai.” “Eu bebo desde os 4 anos de idade. Meu avô dava um cálice de vinho no almoço e no jantar”. “Eu comecei dos doze anos para treze anos. Eu via os companheiros de trabalho, era menor ainda. Um dia pegando o gosto acabei começando”. “Quando tinha cinco anos de idade, meu pai me levava no bar junto e ele tomava um trago e deixava um pouquinho no fundo para mim. Ele bebia e eu aprendi com ele”. “A bebida era uma fuga em relação, vamos dizer, de viver sozinho”. “Por viver longe da família, fui criado para o mundo, né? Eu não fui criado pelos meus pais biológicos. Eu fui criado pelos meus padrinhos na verdade. Na ausência de minhas irmãs, começou a ficar no empurra-empurra, uma ali, um primo mais distante, até que eu por decisão minha, caí no mundo”. “Curiosidade. Meus pais sempre bebiam, vi desde pequeno, praticamente a partir dos onze anos de idade que eu comecei a beber, quase todos os dias, mas pouco, mas sempre bebendo”. “Comecei a beber

aos dezesseis anos de idade. Meu pai tinha um comércio, então meu pai ia lá beber e eu bebia um golinho, para começar ser igual a ele.”

## **2- Sensação e sentimento quando alcoolizado**

Fuga da realidade: Esta classe aponta uma postura psíquica indicativa de fuga da realidade pela dificuldade de vivenciar e lidar com os diversos momentos e situações da vida, dificuldade de enfrentar os problemas e conflitos que surgem. Aproximam-se dessa categoria respostas como: “Não fico nesse mundo, invento outro mundo, para estar bem no outro mundo”. “Pior que é uma maneira de fugir dos problemas. Eu me sinto mais aliviado, não tenho preocupação. Parece que o corpo, a mente fica mais aberta”. “Tirava a vergonha, encorajava. Libertava. Inibia também meu medo, porque o medo sempre foi uma constante em minha vida”. “Euforia. Esqueço os problemas”. “Eu sinto que apaga aquela turbulência que me toma, aquele pesar que me toma, apaga, eu esqueço aquela mágoa, esqueço sentimento, aquela raiva. Apaga e parece que equilibra minhas emoções”. “Esqueço da minha dor. Tira a dor que vinha no meu peito, uma dor seca. Eu me sinto bem, parece que eu estou sob o efeito de minha necessidade”.

Sensação de bem-estar: Esta categoria indica a intenção para o uso do álcool. Representam esse conjunto expressões como: “Sinto tranquilo e aliviado”. “Vai bebendo mais para não parar aquela alegria”. “Ajudava a ter contato com as pessoas. Eu me tornava mais comunicativo”. “Até as dores nas pernas sumiam”. “Quando eu bebia me sentia eufórico, me sentia dono de mim. Eu era o centro das atenções”. “Eu sinto alegria”. “Eu sinto alegria, uma sensação de alívio que dá no corpo. Parece que eu me sinto maior, brinco, fico alegre, divertido e não fico nervoso”. “Quando eu bebo eu relevo muitas coisas”. “Se eu estou bebendo eu me sinto bem: se você está com dor de cabeça, você fala, vou beber que passa. Você vai atrás da reação que ela proporciona”.

Diminuição do constrangimento: Observa-se a tentativa de aumentar a sensação de mais valia, e ao mesmo tempo constata-se uma demonstração de fragilidade dos sujeitos. As respostas que representam essa categoria são: “Inibição do medo e da vergonha”. “Tirava a vergonha e encorajava”. “Ajudava a ter contato com as pessoas”. “Eu me tornava uma pessoa mais comunicativa”. “Mais comunicativo, dono de si”.



### **3- Necessidades e desejo de parar de beber**

Intenção de interromper o uso: Esta categoria indica uma postura racional que demonstra a determinação dessas pessoas em interromper o uso do álcool. As respostas que aparecem são: “Eu preciso”. “Tenho muito desejo de parar porque me atrapalhou muito” “Eu não sinto desejo, eu necessito”. “Sem dúvida nenhuma já parei”. “Bastante. Aliás, sentia já”. “Eu sinto muito desejo”. “Na verdade, não. Ela é que tem que parar”, etc.

### **4- Alterações no bem-estar em razão do alcoolismo**

Observa-se nos sujeitos certo prejuízo no relacionamento social: há uma conduta pouco sadia no convívio coletivo, uma vez que os sujeitos acabam sendo descartados e afastados pela falta de responsabilidade que eles apresentam. As respostas presentes nesta classe são: “Desleixo total. Perdi minha autonomia”. “Descontrole. Bebia e perdia toda a sanidade mental. Brigava. Xingava”. “Eu já perdi bastante amizades”. “Eu perdi totalmente o domínio de mim mesmo”. “Eu não parava em emprego nenhum. Perdi o convívio com os irmãos”. “Para mim foi uma frustração saber que eu caí numa decadência tão grande assim...foi muito prejudicial, separou da sociedade”. “Eu perdi oportunidades boas. Com a família da minha esposa eu já não tinha ambiente, já me chamavam até de anti-social”. “Na realidade eu cheguei ao fundo do poço. Perdi a confiança na área do trabalho”.

Diminuição da saúde física e mental e mudanças de humor: Esta categoria expõe as significativas alterações psicofisiológicas advindas do uso desmedido de longo prazo do álcool. As respostas manifestas dadas indicam mudanças de humor e sensações de descontrole como: “Bebia e perdia toda a estribeira e sanidade mental”. “Eu fico um pouco nervoso, querendo brigar”. “O álcool me destruiu física e mentalmente”. “O que alterou mais foi esse problema da cabeça (perda da memória)”. “Atrapalhou minha história, atrapalhou meu crescimento espiritual”. “O álcool destruiu minha vida, retirou meus valores, a minha honestidade, entrei no desleixo”. “Começou a me dar convulsões, coisa que eu não tinha”. “Eu tinha outra personalidade”. “Perda do domínio de si mesmo”. “O sistema nervoso ficou afetado”.

Aumento da desolação: Os sujeitos relatam amargura de sentimentos, desgosto e desalento. Tais sentimentos são, por vezes, causados pelo término do efeito do álcool. São indicadores desse estado respostas como: “Eu não ligava muito para o meu corpo, estava emagrecendo demais, não me alimentava direito, trocava uma alimentação saudável por um copo de bebida”. “Quando eu bebia demais, normalmente eu chegava em casa, tomava banho, às vezes nem comia e ia dormir”. “Se minha mãe fosse durona comigo, não tivesse passado a mão na minha cabeça, creio eu que seria diferente, mas não dá para voltar atrás. E outra, se eu não tivesse bebido eu hoje teria carro, dinheiro. O sonho da minha esposa é conhecer uma praia”. “Eu já não ligava mais, eu não ficava mais com eles (amigos), porque já estava exagerando na bebida”. “Perdi bastante coisa. Casamento. Só não perdi o amor de minha filha. A única coisa que eu não perdi, porque do resto”. “Minha casa era uma bagunça, minha cama eu não arrumava, minha roupa era suja”.

### **5- Convivência com o álcool**

Sentimentos ambíguos: Esta categoria destaca os sentimentos contraditórios relatados em relação à bebida. As respostas que aparecem são: “Prazer e depressão”. “Amo a bebida e não faz sentido eu gostar”. “Para eu não sentir vontade, pego o lado ruim da bebida”. “Ao mesmo tempo é bom e ruim”. “Não bebia por prazer e sim por necessidade”. “Com a bebida era eu, sem ela não era ninguém”. “Como eu posso odiar o álcool e estar bebendo”. “Tentei parar sozinho, mas não é fácil”. “Eu não queria, mas eu estava lá em lugares públicos bebendo”. “Quanto mais alto ela me levou, mais para baixo eu ficava”.

### **6 - Argumentos para o uso do álcool**

Esta categoria abrange as justificativas racionais para permanecer no comportamento de uso sem limites da bebida. Verificamos neste contexto respostas como: “Se eu não bebesse, eu não conseguia trabalhar e nem me comunicar”. “Se eu paro de beber, não funciona direito”. “Procurava ingerir ocultamente”. “Sem ela eu não vivia”. “Você é controlado pela bebida”. “Escape dos problemas e das decepções”. “Nunca vou beber sem ter uma justificativa”.

## **7- Orientação religiosa e espiritual**

Esta classe evidencia a falta de estrutura religiosa ou espiritual desses sujeitos. Todos são de famílias que deixaram a prática religiosa de lado. Temos como respostas: “Católico, mas nunca frequentei a igreja”, “Sem religião”, “Evangélico, não praticante”.

## **8 - Enfraquecimento da vontade de beber**

Esta classe expressa a diminuição do desejo de beber, ou esforço maior para o abandono do álcool. Temos como respostas: “Ele está tirando a minha vontade, Ele está tirando eu gostar da bebida”. “Tenho muita Fé que Ele vai me tirar esse álcool que eu tô hoje, porque a Deus nada é impossível”. “Saber que o contato com Deus possa me salvar”. “Para mim o que estava faltando era fé. É importante eu ter essa espiritualidade, eu vejo que é importante para mim”. “Eu sempre tive ele do meu lado, meu Deus como eu o vejo, mas só que eu via Deus, anteriormente no copo”. “Eu tenho que agradecer Ele muito, porque estou aqui com saúde, me concedeu mais essa”.

Incluem-se aqui sentimentos de amparo e acolhimento que começam a ser percebidos. De fato, há uma percepção de um suporte e afeição advindos de um poder superior. As respostas contidas aqui são: “Tranquilidade, serenidade, altruísmo”. “Conhecer mais o que esse poder superior pode estar me ajudando”. “Eu creio que foi esse poder superior que está me tirando do alcoolismo”. “Deus é Aquele um que você recorre quando você precisa”. “Eu me sinto bem protegido por Ele em relação a me entregar nas mãos de Deus”. “Eu agradeço a Deus por estar vivo hoje”. “Eu sempre tive Ele do meu lado”, etc.

## **9-Efeito da participação no grupo de espiritualidade**

Capacidade de discernimento: Observamos que a prática espiritual oferece possibilidade de expressão de um novo juízo de valores diante da vida. A capacidade de ponderação, antes não existente, começa a permitir uma nova postura. Esses sujeitos começam a reconhecer o malefício da bebida e passam a

ter uma vida com mais qualidade. Aqui surgem respostas como: “Estou buscando compreender e entender o programa, porque vi que funciona”. “Eu compreendi que a doença adição que me levava ao álcool e que levaram eles também”. “Você pratica em você, descarrega as coisas ruins que você tem”. “Eu acredito que está me ensinando a ter fé”. “Estou procurando a minha mudança agora, alguma coisa já está mudando no meu jeito de pensar, no meu jeito de ser, de enxergar”. “Eu vejo o quanto a bebida me dominava, eu não preciso dela para realizar meus desejos”. “Através da espiritualidade que está abrindo a minha mente nesse sentido”. “Eu necessito estar indo nas reuniões do A.A”. “O difícil foi retirar os maus valores que eu tinha e até tenho”. “Eu tenho que admitir a minha impotência”. “Eu tenho que rever bem o que é bom para mim e o que não é”. “Está dando base para refletir”, etc.

**Sensação de conforto:** Os sujeitos relatam a sensação de seu próprio existir e perceber a realidade de forma menos opressiva e mais serena, e enaltecem sentimentos de paz. As respostas envolvidas nesta categoria são: “Alívio”. “É algo diferente, que você se sente melhor”. “A gente comenta como um norte na vida que está dando certo”. “A espiritualidade me traz calma e me fortaleceu bastante”. “Reconhecimento da humildade”. “Não tem explicação, é algo que você sente, que penetra”. “Você não vê, você não pega, você não apalpa, só que você sabe e sente que está ali, ela existe”. “Aqui estou me sentindo bem”. “Estou descobrindo coisas novas”. “Desperta mais confiança”. “Eu consigo ficar mais tranquilo, me soltar”. “Eu sou uma pessoa muito nervosa, então acho que o grupo está me dando essa serenidade, acho não, tenho certeza”, etc.

**Capacidade de apreender:** Esta categoria reveste a percepção de tomar contato com o próprio íntimo; ela reporta a integração de qualidades positivas advindas de reflexões. As respostas organizadas são: “Reconhecimento, confissão”. “Identificação”. “Quero dar sequência desse tratamento lá fora”. “Buscando compreender e entender o programa”. “Eu aprendi a procurar ajuda naquilo que eu não sei ainda”. “É isso que eu vejo na espiritualidade, mudando meu jeito de pensar, meu jeito de ser e de enxergar”, etc.

**Relação com o transcendente:** Esta categoria indica a possibilidade para uma transformação, no sentido de atribuir um significado à espiritualidade. Tem-se respostas: “Foi diferente para mim, é o poder superior é a maneira como compreendo que vai me ajudar”. “Não quero colocar Deus na minha vida só nos

momentos difíceis”. “O que eu achava que estava tudo perdido, existe um valor no fundo do túnel e deu tempo de acordar”. “A espiritualidade para mim aqui, uma coisa que eu não tinha lá fora, aqui me fortaleceu bastante, no sentido de eu pedir coisas para Deus, de eu estar agradecendo”. “Deus realmente existe e eu estava deixando Ele de lado”. “Eu estou em busca de uma recuperação, de uma mudança de vida e Deus está me dando”. “Estou pedindo a Deus com humildade”. “Se eu estou aqui hoje é porque Deus colocou isso no meu caminho, se é só eu, não teria chegado aqui”. “Sem fé ninguém vive, hoje tenho consciência disso”. “O grupo me faz pensar melhor”. “O poder superior tem que estar ao meu lado”, etc.

### **10- O significado da espiritualidade para os sujeitos**

Desenvolvimento de valores: Esta categoria circunscreve a importância restabelecida que legitima fatores tais como: honestidade, boa vontade, compartilhar, sinceridade, etc. Eis as respostas presentes nesta classe: “É um conjunto de valores que você necessita adquirir para você viver em paz”. “Ser amoroso, ter amor incondicional, carinhoso, boa vontade, mente aberta, ser honesto”. “Ter respeito pelas pessoas e por mim mesmo”. “Busca de uma nova vida”. “Partilhar”. “Não ser egoísta e mentiroso”, etc.

Crença em um poder superior: Esta categoria inclui o sentido de busca e reconhecimento de um poder transcendente que pode elevar a sensibilidade ao mundo espiritual. As respostas nesta situação são: “O poder superior tem de estar ao meu lado”. “Crer bastante em Jesus Cristo, em Deus”. “Eu conheço pessoas que só pedem a Deus, então acho que tem bastante espiritualidade”. “Compreender a necessidade de ter um ser espiritual superior maior do que eu para recuperar minha sanidade”. “Sentir o que Deus quer transmitir para mim”. “Com Ele eu tenho um laço maior, uma força maior”. “Entrego minha vontade ao poder superior, para que ele me oriente”.

Resgate e reconhecimento da fé: Esta categoria revela a confiança que começa a renascer nesses sujeitos, quando começam a ter os primeiros contatos com seu lado espiritual e a oportunidade de refletirem sobre a sua vida interior e a compreenderem. Os relatos são: “Aumento da fé”. “Aprendendo a reconhecer”. “Honestidade, respeito pelas pessoas”. “Quando cheguei aqui na clínica comecei a

resgatar esse valor espiritual que é Deus”. “Tive que me sentir derrotado, acabado, destruído para dar valor”. “Tenho que melhorar a minha fé, tenho muito que crescer espiritualmente”. “Estou praticamente readquirindo forças”. “Eu me considero ainda como um bebê que engatinha”. “Se eu não me ajudar, não vou ter resultado nenhum”. “Para mim o que estava faltando era fé”. “Estou revendo meu sentimento espiritual”. “Tenho muito que agradecer a Deus”. “Busca de valores que foram perdidos”. “Eu sempre falo que sou católico, mas na verdade eu não tenho religião nenhuma, mas eu tenho muita fé em Deus, um poder superior”.

## CAPÍTULO VIII

### ANÁLISE DOS DADOS E CONCLUSÕES

As pesquisas sobre o uso e abuso do álcool vêm contribuindo bastante para o entendimento de fatores biológicos, ambientais, sociais e psicológicos envolvidos na dependência alcoólica. Tais pesquisas, como se viu, estão avançando nas descobertas referentes aos danos causados pelo uso abusivo do álcool através de novos métodos e aplicações.

Essa investigação enfoca a dimensão da espiritualidade como um fator de recuperação de alcoolistas. Baseados em artigos nacionais e internacionais, estudamos conceitos que nos ajudaram a ampliar a compreensão de alguns pontos relevantes na condução desse trabalho. No Capítulo I, revelamos que para muitos pesquisadores a espiritualidade vem a ser uma das vias no auxílio da recuperação da adição.

Estamos ainda no início da compreensão dos mecanismos que subjazem a recuperação do alcoolista. Evidenciamos pesquisas que demonstram a validade de integrar a espiritualidade como um fator determinante na recuperação desta adição (Dalgalarrodo *et. al.*, 2004; Panzini *et. al.*, 2007; Guimarães e Avezum, 2007).

Iniciaremos a análise com os dados coletados em nossa pesquisa.

#### Categoria 1 - Motivação inicial para a bebida

Nesta categoria procuramos agrupar as respostas dos sujeitos que mostram as motivações para o início do uso do álcool. As respostas fazem referências a fatores como perdas, pessoais ou materiais; sentimentos e emoções advindos de experiências de separação; culpa e sentimentos de abandono. Outras respostas revelam o estímulo dos pais ou do grupo social no início da adição. Os achados condizem com o enunciado de Stranges *et. al.* (2006) quando afirmam que o fator social, ambiental e familiar pode contribuir para o comportamento e risco do alcoolismo.

Este é um ponto interessante para que possamos verificar alguns modos como o uso se inicia. Conforme foi exposto no Capítulo I, o álcool tem seu lugar no contexto social, cultural e comunitário e acompanha a humanidade desde o princípio. Essa bebida etílica quase sempre ocupa um lugar de destaque. Exemplo disso é a utilização do álcool como um importante elemento em alguns rituais religiosos.

Nas respostas dos sujeitos, verificamos um modo de identificação, familiar e cultural, dentro de um sistema simbólico de uma sociedade. Incentivado em um momento inicial, o uso da bebida acaba por concretizar-se em dependência.

#### Categoria 2 - Sensação e sentimentos quando alcoolizados

Os dados verificados referentes a sensações de prazer e sentimentos oriundos da bebida, levam-nos a supor que exista certa dificuldade desses sujeitos em lidar com fatos reais do dia a dia. As respostas sugerem uma necessidade de fuga dessa realidade por motivos diversos. Merece ser destacada a busca de alívio e tranquilidade que a bebida parece proporcionar. Essa ilusória possibilidade de libertação das pressões cotidianas acaba por se tornar um empecilho para a solução dos problemas. O que ocorre é que o estado de tranquilidade e de alívio alcançado pelo álcool revela a dificuldade dos sujeitos de vivenciar os desafios da vida, o que os levam a procurar uma saída rápida e brusca. Esses achados ressaltam o que foi argumentado pelas autoras Woodman, (2003) e von Franz, (2004), ao afirmarem que o *modus operandi* do adicto é o de concretizar de modo imediato seus desejos sem perceber que perde o contato consigo próprio. Nessas condições, o adicto vai se distanciando de suas experiências e, com isso, fica sozinho, isolado, sem ligação humana social nem emocional.

#### Categoria 3 - Necessidade e desejo de parar de beber

Ao mesmo tempo em que esses alcoolistas necessitam do efeito que a bebida lhes proporciona, eles revelam o desejo de parar de beber. As respostas



sugerem a dificuldade de manter a própria adição e a consciência do mal que isso lhes faz.

#### Categoria 4 - Alterações no bem-estar em razão do alcoolismo

Podemos supor que as alterações do bem-estar sejam decorrentes dos danos físicos e mentais causados pelo tempo prolongado de abuso. Esse fator foi discutido anteriormente e ressalta que, com o tempo de uso, há um aumento de toxicidade nos órgãos e nos sistemas corporais, o que pode levá-los a apresentar amnésia (perda de memória), demência, síndrome alucinatória, delirante e de humor.

Pesquisadores, como Gigliotti e Bessa (2004), discutidos nessa pesquisa, ressaltam que indivíduos que apresentam padrões peculiares de consumo do álcool, ao longo do tempo, podem apresentar danos diversos à saúde física e mental provocados pelo abuso.

Destacamos aqui as alterações provocadas na saúde, tanto física quanto mental desses alcoolistas. Com efeito, a dor física e a mental começam, num certo momento, a apresentar consequências mais pesadas e destruidoras. É como se essas pessoas vivessem entre dois estados: em um, a carência é saciada, ilusoriamente; em outro estado, há os resultados dolorosos de ele ter alterado negativamente seu convívio pessoal e coletivo que provoca um enfrentamento de toda uma situação de infortúnios. Nossos achados vêm confirmar o que discutiram Pechansky *et. al.*, (2004); Souza e Kantorski, (2007) e Galduroz e Caetano, (2004). Os estudiosos verificaram que o alcoolismo tem um desenvolvimento lento, quase imperceptível, que leva a pessoa a apresentar comportamentos não vinculados ao álcool. Explica-se: tudo o que ocorre na vida dessas pessoas nunca é percebido como consequência do abuso do álcool. O alcoolista passa a ter comportamentos de violência, de agressão e de problemas familiares sem que ele perceba que sua adição é o fator causal.

#### Categoria 5 - Convivência com o álcool

Os dados sobre a convivência com o álcool de maneira geral revelam

sentimentos ambíguos e reiteram as observações discutidas anteriormente no Capítulo II: de uma conduta que se revela um tanto paradoxal. Analisando-se os dados obtidos, verificamos a experiência simbólica vivida pelos adictos, intercalando-se em dois momentos. Em um primeiro momento, aquele da euforia. O ego fica, temporariamente, inflado; esse ego ressalta as riquezas que não poderão ser incorporadas. Em outro momento, a perda desse estado e o retorno à realidade. Esta fuga da realidade como relatamos com base em Jung no Capítulo II se faz pela percepção distorcida do real, por meio de fantasias que falsificam a representação da realidade.

#### Categoria 6 - Argumentos para o uso

Podemos compreender nos dados encontrados que os argumentos apontados para o uso contínuo e desmedido do álcool apresentam-se como fator racional de desculpas e justificativas. Supondo-se que seria um ato compensatório para continuar a persistir no uso em demasia de uma substância alcoólica, essa mesma justificativa estaria encobrendo o que o alcoolista não quer (ou não pode) enxergar: seu modelo de comportamento está causando danos à própria vida.

#### Categoria 7 - Orientação religiosa e espiritual

Os dados mostram que os sujeitos pesquisados não tiveram uma orientação religiosa nem espiritual estruturada. Dois deles relatam não terem nenhuma base religiosa. Os outros oito dizem ser de famílias que têm uma religião professada, católica ou evangélica, mas não são praticantes.

Podemos notar pelo que foi analisado no Capítulo V, que indivíduos sem nenhuma orientação religiosa e não praticantes estão mais propensos a desenvolver o vício do álcool do que pessoas que têm e praticam suas religiões. Como ressaltam Sanches e Nappo (2008), é visível a relação inversa entre espiritualidade e o uso de substâncias alcoólicas mesmo que se considerem as dificuldades de mensuração dos índices.

### Categoria 8 - Enfraquecimento da vontade de beber

Observamos em nossos dados que os sujeitos pesquisados, apresentaram diminuição da vontade da ingestão do álcool com a prática de espiritualidade. Os dados similares observados e analisados no momento anterior revelam que, pelo fato de o abuso de álcool ter levado os dependentes à decadência como indivíduos, posteriormente esses sujeitos tentam estabelecer ligações mais fortes com seu próprio ser. É possível que os sujeitos pesquisados tenham encontrado na espiritualidade um caminho para enfrentar as vicissitudes sem a necessidade do uso da bebida. Talvez eles passem a viver suas próprias experiências e com esforço possam assimilar e vivenciar a vida de forma natural.

Os dados nos mostram histórias de vida de homens que trazem experiências emocionais muito difíceis e frustrantes. Os relatos revelam também as oportunidades encontradas para que eles recomecem a vivenciar situações que lhes proporcionem um olhar mais saudável para a vida. Podemos considerar, como analisado no Capítulo V, que é perceptível o efeito positivo da espiritualidade no tratamento e na recuperação do alcoolismo. Isso se deve ao ganho do senso de força que pode ser despertado dentro da própria pessoa, ao se sentir capaz de valorizar aspectos pessoais que antes eram desprezados e, enfim, encontrar significado e sentido de vida.

Observa-se que há uma relação inversa entre espiritualidade e o uso de substâncias alcoólicas. As pesquisas anteriores confirmam os dados encontrados de que a espiritualidade promove a abstinência do uso do álcool como também oferece recursos sociais para a reconstrução da vida e ainda tem um papel notório na recuperação e na prevenção de recidiva: Sanches e Nappo, (2005); Sterling *et al.*, (2006); Soeiro *et al.*, (2008) e Perez *et al.*, (2007).

### Categoria 9 - Efeito da participação no grupo de espiritualidade

Podemos observar nos dados coletados que o grupo de espiritualidade trouxe uma abertura para que os participantes pudessem expressar e reconhecer diferentes valores, o que lhes possibilitou uma nova e positiva postura perante a vida. Os sujeitos dessa pesquisa relatam que o grupo propiciou um espaço onde

eles puderam reavaliar suas condutas e que não se sentiam desamparados nem se sentiam mais movidos por impulsos cegos como aqueles que anteriormente os levavam à ingestão do álcool. Relatam que, agora, eles podem lidar mais coerentemente com as próprias emoções e refletir antes de tomar qualquer decisão, inclusive de fazer uso da bebida.

Neste momento, faz-se importante lembrar que os atuantes mecanismos de defesa que impedem a dor psíquica e o sofrimento emocional, talvez possam impedir o crescimento do ego e dificultar a possibilidade de se tornar razoavelmente estruturado. O espaço que o grupo de espiritualidade propicia pode estar relacionado à possibilidade de integração de conteúdos antes renegados. Cria-se um lugar de acolhimento e de aceitação de conflitos. O grupo se torna de suma importância, pois os participantes sentem-se aceitos como iguais, como aponta a experiência dos A.A.A.. Trata-se de um espaço de pertencimento da convivência com iguais onde os participantes não são julgados nem rejeitados.

Se antes eles eram indivíduos jogados ao mundo, sem capacidade de discernimento, agora podem contar com o grupo de espiritualidade que oferece um território seguro. Nesse porto seguro, os sujeitos são capazes de se expressar e de reconhecer novos juízos de valor antes inexistentes. O quanto dessa experiência influenciará conscientemente o indivíduo para que ele possa constituir um processo de transformação da personalidade, dependerá do nível de consciência que cada um puder alcançar e também da disposição desses sujeitos para reconhecer e integrar novos símbolos existentes.

Estes achados ressaltam o que foi analisado no Capítulo II. Para a integração ocorrer e para que possa haver a ligação de novos elementos simbólicos, deverão ocorrer perda e sacrifício do ego, a fim de esse ego realizar a transformação.

Podemos supor que tal jornada oferece a faculdade de uma nova identidade e papel social. Os conteúdos do inconsciente pessoal podem encontrar ressonância na transição dialética estabelecida quando há vontade em reconhecer os símbolos advindos do *Self*. Desse modo, a relação com a espiritualidade toma forma na dinâmica estabelecida entre consciência e inconsciente.

Assim, podem ser estabelecidas ordem e serenidade na confusão que outrora havia na vida desses sujeitos, por exemplo, o alcoolismo.

### Categoria 10: O significado da espiritualidade para os sujeitos

Verificamos nos relatos que os sujeitos mostram, ou pelo menos começam a perceber, a importância dessa ligação restabelecida com o transcendente, como fator principal da autoestima e da valorização da vida em termos de sensibilidade ao mundo espiritual. Conforme examinado no Capítulo III, a relação com o fator espiritual pode estabelecer um elo e ser a via de manifestação da identidade que no caso dessas pessoas estavam sem uma forma estruturada de maturidade psíquica.

Podemos supor que a espiritualidade começa a ganhar espaço no âmago desses sujeitos que agora reconhecem sua importância. Eles sentem que abandonaram o lado espiritual por um tempo e começam a perceber o valor desse sentimento para suas vidas. Tal experiência, ainda que nova, começa a oferecer outro sentido à vida e, por essa inclusão, esses sujeitos possam desenvolver valores positivos mais sólidos.

Como estudado no Capítulo V, a espiritualidade vem a ser a confluência através da qual a recuperação pode ser estabelecida. Com efeito, podemos pensar que a espiritualidade é um mergulho dentro de si próprio o qual pode originar um sentido para a vida.

Os adictos podem se beneficiar da prática espiritual que o grupo fornece, e assim perceberem os conteúdos conflitivos. A vivência espiritual pode se tornar integrada e compartilhada pelo grupo e dividida como um ato de confissão e, ao mesmo tempo, de reconhecimento. Isso se torna um combinar de sentimentos e pensamentos o qual pode revigorar e aprimorar o desenvolvimento pessoal.

Ao mesmo tempo, esse espaço designado para a reflexão procura trazer de volta as imagens simbólicas que antes não era percebida pelo sujeito. Ao ego, cabe fazer sua parte, perceber e integrar essas imagens, para assim estabelecer uma mudança saudável com mais sentido de vida. Essas imagens carregam consigo a plenitude do sentido, pois ao ser humano não basta existir em si próprio, ele necessita da experiência espiritual. Sem ela, o ser humano não teria sentido em sua existência.

## CONCLUSÃO

Nesse estudo, tentamos compreender o fenômeno da espiritualidade como fator importante na recuperação do alcoolismo em um grupo de alcoolistas. É sabido que o alcoolismo é um dos problemas mais sérios na sociedade contemporânea; ele vem sendo associado aos efeitos negativos na saúde, e o aumento do consumo vem preocupando pesquisadores do mundo todo. As pesquisas demonstram em sua totalidade que a intoxicação provoca danos irreversíveis ao indivíduo, e as consequências do uso abusivo do álcool atingem os familiares e a sociedade.

Sabemos que a ingestão do álcool é histórica; ela tornou-se um hábito socialmente aceito em quase todas as civilizações e cumpre variadas funções nos diferentes contextos sociais. O uso abusivo dele, no entanto, retira a convivência saudável e natural que o indivíduo pode estabelecer em sociedade.

Nossa pesquisa torna evidente que, embora cada um dos entrevistados tenha relatado diferentes histórias, todos apresentam padrões de comportamentos parecidos.

As justificativas para o uso excessivo do álcool inicialmente aparecem como forma de ajuda ilusória à pessoa para ela lidar com a vida. Ao longo do tempo, essa pessoa percebe que, além de não aliviar sentimentos de caos e solidão que fazem parte da vida, ela ainda sente culpa, vergonha e acaba se isolando do convívio social. Em níveis mais profundos de dependência severa, a adição pode representar para o dependente uma batalha entre vida e morte. Isso declara a dimensão existente que subjaz no pedido psicológico de ajuda.

Os dados analisados em nossa amostra constituída por 10 sujeitos, deixaram evidente que a espiritualidade, antes renegada, passou a ter um valor inestimável para eles. Agora, ela é vivenciada como fator de ajuda na recuperação e passa a ser percebida no âmago dessas pessoas como uma aliada. Há um ganho no bem-estar, propiciando novos valores de sentido de vida.

Já não podemos, entretanto, ignorar ou até mesmo repudiar o fenômeno “espiritualidade”, porque este sentimento de união com o superior estabelece presença, institui significado de sentido e confere formas de identidade.

Nos dias de hoje, há estabelecido um novo paradigma, validando a espiritualidade como um fenômeno que não pode ser ignorado. Ganham espaço nos meandros científicos as discussões e as pesquisas sobre esse tema e já se podem estabelecer pontes seguras para incluir a espiritualidade como fator determinante no desenvolvimento das potencialidades do indivíduo.

Faz-se um caminho em direção a ela no sentido de resgatar sua validade como possibilidade significativa de vida. O ser humano é totalmente ativo e carrega em si potencial de criar e ressignificar. Então, ao pensarmos no alcoolista, faz sentido estabelecer pontos determinantes para que ele possa integrar conscientemente sua vida simbólica.

Na prática, a busca de significado da vida é o cuidado preciso para restabelecer a dignidade. O sentido de dignidade de crescer individual e coletivamente restaura possibilidades positivas de novas perspectivas e ainda direciona o indivíduo a explorar novos aspectos subjetivos. Nesse sentido, a criação de um novo campo de referência para compreender a vida é acionada e pode nesse caso ser o ponto central caso a vida seja vivenciada significativamente.

Neste contexto, o ego do alcoolista, carente de sentido, necessita do apoio interno da força organizadora do *Self*. A espiritualidade pode estabelecer novas posturas para uma vida mais plena de sentido. O problema do alcoolista está direcionado intimamente à sua fuga da realidade. A construção dessa hipótese se apóia nos relatos dos dados como também nos achados científicos em que esse estudo se fundamentou.

A recuperação do alcoolismo, no sentido de busca em estabelecer o resgate da espiritualidade como propiciadora de dignidade é muito bem-conhecido no trabalho dos A.A.A. pelo mundo todo. Não temos dúvidas de que ainda o fator espiritualidade tem suas ressalvas no campo científico; porém, no momento atual, não se pode mais negar a sua validade enquanto eliciador no processo de recuperação. Sabemos que a dificuldade de definição e os problemas de mensuração existem; podemos argumentar pela importância de significados estabelecidos pelo adicto que procura até certo modo estabelecer relações de sentido.

A cura, embora complexa, não é o foco em questão e sim, representa um novo significado que pode estar nascendo no íntimo do alcoolista. Nesse caminhar, o sentido evidenciado em novos padrões de comportamento pode possibilitar aos

indivíduos uma nova dinâmica de relação com a vida, ampliando seu campo de possibilidades positivas. Com isso, a decisão consciente de desenvolver a vida espiritual começa-se estruturar em um novo sentido de vida.

Abre-se, portanto, um espaço para que outros estudos com diferentes metodologias ampliem e possam investigar outros fatores para a compreensão da prática de espiritualidade na recuperação de alcoolista.

A espiritualidade, então, pode conferir significado, equilíbrio e sentido à existência humana, ao ampliar o potencial de desenvolvimento da personalidade, não apenas como fenômeno de transcendência, mas como aliciada à sensibilidade esquecida que pode nos ligar ao sagrado.



## BIBLIOGRAFIA

ADLAF, E. N. e HUGHES, R. H. *Drugs use and religious affiliation feeling, and behaviour*. British Journal of Addiction. 80(2): 163-171, 1985.

AMOATENG, A. Y.; BAHR, S. J. *Religion, family, and adolescent drug use*. Sociological Perspectives 29(1): 53-76, 1986.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo. Ed: Martins Fontes, 2008.

BASTOS, F. I; BERTONI, N. e HACKER, M. A. *Consumo de álcool e drogas: principais achados de pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005*. Rev. Bras Psiquiatr, 42(1): 109-17, 2008.

BAUER, J. *O alcoolismo e as mulheres*. São Paulo. Ed. Cultrix, 1982.

BECKER, E. *A negação da morte*. São Paulo. Ed. Círculo do livro, s/d.

BLAY, S. L.; BATISTA, A. D.; ANDREOLI, S. B. e GASTAL, F. L. *The relationship between religiosity and tobacco, alcohol use, and depression in na elderly community population*. Am J Geriatr Psychiatry. 16 (11): 934-943, 2008.

CALHOUN, F.J. *Developmental research on alcohol and spirituality: what we know and what we don't know*. Southern Medical Journal. Vol. 100, nº4, April, 2007.

CAMARGO, D. *Jung e Morin – Crítica do sujeito moderno e educação*. São Paulo. Ed: Xamã VM, 2007.

CAMMAROTA, F. C. L. e Déa, H. R. F. D. *O álcool e suas armadilhas*. In Voce tem sede de que: entre a cervejinha e o alcoolismo..Déa, H. R. F. D. (org.) São Paulo: Ed. Musa Ltda. 2007. p. 21-31,

CARLUCCI, K.; GENOVA, J.; RUBACKIN, F.; RUBACKIN, R. e KAYSON, W. A. *Effects of sex, religion, and amount of alcohol consumption of self-reported drinking related problems behaviors*. Psychological reposts 72(1): 983-987, 1993.

CARVALHO, J. J. de. *O encontro de velhas e novas religiões. Esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade*. Série Antropologia. 131: 2-21, 1992.

CASSIRER, E. *Ensaio sobre o homem – introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHEN, C.; DORMITZER, C. M.; BEJARO, J. e ANTHONY, J. C. *Religiosity and the earliest stages of adolescent drug involvement in seven countries of Latin America*. American Journal of Epidemiology 159(12): 1180-1188, 2004.

CHITWOOD, D. D., WEISS, M. L. e LEUKEFELD, C. G. *A systematic review of recent literature on religiosity and substance use*. Journal of Drug Issues 38(3): 654-688, 2008.

*CID-9 Classificação Internacional de Doenças*. 9ª ed. São Paulo, OMS/OPS. V. 1, 1978.

COOK, C. C. H. *Addiction and spirituality*. Addiction, 99: 539-551, 2004.

CRESPI, F. *A experiência religiosa na pós-modernidade*. Bauru. Ed: Edusc, 1999.

CRONIN, C. *Religiosity, religious affiliation and alcohol and drug use among american college students living in Germany*. International Journal of Addiction. 30(2): 231-238, 1995.

CUNNINGHAM, J. A., BLOMQUIST, J., KOSKI-JANNES, A. e CORDINGLEY, J. *Maturing out of drinking problems: perceptions of natural history as a function of severity* 13(1): 79-84, 2005.

CURLIN, F.A.; SELLEGREN, S.A.; LANTOS, J.D. e CHIN, M.H. *Physicians' observation and interpretations of the influence of religion and spirituality on health*. Arch. Intern. Med. 167: 649-654, 2007.

DALGALARRONDO, P. *Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais*. Rev. Psiq. Clin. 34 (1):25-33, 2007.

DALGALARRONDO, P., SOLDERA, M.A., FILHO, H.R.C. e SILVA, C.A.M. *Religião e uso de drogas por adolescentes*. Rev. Bras. Psiquiatr. 26 (2): 82-90, 2004.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

DEW, R.E.; DANIEL, S.S.; GOLDSTON, D.B. e KOENIG, H.G. *Religion, spirituality and depression in adolescent psychiatric outpatients*. The Journal of Nervous and Mental Disease. Vol. 196, nº3: 247-251, 2008.

DSM VI - *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* – 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

EDINGER, E. F. *Ego e arquétipo - uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung*, São Paulo: Cultrix, 1972.

EDWARDS, G. e GROSS, M.M. *Alcohol dependence: provisional description of a clinical syndrome*, British Medical Journal, Vol. 1:1058-1061, 1976.

EINSTEIN, A. *The world as I see it*. New York. Carol Publishing Group, 1991.

ELÍADE, M. *O sagrado e o profano – a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ENGS, R. C.; HANSON, D. J.; GLIKSMAN, L. e SMYTHE, C. *Influence of religion and culture and drinking behaviors: a test of hypotheses between Canada and USA*. British Journal of Addiction 85(1): 1475-1482, 1990.

FARIA, D. L. *O Pai Possível: Conflitos da paternidade contemporânea*. São Paulo. Ed: Educ, 2003.

FAWCETT, T.N. & NOBLE, A. *The challenge of spiritual care in a multi-faith society experienced as a Christian nurse*. Journal of Clinical Nursin. 13: 136-142, 2007.

FODHAM, F. *Introdução à psicologia de Jung*. Lisboa: Ed. Ulisseia, 1972.

GAILLARD, C. *Jung e a vida simbólica*, São Paulo: Loyola, 2003.

GALANTER, M. *Spirituality in alcoholics anonymous: a valuable adjunct to psychiatric services*. Innovations: Alcohol & Drug Abuse. Vol. 7, nº3: 307-309, 2006.

GALDURÓZ, C. J. e CAETANO, R. *Epidemiologia do uso de álcool*. Rev. Bras Psiquiatr. 26 (1):3-6, 2004.

GIGLIOTTI, A. e BESSA, M. A. *Síndrome de dependência do álcool: critérios e diagnósticos*, Rev. Bras Psiquiatr. 26 (1): 11-13, 2004.

GUIMARÃES, H.P. e AVEZUM, A. *O impacto da espiritualidade na saúde física*. Rev. Psiqu. Clin. 34, supl 1; 88-94, 2007.

HAWKING, S. *A brief history of time*. Great Britain. Transworld Publisher Ltd, 1988.

HAWKS, R. D. e BAHR, S. H. *Religion and drug use*. Journal of Drug Education. 22(1): 1-8, 1992.

HILL, P.C. e PARGAMENT, K.I. *Advances in the conceptualization and measurement of religion and spirituality: implications for physical and mental health research*. Am Psychol, 58 (1): 64-74, 2003.

HILL, P.C., PARGAMENT, K.I.; Ralph, Jr. W. H.; MCCULLOGH, M.E.; SWYERS, J.P.; LARSON, D.B & ZINNBAUER, B.J. *Conceptualizing religion and spirituality: points of commonality, points of departure*. Journal for the theory of social behaviour, 30 (1): 51-77, 2000.

HILL, T.D.; ELLISON, C.G.; BURDETTE, A. M. e MUSICK, M. A. *Religious involvement and healthy lifestyles: Evidence from the of Texas adults*. Ann. Behav. Med. 34 (2):217-222, 2007.

JAFFÉ, A. Introdução. In: JUNG, C. G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro. Ed: Nova Fronteira, s/d.

JOHNSON, T. J., SHEETS, V. I. e KRISTELLER, J. *Identifying mediators of the relationship between religiousness/spirituality and alcohol use*. J. Stud. Alcohol Drugs 69: 160-170, 2008.

JUNG, C. G. *Psicologia e religião*. Petrópolis. Ed: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Cartas [1946-1955]*. vol II. Petrópolis. Ed: Vozes, 2002a.

- \_\_\_\_\_. *A energia psíquica*. Petrópolis. Ed: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A psicologia do inconsciente*. Petrópolis. Ed: Vozes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis. Ed: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Símbolos da transformação*. Petrópolis. Petrópolis. Ed: Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia da religião ocidental e oriental*. Petrópolis. Ed: Vozes, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia e alquimia*. Petrópolis. Ed: Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A dinâmica do inconsciente*. Petrópolis. Ed: Vozes, 1998b.
- \_\_\_\_\_. *A natureza da psique*. Petrópolis. Ed: Vozes, 1991a .
- \_\_\_\_\_. *A vida simbólica*. Petrópolis. Ed: Vozes, 2007a .
- \_\_\_\_\_. *Estudos psiquiátricos*. Petrópolis. Ed: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis. Ed: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Estudos Alquímicos*. Petrópolis. Ed: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *AION: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis. Ed: vozes, 1998a.
- \_\_\_\_\_. *Psychology of the Unconscious*. New Jersey. Pinceton University Press, 1991b.
- \_\_\_\_\_. *A Prática da psicoterapia*. Petrópolis. Ed: Vozes, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Mysterium Coniunctionis*. Petrópolis. Ed: Vozes, 1990.

KAPLAN & SADOCK – *Manual conciso de psicoterapia clínica*, 2º ed. Org: Benjamim S. Sadock e Virgínia A. Sadock – Lippincott W. & Wilkins. São Paulo: Artmed, 2004.

KOENIG, H.G. *Religião, espiritualidade e psiquiatria: uma nova era na atenção à saúde mental*. Rev. Psiqu. Clin. 34, (1):5-7, 2007).

\_\_\_\_\_. *Concerns about measuring “spirituality” in research*. The journal of nervous and mental disease. Vol. 196, nº5, p. 349-355, 2008.

KOENIG, H.G.; LARSON, D.B. e LARSON, S.S. *Religion and coping with serious medical illness*. Ann. Pharmacother. 35: 352-359, 2001.

KÜNG, H. *O princípio de todas as coisas*. Petrópolis. Ed: Vozes, 2007.

LARANJEIRA, R. *Álcool: da saúde pública à comorbidade psiquiátrica*. Rev. Bras. Psiquiatr, 26(1):1-2, 2004.

LARANJEIRA, R. e ROMANO, M. *Consenso brasileiro sobre políticas públicas do álcool*. Rev. Bras Psiquiatr, 26 (1): 68-77, 2004.

LOPEZ-PEDRAZA, R. *Dioniso no Exílio: sobre a repressão da emoção e do corpo*. São Paulo, Ed: Paulus, 2002.

LORCH, .B. R. e HUGHES, R. H. *Religion and youth substance use*. Journal of religion and health. 24(3):197-208, 1985.

MAFFESOLI, M. *A sombra de Dioniso*. São Paulo. Ed: Zouk, 2005.

MARCHI, E. *O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades*. História: questões & debates. nº43: 43-53, Curitiba, 2005.

MARINO, JUNIOR. R. *A religião do cérebro*. São Paulo. Ed. Gente, 2005.

MELONI, N. J. e LARANJEIRA, R.. *Custo social e de saúde do consumo do álcool*. Rev. Bras Psiquiatr. 26 (1): 7-10, 2004.

NUSBAUMER, M. R. *Religious affiliation and abstinence: a fifteen-year change*. Journal of studies on alcohol 42(1): 127-131, 1981.

PAIVA, G. J. Psicologia da religião, psicologia da espiritualidade: oscilações conceituais de uma (?) disciplina. In: Amatuzzi, M. M. (Org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo. Ed. Paulus, 2005.

PAIVA, G. J. *Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas*. Estudos de Psicologia, Campinas. 24 (1): 99-104, 2007.

PALMER, M. *Freud and Jung on Religion*. London. Routledge, 1997.

PANZINI, R.G. e BANDEIRA, D.R. *Coping (enfrentamento) religioso/espiritual*. Rev. Clin. 34 supl 1:126-135, 2007.

PANZINI, R.G; ROCHA, N.S da.; BANDEIRA, D.R. e FLECK, M. P. A. *Qualidade de vida e espiritualidade*. Rev. Psiq. Clin. 34, supl 1: 105-115, 2007.

PARFREY, P. S. *The effect of religious factors on intoxicant use*. Scandinavian Journal of Social Medicine. 4(3): 135-40, 1976.

PARGAMENT, K.I.; PARK, C.L. *Merely a defense? The variety of religious means and ends*. J Soc Issues 51 (2): 13-32, 1995.

PECHANSKY, F.; SZOBOT, C. M. e SCIVOLETTO, S. *Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos*. Rev. Bras Psiquiatr. 26 (1): 14-17, 2004.

PENNA, E. M. D. *Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica*. (Tese de Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

PERES, J. F. P., SIMÃO, M. J. P. e NASELLO, A. G. *Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia*. Rev. Psiq. Clin. 34, (1): 136-145, 2007.

PERES, J. F. P.; ARANTES, A. C. L. Q.; LESSA, P. S. e CAOUS, C. A. *A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos* Rev. Clin. 34, supl 1: 82-87, 2007.

PERKINS, H. W. *Religious traditions, parentes, and peers as determinants of alcohol and drug use college students*. Review of Religious Research 27(1): 15-31, 1985.

PERRIER, F. *Ensaio de Clínica Psicanalítica*. São Paulo: Ed: Escuta, 1992.

PIKO, B. F. e FITZPATRICK, K. M. *Substance use, religiosity, and other protective factors among Hungarian adolescents*. Addictive Behaviors 29: 1095-1107, 2004.

PINSKY, I.; LABOUCHE, E. e LARANJEIRA, R. *Disposição e alternativas ao dirigir alcoolizado entre jovens paulistanos*. Rev Bras Psiquiatr. 26 (4):234-41, 2004.

PINTO, C. e PAIS-RIBEIRO, J. *Construção de uma escala de avaliação da espiritualidade em contextos de saúde*. Arqmed. 21 (2):47-53, 2007.

PULLEN, L. MODRCIN-TALBOTT, M. A.; WEST, W. R. e MUENCHEN, R. *Spiritual high vs high on spirits: is religiosity related to adolescent alcohol and drug abuse?* Journal of Psychiatric and Mental Health Nursin 6: 3-8, 1999.

RAMOS, D. G. A vivência simbólica no desenvolvimento da consciência. In. BRITO, E. J. C. e GORGULHO, G. S. (Orgs.). *Religião 2000*. São Paulo. Edições Loyola, 1998.

RAMOS, D. G. e WAHBA, L. L.(trad.) *Spiritum contra Spiritum: A correspondência entre B. Wilson e C.G. Jung*. In: *Revista Junguiana*. Vol.12, (s/d. p.10-13).

REY, F. G. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo, Ed: Thomson, 2005.

ROMANYSHYN, R. D. *The Wounded Researcher: Research with soul in mind*. New Orleans, Louisiana. Spring Journal, 2007.

SANCHES, Z. M. e NAPPO, S.A. *A religiosidade, a espiritualidade e o consume de drogas*. Rev. Psiq. Clin. 34, Supl 1: 73-81, 2007.

SANCHES, Z. M. e NAPPO, S.A. *Religious treatments for drug addiction: An exploratory study in Brazil*. Social Science & Medicine xxx: 1-9, 2008.



SCHLAMM, L. The holly: a meeting-point between analytical psychology and religion. In: Ryce-Menubim, J. (Org.). *Jung and the Monotheisms: Judaism, Christianity and Islam*. Routledge, London and New York, 1994.

SELLMAN, J.D.; BAKER, M.P.; ADAMSON, S.J. e GEERING, L.G. *Future of God in recovery from addiction*. Australian and New Zealand Journal of Psychiatry. 41: 800-808, 2007.

SILVA, L. V. E. R.; MALBERGIER, V. A. e ANDRADE, A. G. *Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários*. Revista Saúde Pública 40(2): 280-288, 2006.

SILVEIRA, D. X. da. Dependências: de que estamos falando afinal? In: SILVEIRA, D. X. e GORGULHO, M. (Org.). *Dependência – compreensão e assistência às toxicomanias* (uma experiência do PROAD). São Paulo: Casa do Psicólogo, p.1-13 1996.

SMART, N. *The world's religions*. Cambridge University Press, second edition, UK, 2002.

SOEIRO, R. E.; COLOMBO, R. E.; FERREIRA, M. H. F.; GUIMARÃES, P.S.A.; BOTEGA, N. J. e DALGALARRONDO, P. *Religião e transtornos mentais em pacientes internados em hospital geral universitário*. Rev. Cad. Saúde Pública. RJ. 24, (4): 793-799, 2008.

SOUZA, J. e KANTORSKI, L. P. *Embasamento político das concepções e práticas referentes às drogas no Brasil*. SMAD, vol. 3, Num. 2, p. 1-16, 2007. <http://www2.eerp.usp.br/resmad/artigos.asp>

STAZIANI, A. F. *Espiritualidade, religiosidade e medicina: A convicção de médicos sobre a influência da espiritualidade ou religiosidade na melhoria de pacientes*. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião)- Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica São Paulo, 2002.

STEIN, M. *JUNG: O mapa da alma – uma introdução*. São Paulo. Ed: Cultrix, 2005.

STERLING, R.C.; WEINSTEIN, S.; HILL, P.; GOTTHEIL, E.; GORDON, S.M. e SHORIE, K. *Levels of spirituality and treatment outcome: A preliminary examination*. Stud. Alcohol 67: 600-606, 2006.

STONE, R.A.T., WHITBECK, L.B., CHEN, X., JOHNSON, K. e OLSON, D.M. *Traditional practices, traditional spirituality, and alcohol cessation among American Indians*. J. Stud. Alcohol, 67: 236-244, 2006.

STRANGES, S., NOTARO, J.; FREUDENHEIM, J. L.; CALOGERO, R. M.; MUTI, P.; FARINARO, E.; RUSSELL, M.; NOCHAJSKI, T.H. E TREVISAN, M. *Alcohol drinking pattern and subjective health in a population-based study*. Addiction, 101: 1265-1276, 2006.

TARDAN-MASQUELIER, Y. *C.G.Jung: a sacralidade da experiência interior*. São Paulo: Paulus, 2005.

VALLE, E. Experiência religiosa: enfoque psicológico. In: BRITO, E. J. C. e GORGULHO, G. S. (Orgs.). *Religião 2000*. São Paulo. Edições Loyola, 1998.

VON FRANZ, M.L. *Psicoterapia*. São Paulo: Paulus, 2004.

WATKINS, E. Essay on spirituality. *Journal of Substance Abuse Treatment*, v. 14, nº 6 , p.581-583, 1997.

WIKLUND, L. *Existencial aspects of living with addiction – Part I: meeting challenges*. Journal of Clinical Nursing. 17: 2426-2434, 2008a.

WILKIMSON, J.E.; SAPER, R.B.; ROSEN, A. K.; WELLES, S.L. e CULPEPPER, L. *Prayer for health and primary care: results from the 2002 National Health Interview Survey*. Farm. Med. 40 (9): 638-44, 2008.

WOODMAN, M. *A feminilidade consciente*. São Paulo: Paulus, 2003.

XAVIER, M. *O conceito de religiosidade em C. G. Jung*. Psico. v.37. n.2. pp. 183-189, 2006.

ZEMORE, S.E. *Helping as healing among recovering alcoholics*. Souther Medical Journal. Vol. 100, nº4, April, 2007.

ZIMMERMAN, M. A & MATON, K. L. *Life-style and substance use among male African –American urban adolescents: a cluster analytic approach*. American journal of community psychology, 20: 121-138, 1992.

ZOJA, L. *Nascer Não Basta*. São Paulo. Ed. Axis Mundi, 1992.

ZORETO, R. *A ressaca da festa*. Rev. Pesquisa Fapesp, ciência e tecnologia. Nº139: 42-49, 2007.

## **ANEXOS**

## ANEXO A

### INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Questionário:

- Há quanto tempo você usa a bebida de forma descontrolada?
- O que levou você a começar a beber?
- Como você se sente quando bebe?
- Você sente desejo em parar?
- Como o álcool alterou sua vida?
- Como é a convivência com o álcool?
- Você tem alguma orientação religiosa?
- O quanto espiritual você se considera?
- Você participa de práticas religiosas (missas, rezas, cultos)?
- Você participa das práticas espirituais aqui no Instituto?
- O que seria a espiritualidade para você?
- O grupo de espiritualidade está ajudando você a perceber outro caminho em sua vida?
- Gostaria de falar algo mais a respeito desse assunto?

## ANEXO B

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE ESTUDOS POS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA  
NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(Resolução do Conselho Nacional de Saúde 196/96, de 10 de outubro de 1996)

### I-TERMO DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Nome: \_\_\_\_\_  
Documento de Identidade: \_\_\_\_\_  
Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
TEL: \_\_\_\_\_

### II- DADOS REFERENTES À PESQUISA CIENTÍFICA

Titulo do protocolo da pesquisa: A Dimensão da Espiritualidade no Processo de Recuperação de um grupo de Alcoolistas.

PESQUISADOR: Odécio Barnabé Junior

PROFISSÃO: Psicólogo

INSCRIÇÃO NO CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA: 06/22930-2

MEDIDA DE RISCO DA PESQUISA: Sem Risco

### III- EXPLICAÇÕES OFERECIDAS PELO PESQUISADOR SOBRE A PESQUISA AOS PARTICIPANTES:

Foi feito o convite, aos internos, a participar de uma pesquisa a qual se intitula: A DIMENSÃO DA ESPIRITUALIDADE COMO PROCESSO DE RECUPERAÇÃO EM UM GRUPO DE ALCOOLISTAS: Estudo Sob o Enfoque da Psicologia Analítica.

Essa pesquisa tem como proposta apreciar se há alguma correlação entre a espiritualidade e a recuperação dos alcoolistas. Os achados serão empregados no caráter de possibilitar formas de afinidades na recuperação dos alcoolistas.

A coleta de dados será feita através de um questionário, que é composto de perguntas abertas e fechadas.

Após a coleta, será feita uma análise dos dados obtidos, de todos os participantes, para averiguar a correlação entre espiritualidade e a recuperação alcoolismo.

Esse estudo nos proporcionará a oportunidade de tentar compreender a relevância da dimensão da espiritualidade na recuperação do adito. Os resultados encontrados serão de grande valia para os estudos científicos presentes e

vindouros.

IV- ESCLARECIMENTOS E GARANTIAS:

- a) Esclarecidos para os internos, tanto para os profissionais da clínica, as informações sobre o procedimento, para que ficasse esclarecido e sanassem as eventuais dúvidas, que pudessem aflorar.
- b) Informados sobre a liberdade de interromper sua participação na pesquisa, a qualquer momento de seu andamento.
- c) Salvaguarda da privacidade e sigilo para a segurança e tranqüilidade dos mesmos.
- d) Proposto um tempo para que os pesquisados refletissem em seu interesse ou não em participar.
- e) Os resultados estarão disponíveis aos participantes, quando requisitado ao pesquisador.

VI- INFORMAÇÕES DO RESPONSÁVEL PELA PESQUISA:

Pesquisador: Odécio Barnabé Junior

End: Rua 13 de Maio, 1051, Bairro: cidade nova. Indaiatuba – SP.

CEP:13.330.120

TEL: (19) 3885-1754 – (11) 9787-1500

VII- CONSENTIMENTO:

Declaro que, após ter sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do estudo, e estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação, manifesto meu livre consentimento em contribuir para essa pesquisa.

Indaiatuba, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

## ANEXO C

### TERMO DE CONSENTIMENTO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS

Nome da Instituição: Nova Vida

Data: 15/08/2009

Pesquisador: Odécio Barnabé Junior

Profa: Denise G. Ramos

CPF:

End.:

São Paulo – CEP

Fones:



#### “A dimensão da espiritualidade no processo de recuperação de um grupo de alcoolistas”

O propósito deste estudo é investigar o fenômeno espiritualidade como fator importante de recuperação do alcoolista, através do levantamento dos casos existentes na Instituição Nova Vida.

A fim de desenvolver este projeto solicitamos a autorização, por um profissional responsável, para a utilização dos dados documentais que envolvem registros clínicos dos atendimentos do setor de internação desta instituição ou clínica.

Comprometemo-nos em manter em sigilo as informações obtidas através destes documentos, garantindo a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

A pesquisa será executada através de um questionário com perguntas que o sujeito responderá dentro de suas convicções e crenças. Esses dados serão importantes para a construção da hipótese do estudo.

O questionário e a conversa que circundam as questões não trarão nenhum prejuízo ou qualquer tipo de desconforto aos sujeitos, pois são perguntas claras que tratam da experiência de vida dos mesmos. A intenção é a de oferecer o maior suporte possível a essas pessoas no momento da coleta dos dados. O interno que se dispuser a participar da pesquisa terá a liberdade total de recusar a continuar o trabalho, a qualquer momento e por qualquer motivo, em caso de não se sentir confortável no processo da coleta dos dados.

Esperamos através das respostas, averiguar a importância da espiritualidade para essas pessoas e tentar entender, para fins científicos, se a espiritualidade poderá estar desempenhando um ponto de equilíbrio necessário, para que essas pessoas possam abandonar a adição.

Garantimos os benefícios obtidos através desta pesquisa, assegurando a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou da comunidade, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico-financeiro desta instituição.



Assinatura do Pesquisado

Assinatura do orientador

*Elza Aparecida Lemeira*  
Assinatura do responsável pela Instituição

Cargo: *Coordenador GERAL*

**03.277.174/0001-94**

**INSTITUTO NOVA VIDA**

Estrada Municipal do Badin, 1650  
Itaici - CEP: 13.330-000

**INDAIATUBA - SP**

## ANEXO D



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP  
SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 193/2009

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica  
PEPG em Psicologia: Psicologia Clínica  
Orientador(a): Prof.(a). Dr.(a). Denise Gimenez Ramos  
Autor(a): Odécio Bernabé Júnioir

**PARECER** sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Dissertação de Mestrado, intitulado *A dimensão da espiritualidade no processo de recuperação de um grupo de alcoolista: Estudo sob o Enfoque da Psicologia Analítica*

**CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO**

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

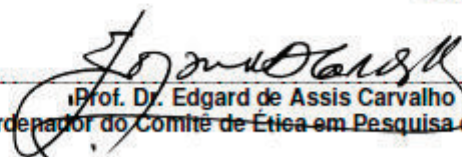
No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

**CONCLUSÃO**

Face ao parecer consubstanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de **31/08/2009**, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº **193/2009**.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea "c", do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 08 de março de 2009.

  
Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho  
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

## ANEXO E

### Sujeito A

1ª) Há quanto tempo você usa a bebida de forma descontrolada?

Dez anos.

2ª) O que levou você a começar a beber?

Foi emocional. Uma perda que eu tive uma namorada. Fiquei meio abalado e não conseguia controlar o uso mais. Foi emocional, bem sentimental mesmo. Gostava muito dessa pessoa aí terminamos, já bebia no final de semana, aí comecei todos os dias. No trabalho aqui no instituto, descobri q foi isso q me levou a beber, a aumentar a quantidade de bebida. Foi emocional. Eu não agüento ficar sozinho.

3ª) Como você se sente quando bebe?

Aliviado. Sinto tranqüilo, sinto aliviado. Fico como posso dizer, não fico nesse mundo aqui, não vivo nesse mundo. Fico em outro mundo. Eu invento outro mundo, para estar bem no outro mundo. Eu tenho outro mundo para ta vivendo e só consigo com o efeito da bebida. Sem o efeito da bebida fico na minha real mesmo. Aqui mesmo, né? Vamos dizer, 24 horas lá fora, eu vivo, vamos dizer que eu sofro vivendo. Eu bebendo eu não tenho esse sofrimento. Seria por ai minha maneira de sair desse mundo. Fico tranquilo, fico em paz, sem problemas, evito problemas que me aflige. Sem a bebida qualquer coisinha ta me cutucando, e com a bebida, não. Você releva, né?

4ª) Você sente desejo em parar de beber?

Sim, muito. Eu preciso parar.

5ª) Como o álcool alterou sua vida?

Aqui eu vim a descobrir, né? Estado físico, mentais e espirituais. O físico, degradação total. Desleixo total, né? Perdi minha auto-estima. Desleixado. Barbudo. Cabeludo. Não era fedido porque eu tenho família, até pelo fato de eu ser casado, ter filhos, até então tinha que dar o exemplo de...tomava banho, uma pessoa limpa. Fora disso, eu não ligava muito para meu corpo, tava emagrecendo demais, não me alimentava direito, trocava uma alimentação saudável por um copo de bebida. Isoo foi várias vezes, fazia isso na minha ativa. Mental, é descontrole total, né? Não tinha controle. Não tinha mais. Bebia eu perdia toda a estribeira. Perdia toda a sanidade mental, insano. Brigava, batia, chingava. E, espiritual, na minha maneira de entender, e que não ligava muito para pedir as coisas, não. Vim a entender espiritualidade, religiosidade, vim conhecer aqui dentro, que tem diferença entre esses dois. Espiritualidade é um conjunto de valores que leva a vida com qualidade, né? Ser uma pessoa carinhosa, amorosa. Já a religiosidade, você crê em alguma coisa. Eu era, eu gostava, eu acreditava que Deus poderia me ajudar. Varias vezes consegui coisas que Deus me deu, e não tive a habilidade de ficar lidando, bom emprego, uma boa família, uma boa casa, um bom carro. E através de minha adição, da bebida, não tava nem aí. Eu não tinha controle. Não dava valor nisso. Aqui dentro vim dar valor a isso, que Deus realmente pode me ajudar a eu mudar, a eu crescer espiritualmente, a eu mudar minha personalidade, mudar meu comportamento, minhas atitudes e mudar minhas ações. Uma mudança, né? E aqui dentro vim a entender que Deus me ajuda através de meus rivais, através de minha fé, de minha crença, me ajuda a estar buscando essa melhor qualidade de vida. Dentro disto, é minha maneira que eu compreendo, né? Lá fora não dava valor para tudo isso, não. Tinha tudo isso e não dava valor. Estava cego para isto. Deus me

mostrava através de minha esposa, de minha filha de algum parente de algum amigo próximo. O caminho certo que eu deveria estar seguindo, mas eu não, ia para outro caminho, não seguia o caminho correto. Era a adição que era um outro poder superior que eu não compreendia, que era o poder destrutivo. E não como eu concedo hoje, como Deus que é meu poder construtivo, que me ajuda a viver sóbrio, né? Viver limpo. Viver bem, viver com qualidade.

6ª) Como é a convivência com o álcool?

Falar a verdade eu amo a bebida. Eu amo a bebida. Eu não tenho que mentir, eu não gosto da bebida. A convivência que eu tive com a bebida foi muito boa. Dava euforia e dava depressão. Era boa no sentido de fuga, isso era. Eu fugia do meu mundo real, não estar no meu mundo real era uma delícia. Mas aí o que acontecia quando não estava no efeito do álcool era ruim. Então hoje para eu não sentir mais a vontade de estar usando, bebendo, eu pego muito o lado ruim que a bebida me trouxe. Se eu não fosse pegar o lado ruim, eu não estaria mais em tratamento, não estaria mais aqui, teria ido embora, já. Agora eu tenho equilíbrio para saber que ela sempre me levou para baixo, sempre, mas eu não tinha essa visão antes. Para mim ela dava prazer, mesma coisa que uma mulher, me dava prazer. Era só ali que dava prazer, no momento. Depois ia dormir e acabava aquele prazer e aí caía em depressão. Lúcido eu tinha umas ações e eu bêbado tinha outras, completamente diferente que na minha lucidez eu não fazia como fazia com o uso do álcool. É um negócio bem loco isso, essa minha relação com a bebida. Para mim foi boa. Entendeu? Eu costumo falar, eu amo a bebida. Eu preciso aprender a lidar com esse amor que eu tenho por ela, que a princípio não faz sentido, não faz sentido mais eu gostar, ela foi a mulher da minha vida. Não é mais. Não faz sentido mais eu gostar dela.

7ª) Você tem alguma orientação religiosa?

Sou católico, crismado, mas não frequentava a igreja. Quando cheguei aqui na clínica, comecei a resgatar mais esse valor espiritual que é Deus, né? Dar mais valor. Enxergar mais que realmente Ele me ajudou. O fato de eu estar aqui Ele já ajudou. Eu pedi ajuda para estar aqui. Já esta me ajudando. O fato de eu estar crescendo espiritualmente, ta aumentando minha fé, com os dias aqui dentro e vê que isso esta funcionando para mim. Ele ta tirando minha vontade, Ele ta tirando eu gostar da bebida. Semana passada fiquei uma semana em casa, com minha família, senti vontade de beber. Entreguei na mão de Deus essa vontade, Ele foi me tirando essa vontade. É difícil explicar com palavras, só você sentindo mesmo, que é chegar e parar mesmo. Pedindo, ó meu Deus, me ajuda que eu não posso beber, não preciso beber, eu não quero beber. E alguma coisa acontece na hora que realmente a vontade passa, vai embora. Da vontade de comer um chocolate, uma coisa diferente. É a mesma coisa você não ter a condição de estar comprando algo que você quer comer na hora, aquela vontade passa. Não que eu esteja dizendo que eu não tenha condição de comprar a bebida, eu tenho, graças a deus. Mas é bem isso, essa vontade passou e é isso que eu vim a começar a me tratar aqui dentro, como o doutor falou, resgatar aqui dentro e valorizar. Eu tinha isso lá fora, mas eu não enxergava. Agora aqui dentro to começando. Aquilo que eu falei: era desleixado, não ligava para nada. Que nem eu gostava de beber, me sentia bem bebendo, eu ia beber. Eu não sabia que isso tava me fazendo mal por todos esses setores da minha vida, tanto que eu perdi a habilidade. Tava perdendo tudo. Não tava enxergando o caminho torto. Agora aqui to vendo que, realmente se não é o tratamento em si, se não é um pouco de minha boa vontade também de eu me entregar, de eu ter a mente aberta de confiar num poder superior e alguma coisa

que vá me ajudar que eu denomino como Deus, não adiantaria estar aqui dentro se eu não tivesse essa mente aberta, se eu não tivesse a vontade de estar aceitando. Eu compreendo assim. Eu tive que me sentir derrotado, acabado, destruído, perdão – na merda mesmo -, para eu dar valor a isso e estar me puxando aos pouquinhos e me tirando da bosta que eu tava, que era uma bosta mesmo. Agora não, agora eu posso falar, o Oriel, graças a Deus, é um cara limpo, né? Sóbrio. Nem tanto sem ingerir a bebida alcoólica, é um cara limpo também de espírito, né? Um cara tranquilo, sereno, amoroso, carinhoso. Que tem amor próprio e pelas pessoas. Que tem um certo amor próprio. É, a auto-estima aumentou bastante. Estou gostando de viver. Antes eu sobrevivia, agora to vivendo. Estou gostando de viver mesmo. É estranho porque me falam né? na literatura, causa um despertar espiritual, você acorda, alguém te cutuca, não tem que viver nesse lixo da bebida que vivia.

8ª) O quanto espiritual você se considera?

Para falar a verdade tenho muito que crescer espiritualmente, porque tudo pode na nossa vida – minha mãe dizia uma coisa -, ficou bom o prato que você lavou, mas você poderia ter lavado o prato do seu irmão. Você sempre pode estar fazendo coisa a mais para estar melhorando a sua vida. Então tudo que você vai fazer de bom, sempre pode melhorar. Nunca é o seu melhor. É o melhor aquele dia, aquele instante, aquela hora, aquele momento, mas amanhã você pode fazer melhor do que fez hoje. Lembrando que a nossa vida, eu digo só por hoje, só por agora, eu não sei o que vai acontecer quando abrir essa porta e sair desta entrevista. Posso morrer ali, então, vivo só por agora, só por hoje. Então só por hoje, só por agora, só por esse instante, eu sinto que não é tão grande. Eu tenho muito que crescer espiritualmente, muito, muito. Tenho muito que melhorar essa minha fé, essa minha crença. Tenho muito que aprender ainda, conhecer mais o que esse poder superior pode me ajudar. Tenho muito que pedir a ele, conscientemente vem a ser uma coisa que eu não vá ter habilidade para ta lidando, mas já que não adianta ganhar 1 milhão de dólares já que eu não vou ter habilidade com o dinheiro. Tenho que pedir um bom trabalho, ter que pedir boa alimentação, ter que pedir coisas que sirvam para alimentar minha carne. Através de minha carne alimentada, sem meu corpo ta danificado fisicamente, a minha mente vai estar tranquila, o meu ego vai estar tranqüilo, porque estou buscando o que vim pedir aqui, paz de espírito, que é uma coisa que ninguém vai me tirar. E às vezes ainda eu me pego com raiva, alguma coisa que acontece, alguma situação que eu me pego com raiva. para mim, para o meu tratamento isso não é legal, a raiva. O problema está comigo ainda, tenho que tirar essa raiva, tenho que me livrar de alguns sentimentos que tenho do passado, que me atrapalham na minha recuperação lá fora. Aqui dentro é fácil viver, porque tenho Deus 100% do tempo comigo aqui porque não tenho álcool. Estou junto dos meus iguais, porque tudo o que aconteceu com meus companheiros aconteceu comigo, aconteceu comigo, aconteceu com meus companheiros. É identificação. Vamos dizer uma redoma, estou protegido do mundo lá fora. Se eu sair dessa maneira que estou pensando, se eu não atingi o crescimento, se eu não cheguei num nível de ter habilidade para viver lá fora eu posso até recair e a recaída é bem maior. E é isso que eu peço a deus, que ele me dê habilidade para eu lidar lá fora. Que me de uma estrutura para estar acreditando lá fora, com o que o mundo tem a me oferecer lá. Isto eu conheço muito bem. Conheço já. Eu não tive habilidade para lidar nesse mundo, agora o que eu peço a Deus é isso. O que eu to fazendo aqui dentro é isso, eu to tendo respaldo, o tratamento é para isso, e é interessante que isso é individual, cada um pede uma coisa, cada um deseja uma coisa de Deus. Eu quero simplesmente, honestamente quero que Deus me de a paz de espírito.

Sempre esteja comigo me mantendo sereno, que eu já sei o que eu fiz quando perdia o controle, quando eu perdia meu controle emocional. Eu explodia. As pessoas se surpreendiam. Tudo ao meu redor se surpreendia. Isso que eu peço a Deus serenidade, tranquilidade. Eu to buscando cada vez mais a serenidade. Eu acho que, acho não, ou é ou não é, estou bem pequenininho ainda, tenho que crescer muito mais. Estou consciente que tenho muito a melhorar.

9ª) Você participa de praticas religiosas (rezas, missas, cultos)

Eu frequento o centro espírita. Quando eu posso eu vou. É uma das doutrinas que eu gosto, que eu me interesso. Não sei o porque, é uma coisa que não é dom, mas meus avós mexiam com isso, né? Minha mãe sabia um pouco de espiritismo, mesmo sendo leiga, não sabendo ler e escrever, ela sabia controlar a situação quando recebia um espírito, e conversava com ele, e eu era menino, moleque. Eu fui me interessando, minha esposa gosta muito de ler livros espíritas, minhas sobrinhas todas são envolvidas no espiritismo. É uma coisa que eu fui, eu lia alguns livros espíritas, eu gostei do conteúdo do livro. É uma coisa, vamos dizer diferente do contexto de uma doutrina religiosa. Ele vai bem mais a fundo, é uma coisa que fala de reencarnação, é uma coisa mais profunda que fala de um Deus de uma maneira diferente. É uma coisa interessante, apesar de ter dificuldade de leitura, não gosto muito de ler. As poucas vezes que leio, agora que tenho tempo de ler lá fora, antes não tinha, porque ocupava meu tempo com outras coisas que não era muito interessante, a bebida. Eu pego um livro e leio gosto de frequentar o centro espírita, me sinto bem. Eu me identifico.

10ª) Você participa de práticas espirituais aqui no instituto?

Sim. Aqui temos a espiritualidade que é...são reuniões pela manhã que é a doutrina da congregação cristã...que são hinos, né? São cantados, de manhã e a noite. Eu participo. Aqui obrigatoriamente você tem que participar. Eu participo porque eu gosto. Eu gostei, nunca tinha participado. Foi diferente para mim. Eu gostei. Às vezes eu sinto que estava indo num culto da igreja fora daqui. Quase todos os domingos eles saem para ir na igreja louvar a Deus. É o culto que eles falam, né? Vamos no culto, né?. Eu sinto de ir, porque eu gostei de ta indo e ouvir a palavra de uma forma diferente que é na igreja católica que eu frequentava de uma forma diferente que é no espiritismo. Então tudo aqui, vamos dizer, que envolva Deus, ouvir a palavra de Deus, conhecer uma bíblia, tentar entender a palavra que está lá, porque não é qualquer um que entende. Tudo que me leva a Deus, tudo que, vamos ver, é Deus, vai me ajudar, Jesus vai me ajudar, é o poder superior é a maneira que compreendo vai me ajudar. Eu vou atrás eu gosto, sinto aliviado

11ª) O que seria a espiritualidade para você?

Seria assim. Espiritualidade .é um conjunto de valores, coisas boas. O que seria coisas boas? Você amar uma pessoa, ser carinhoso com uma pessoa, tudo que vem de Deus, tudo que Deus foi. Deus curou, né? Jesus curou, né? Jesus curou por intermédio de Deus. Ele foi um missionário aqui vamos dizer. Dentro disso ele foi bom. Então para mim espiritualidade é um conjunto de valores que você tem que adquirir, tem não, necessita adquirir, para você viver em paz, para viver bem nesse mundo aí fora. Ser amoroso, ter amor incondicional, carinhoso, boa vontade, mente aberta, ser honesto, ser sincero, são vários dentro de mim, o básico. É ser honesto, ter a mente aberta e ter boa vontade. É complicado, tem que praticar o programa que estou aprendendo, praticar a programação que é ensinada aqui. Se não praticar esse programa você não consegue. Porque honestida, mente aberta e boa vontade é o tri pé. Sem ele você não consegue ser amoroso, sem ele você não consegue ser carinhoso. É o tri pé da programação. Você não consegue ter uma vida com

qualidade se você for desonesto, se você não tiver boa vontade, e alguém apontar alguma coisa e não ter a mente aberta para você estar mudando para melhor. Preciso estar indo em busca dos meus iguais. Eu preciso estar indo numa sala de reuniões no A.A. Vou ter a necessidade de frequentar esse lugar, porque lá vou ter esse amparo. O tri pé está lá, quer dizer, o tri pé está comigo. E cada um dos companheiros vai ter esse tri pé com eles. Então, não adianta chegar numa pessoa leiga no assunto e querer partilhar um sentimento que estou tendo, já não vai poder me ajudar. Lá não, lá estou dentro dos meus iguais, lá nós somos doentes. Lá todo mundo vai se identificar com meus problemas. Com o que eu estou sentindo naquele momento. Isso eu tenho aqui isso eu preciso ter lá fora quando sair daqui. Não é nem eu tenho, eu preciso. É necessidade para eu viver em recuperação. Sem isso eu caio, posso voltar a beber. Isso eu tenho aqui guardado (aponta p/ si mesmo). O poder superior tem que estar do meu lado, ele é que vai me dar vontade de eu ir numa sala de reuniões, numa sala de centro espírita, ou até na igreja católica, ou até na Congregação Cristã. Primeiro é o poder superior, depois meus iguais. Enquanto eu me manter em pé, limpo, me manter sóbrio vou ter que ter mente aberta, honestidade e boa vontade.

12ª) O grupo de espiritualidade está ajudando você a perceber outro caminho em sua vida?

Como eu falei, né? É assim. Espiritualidade me traz calma, me faz acreditar, ela me faz orar, né? Na maneira que eu compreendo, do jeito que eu sei. Não é uma coisa que você é obrigado a orar, cada um ora da forma que se sente bem. Então a espiritualidade para mim aqui, uma coisa que eu não tinha lá fora frequente, aqui dentro me fortaleceu bastante, no sentido disso de eu pedir coisas para Deus, de eu estar agradecendo as graças. Deus realmente existe e eu estava deixando ele de lado, né? Isso a espiritualidade aqui dentro me fortaleceu nesse sentido, de eu buscar, de eu pedir as coisas para Deus e receber, e ele mostrar, tá ali, ó, tá aqui, ó. Você tá pedindo por merecimento, vamos dizer, entre aspas, eu to em busca de uma recuperação, eu to em busca de uma mudança de vida e Deus tá me dando. Minha esposa de volta, a gente estava separado, não dormia na mesma cama. Minha esposa já voltou, minha filha já voltou. Até coisas materiais está voltando aos poucos. está voltando porque eu perdi tudo, tinha perdido mesmo. Voltou para mim. Tudo que eu pedia nas reuniões da espiritualidade tá voltando, aos poucos e uma coisa eu aprendi, é por merecimento, tem uma coisa, nós adito, nós doentes, a gente pede as coisas, mas não corre atrás. Não adianta pedir, tem que ter uma ação para conquistar, tem que ir atrás. Não adianta eu querer ganhar um bom salário se nunca vou trabalhar, é mais ou menos por aí. Estou buscando isso, pedindo a Deus com humildade, né? Humildade é tudo também. Ser humilde. Espiritualidade é ser humilde, é não pedir coisas grandiosas. E Deus me dar sinceridade e serenidade. É surpreendente. Como falei no começo, não tem explicação, é coisa que você sente que penetra, né: Não sei por onde, não sei se é pelo coração se é pela mente, se é pelo corpo, é uma coisa que é um contato que somente te leva a um encontro de uma coisa que não existe que você não vê, você não pega, você não apalpa. Só que você sabe, você sente que ela está ali, ela existe. Você conversa com ela, na meditação, na oração você conversa com aquele Deus e passou uma semana duas aquele Deus te devolve o que você pediu. É louco, cara. Aí você vai e agradece. Eu vivo agradecendo. Eu acordo, eu agradeço. Eu deito, eu agradeço. Eu tropeço numa pedra, eu agradeço. As coisas que Deus... aqui não é mais...a internação não é um bicho de sete cabeças, mas não é um mar de rosas e eu agradeço a Deus por estar aqui dentro. Agradeço a Deus por me tocar, e dizer: menino vai lá, que lá, apesar

que no primeiro dia queria ir embora, né? Como todos. E graças a Deus eu fiquei por intermédio de Deus, na maneira que eu compreendo, que manifesta nos meus iguais na conversa, nas atitudes, eu fui, olha o menino ta continuando, eu ia lá, e dizia: vou ficar mais hoje. Vou ficar mais amanhã, mas hoje, mais hoje, graças a Deus, 5 meses. Está acabando meu tratamento.

13<sup>a</sup>) Gostaria de falar algo mais a respeito deste assunto?  
Já disse tudo.

Sujeito B

1<sup>a</sup>) Há quanto tempo você usa bebida de forma descontrolada?

De forma descontrolada faz uns dez anos mais ou menos. Dez anos com certeza. Antes disso eu só saia para clube, divertia com os amigos, mas não bebia.

2<sup>a</sup>) O que levou você a começar a beber?

Comecei a beber pelo falecimento do meu pai, né? Meu pai botava ordem na casa né? Depois que ele morreu minha mãe não conseguiu controlar mais nós, né? Nós somos em seis irmãos, aí né? veio a caída. Comecei tomando cerveja, mas eu admito, hoje nem cerveja eu gosto mais. Eu bebo é pinga mesmo, que cerveja para mim, parece que não tem graça, tem que ser pinga mesmo, que é mais forte. Tenho mais cinco irmãos, nós somos em seis irmãos. Cinco bebem, só um que não, que é o mais novo. E minha mãe também bebe.

3<sup>a</sup>) Como você se sente quando bebe?

Ah, quando eu bebo eu me sinto assim, pior que é uma maneira de fugir dos problemas, né? Eu me sinto mais aliviado, não tenho preocupação, se tiver que trabalhar no outro dia, eu já não penso mais naquilo, já não penso em horário certo de chegar. Aí, nem vou também. Geralmente, ultimamente estava fazendo assim, trabalhava, recebia e não voltava mais para trabalhar. Demorava uns três ou quatro dias para voltar. Enquanto tinha dinheiro bebia, até acabar tudo. Eu tenho consciência de falar que era só bebida mesmo, com droga até hoje nunca experimentei, né? Curiosidade, mas só, né? Graças a Deus pelo menos dessa droga, esse tipo de droga, crack, maconha, farinha, essas coisas eu nunca peguei não. Parece que o corpo, né? a mente fica mais aberta. Aí quando vai tendo, vai bebendo mais, né? Para não parar, né? aquela alegria, aquela sensação boa, né? eu acho para mim. Mas aí é só no outro dia que a gente vai ver, né? o resultado. Estrago, ânsia de vômito, dor de cabeça. Comer não come nada, a gente fica com o corpo ruim o dia inteiro, até voltar a beber de novo.

4<sup>a</sup>) Você sente desejo em parar de beber?

Ah, eu sinto. Eu sinto e tenho necessidade também né? Porque eu tenho problema de convulsão, né? E então tenho que tomar meu remédio controlado. Desde quando cheguei aqui, deu convulsão em mim uma vez só, foi no primeiro dia que meu corpo ainda estava com álcool, aí passou a sentir falta acho, do álcool. Aí no primeiro dia deu convulsão, depois vim tomando remédio controlado, não deu mais. A vontade da minha mãe é ver eu parar de beber. A minha vontade é parar também, porque eu vejo que está me prejudicando, não prejudica só eu, prejudica quem está ao redor meu também, né? Tenho uma namorada faz dois anos e pouco que ela namora comigo. Ela falou para mim ou para de beber ou então não tem mais jeito porque chegar de madrugada caindo de bêbado, levanta cedo, tem que fazer até ela buscar pinga para mim. Eu não conseguia andar de tão bêbado. Fazia ela buscar. Eu sinto que tenho que parar de beber mesmo. Eu vejo pessoas que param e vivem tão bem sem a bebida, porque q eu vou ter que viver com a bebida o resto de mina vida.

5<sup>a</sup>) Como o álcool alterou sua vida?



Ah, vem alterando meu sentido assim. Eu já perdi bastante amizade, já antes eu não brigava, passei a brigar muito porque cada bêbado tem um jeito depois que bebe, né? O meu, eu fico um pouco meio nervoso, querendo brigar. Alterou bastante parte da minha vida, parei de estudar, tudo isso

6ª) Como é a convivência com o álcool?

Ah, para mim ao mesmo tempo que é bom é ruim, né? Então eu fora daqui do instituto eu procurava sempre ficar com ela (pinga), bêbado 24 horas, não parava. Era as 5:30 hs da manhã já começava. É lá perto de casa tem um bar que às 5:30 da manhã ele já abre e ficava esperando abrir já. Mas o álcool, ele só deixa a gente um pouco feliz, né? na hora, no meu caso que era meio briguento lá fora, na hora que eu ia brigar aí acho que ele abandonava eu, ele deixava sozinho daí, bêbado brigando só apanha. A convivência com ela (bebida) não era das melhores não.

7ª) Você tem alguma orientação religiosa?

Orientação religiosa, eu tenho só da mulher assistente social q trouxe eu para cá, né? Porque minha mãe ta começando ir na igreja com ela e o nome da igreja no momento não me lembro, mas ela é que procurou essa ajuda para mim. Ela sempre quando pode vem aqui me ver. Agora, igual na próxima visita to esperando ela, se ela vêm. Quando eu era pequeno batizado nunca fui, eu sempre ía na católica, até uns doze ou treze anos, aí depois parei também.

8ª) O quanto espiritual você se considera?

É religioso? Ah, eu me considero bem, se for ver de 100% me considero 20% religioso. Aqui que eu estou indo nas reuniões, nas perguntas, eu falo aqui que eu to aprendendo agora ter mais fé. Antes nem uma bíblia eu abria, nem sabia que era a palavra, o versículo.

9ª) Você participa de práticas religiosas (rezas, missas, cultos)?

Só antes quando eu era novo mesmo, que é a igreja católica. Depois que eu conheci a bebida ir na igreja, não ia não. Mesmo quando ía, ía um pouco alcoolizado ainda. Sempre com segundas intenções. Falava com o colega, manipulava, eu vou lá, mais depois empresta um real, tenho que comprar um cigarro, mas comprava esses barrigudinho, que eles falam de cachaça.

10ª) Você participa de práticas espirituais aqui no instituto?

É, ir na espiritualidade? Sim, vou na espiritualidade aos domingos. Agora em diante eu vou começar a ir a igreja que eles vão na Congregação. Domingo em diante vou começa, mas a espiritualidade eu acho que a gente não é obrigado, né? Porque se a gente não for da Igreja, da Congregação a gente não é obrigado a ir, né? Mas eu vou seguir com eles a congregação, eu participo cedo, a noite.

11ª) O que seria a espiritualidade para você?

Para mim espiritualidade acho que deve ser uma pessoa que crê bastante em Jesus Cristo, em Deus, uma pessoa, um sentimento que carrega dentro dela, acho que direto, eu penso assim. De servir a Deus, do jeito correto, não errando. Errado acho que seria essas coisas que tem aí no mundo, né? prostituição, bebida, droga. Eu conheço pessoas que só pedem a Deus, então acho que tem bastante espírito, espiritualidade, né? dentro dela, e vive bem, a gente vê no rosto da pessoa, que a pessoa tem saúde, meu modo de pensar, né?

12ª) O grupo de espiritualidade está ajudando você a perceber outro caminho em sua vida?

Ajuda né? Porque eles lêem todo dia, lê uma palavra diferente, né? Eu acho que as palavras que eles lêem lá, é cada dia aquela palavra acho, mexe com o sentimento de uma pessoa ali dentro, né? Tem pessoa que sai de lá e vem conversando e diz, aquela palavra parece que Deus queria falar comigo e a gente sente mesmo, os

hinos cantado, eu sempre chego lá, pego coisa que nunca fiz. Eu chego lá, pego a bíblia, vou lendo, procurar aprender, né? me sentindo bem agora. Aqui to me sentindo bem. É minha segunda internação, né? Tipo o grupo, aprender a dividir suas coisas, ouvir, pegar uma bíblia, ler, to descobrindo coisas novas, novas histórias, cada um tem a história dele e eu procuro aprender, não ficar os seis meses aqui e sair lá fora e já voltar de novo beber. Eu tenho no meu pensamento assim, sair daqui bom, curado e por em prática isso lá fora também. Eu tento porque confio muito em deus, porque lá fora a minha família, porque acho se eles vê eu diferente, talvez eles também, os que bebem, eu acho que eles podem até mudar também. Eles sabem o tanto que eu bebia, eles falam se ele mudou né? eu também posso servir de exemplo para eles. Porque beber, não é pouco né? bebe de bastante mesmo. Vem despertando mais confiança, eu to perdendo um pouco da vergonha que eu tinha. Vergonha que eu tinha lá fora né? Eu tinha vergonha lá fora quando estava sóbrio, porque depois que bebia, ai eles vem me asem esticar o dedo. Fiquei quieto, entrava quieto, saia quieto, aí fui pedindo ajuda para eles, conversando com eles e o sentimento de vergonha to começando a perder porque, é que eu tenho coisas para falar, assim, na reunião, tipo dar uma ajuda para o companheiro. Só que eu fico calado, não consigo falar. Sei o que falar, só que não saí, igual até agora to até pensando porque daqui uns cinco dias vou ter que fazer minha carta de sofrimento, daí isso vai ter que sair de uma vez. Ali acho que vou ter que perder esse sentimento de vergonha. Eles me apóiam, mas parece que fica todo mundo sentado ali, muda dentro de mim. É um sentimento que tenho que perder e acho que vou conseguir perder aqui dentro. Vou ter que expor, falar de minha família, eu não vou colocar mentira lá no papel, se eu colocar mentira to mentindo para mim mesmo também, né? aí não vai adiantar nada.

13ª) Você gostaria de falar algo mais a respeito deste assunto?

Fora as perguntas, a única coisa que eu venho guardando comigo assim, eu não sei se eu vou conseguir colocar – voltando ao assunto da carta – não sei se vou conseguir colocar. É sobre a morte do meu pai né? Porque até hoje eu me sinto culpado pela morte do meu pai. Ele morreu fazem uns doze anos. Porque numa brincadeira de rua, eu morava em Itu, estava brincando na rua, a bola caiu dentro da casa dum senhor vizinho, o senhor pegou rasgou a bola e saiu correndo atrás de nós. Criança, né? brincando na rua. Aí eu fui chamei a polícia, a polícia veio, falou um monte de coisa para ele, porque criança até 10 horas pode brincar na rua. No outro dia ele pegou e no ponto de ônibus foi e pegou o meu pai a traição e matou meu pai a facada. As irmãs dele (pai), não gosta de mim, pensa que fui eu o culpado. Eu fico com a cabeça, tem ora que eu penso que fui eu mesmo o culpado, tem ora que penso que não fui. A cabeça fica virando. Eu me sinto um pouco culpado. É brincadeira, a gente é criança né? Tava brincando, depois – a casa caiu mesmo.

Sujeito C

1ª) Há quanto tempo você usa bebida de forma descontrolada?

Cerca de vinte e cinco anos, realmente descontrolada.

2ª) O que levou você a começar a beber?

Bom, eu bebo desde os quatro anos, que meu avô dava um cálice de vinho no almoço e um na janta. Aos sete anos de idade eu me peguei roubando de um garrafão que ele tinha, dois copos cheios de vinho e tomei, que me deixaram sozinho em casa, foi meu primeiro porre. E aí por diante as coisas foram, cada vez que me via sozinho experimentava vinho. Lembro que os primeiros goles

queimavam. Depois disso bebia em casa de parentes, Martini, Vermute, Campari, aí não parei mais.

3ª) Como você se sente quando bebe?

Hoje, falando assim, eu hoje se bebesse me sentiria triste, mas atrás, me tirava tanto a vergonha, encorajava eu tinha uma outra personalidade, eu mudava totalmente meu jeito de ser, tanto sentimental como atitudes, modificava em todos esses fatores. Eu sou uma pessoa um tanto quanto tímida, então isso me ajudava a ter contato com as pessoas, como meu trabalho exige contato com as pessoas, muita conversa, isso me facilitava muito, principalmente com as meninas, também era tímido. Então a bebida por essa parte me libertava, eu me tornava uma pessoa mais comunicativa, inibia também meu medo, porque o medo sempre foi uma coisa constante na minha vida, medo de não ser capaz de concluir alguma coisa de não fazer o certo, de errar, esse realmente foi um medo meu.

4ª) Você sente desejo em parar de beber?

Sinto. Sinto do fundo do meu coração, da minha alma.

5ª) Como o álcool alterou sua vida?

Nossa, alterou totalmente. Ele, o álcool, me destruiu, tanto socioeconômica, física, mentalmente. Foi em massa mesmo, veio com grande força, eu perdi totalmente o domínio de mim mesmo.

6ª) Como é a convivência com o álcool?

A convivência para mim chegava a ser uma necessidade. Eu cheguei a um ponto em que eu não bebia mais por prazer e sim por necessidade, tanto física, porque quando eu acordava de manhã, porque sempre eu bebia em excesso, um mínimo para mim era 1 litro por dia, então, geralmente ao acordar tinha que vomitar, soltava bÍlis amarela e já bebia em cima, tinha que guardar um pouquinho. Então realmente me tornei um dependente. Eu dependia da bebida para viver. Se eu não bebesse eu não conseguia trabalhar, não conseguia me comunicar. Eu não tinha uma personalidade própria, com a bebida eu era eu, sem a bebida não era ninguém.

7ª) Você tem alguma orientação religiosa?

Eu nasci sendo católico, mas eu sou evangélico hoje em dia, da Congregação Cristã, mas antes, veja bem, eu procurei por várias áreas de leitura, procurei saber de várias religiões, porque eu queria sair para ver se me curava do álcool. Eu li a respeito de muitas coisas, coisas quais que até hoje não me recordo por causa do efeito do álcool, mas o que mais eu estou foi o evangélico.

8ª) Quanto espiritual você se considera?

Bom, eu me considero, uma pergunta um tanto quanto difícil, porque eu estou praticamente readquirindo uma força, porque espiritual eu sempre tive fé em Deus, eu sempre soube que há sentimentos bons, coisas boas, mas com a bebida eu nunca consegui colocar isso em prática. Se eu tenho a teoria mas não a prática, a literatura me trouxe várias teorias, mas na prática mesmo eu tenho pouco.

9ª) Você participa de práticas religiosas (rezas, missas cultos)?

Ah, antes de vir para a instituição eu congregava na Congregação, mas pela bebida eu me afastei, cometi certos erros, um deles um adultério, então na minha religião isso é uma caso ruim. Então eu parei de congregar. Aqui tem uma espiritualidade coisa qual é feita duas vezes por dia, eu freqüento, mas não me sinto até bem, porque eu vou porque tenho que ir, não me sinto.

10ª) Você participa de práticas espirituais aqui no instituto?

Participo dessa prática mas não me sinto digno perante a doutrina cujo a qual eu fui que eu venho, porque a bebida já não é boa. Então a questão espiritual eu me sinto bem, a espiritualidade vem sentimentos, eu me sinto bem orando quando estou ali

me dá paz, calma, tranquilidade, participo de todas as atividades que tem aqui, cuja quais mexem realmente com a espiritualidade, com os sentimentos, porque aqui é trabalhado os sentimentos acima de tudo.

11<sup>a</sup>) O que seria a espiritualidade para você?

Bom, a espiritualidade para mim, eu sou um pouco leigo, sou um pouco não, sou leigo, na realidade aqui dentro eu me sinto preso, me sinto um passarinho, não estou aqui porque eu quero, estou aqui porque eu necessito, ta. Meus sentimentos estão realmente aflorando. Eu tenho certos sentimentos, que nem essa semana tive um problema com sentimento de raiva. Eu até me assustei comigo mesmo que eu conversei e vi que o problema está comigo, só que eu não ainda detectei que pode ser alguma coisa do meu passado, que eu ainda esteja cobrando de mim mesmo, mas não cheguei ainda analisar. Eu sou incapaz perante a situação que aqui quando tem alguma coisa que mexe com o nosso sentimento, nós nos rendemos perante aquilo. Rendição, o acontecimento que gerou aquele sentimento. Então para que eu não se de por vencido numa situação dessa e reconheça, eu estou como é muito recente, estou me reestruturando espiritualmente, porque eu não me conheço na realidade, estou começando a me conhecer. Eu me conheço alcoolizado, mas sóbrio, não.

12<sup>a</sup>) O grupo de espiritualidade está ajudando você a perceber outro cominho em sua vida?

Eu a princípio, foi estranho, porque eu sempre vivi isolado do mundo, mas vem me passando várias coisas que me interessam, tal qual aprender a mexer realmente com meus sentimentos. É, mas várias coisas não posso opinar, eu não tenho uma opinião própria, você entende? Eu tenho que aceitar a opinião que me é passado, porque é dito que todo o meu melhor pensamento me levou a estar aqui hoje, que as minhas melhores idéias foram que eu sou inimigo de mim mesmo. Até nesta parte eu concordo que se eu for por mim estaria num bar, numa biqueira. Isso eu concordo, mas a minha opinião eu não posso mudar certas coisas, eu preciso seguir a regra, os que eles falam. Então isso na realidade vendo por mim. Eu vejo pessoas se recuperando, saindo. Eu reconheço o alcoolismo como sendo uma doença, isso antes de ser colocado como uma doença eu sempre vi como uma doença, só que eu nunca achei a cura, né? O que eu to conseguindo captar no grupo é que eu tenho condições de me manter sóbrio, dependendo da minha boa vontade, mente aberta e honestidade rigorosa consigo próprio, mas que minha doença não é uma doença curável é uma doença incurável, certo? Se eu vacilar eu volto, se eu bobear eu volto. Tudo bem até o primeiro gole, essas coisas que a gente escuta no grupo. Sei comigo que não quero beber novamente, a primeira dose eu não quero e vou lutar com todas as forças e Deus queira que não e se eu recair vou levantar de novo, eu vou lutar. Quantas vezes que eu levar um soco, dessa que eu chamo a bebida de droga, se ela me derrubar vou levantar de novo, vou brigar, vou para cima. Não vou deixar ela me destruir não.

13<sup>a</sup>) Você gostaria de falar algo mais respeito deste assunto?

O que você quiser. A espiritualidade, eu me confundo muito, até por causa da minha mente estar danificada. Espiritualidade, foi feito essa pergunta para mim hoje. Eu esqueci. A espiritualidade não é religiosidade, né? São valores espirituais, seria isso, valores. Seria isso, mas eu não...os valores adquiridos aqui para mim a princípio são poucos. O mais difícil foi retirar os maus valores que eu tinha e até tenho. Não tenho muito controle, desvios de personalidade, sou um manipulador ao extremo, o que eu quiser eu manipulo, se a pessoa não for uma pessoa instruída tal qual você, mas principalmente aqui se eu quiser manipular eu manipulo. Eu só não faço porque não

quero mais. É verdade. Eu passei a minha vida manipulando as pessoas. Manipulando pai, as pessoas que eu não conhecia, então, brincadeira. Eu tava sem dinheiro, a hora que via tava com uma boa quantia e sem parar. Só na manipulação. Isso me deixa mal, porque eu não gosto de fazer isso. Eu tenho que ser uma pessoa certa. Parei meus estudos, por meus sentimentos de vergonha e já bebia na época. O álcool é uma coisa muito complexa para mim que sou um alcoólatra. Tem certas coisas que não consigo resposta, pode ser que isso esteja em algum livro. Tem certas coisas que eu fico bobo, como eu posso odiar tanto uma coisa, que é o álcool, e estar bebendo, e uma bebida que é ruim, ela queima a garganta, é uma contradição muito grande. Eu falo, não quero beber, chorar de madrugada no banheiro, passando mal, falando, amanhã não vou beber a hora que eu acordo, eu já tinha deixado guardado um pouquinho de pinga na garrafa lá. Às 4 horas da manhã to bebendo. Então, não entendo isso. Essa contradição que faz dentro de mim. Na realidade eu falo que não quero beber, mas na realidade eu gosto de beber, eu gosto. Eu não posso beber, mas eu gosto. Gosto para caramba. Bebo bem.

#### Sujeito D

1ª) Há quanto tempo você usa bebida de forma descontrolada?

Descontrolada, uma média de um pouco mais de vinte anos.

2ª) O que levou você a começar a beber?

Eu comecei de doze para treze anos. Eu via os companheiros de trabalho, onde trabalhava, era menor ainda, um dia pegando o gosto acabei começando. Comecei com uma meia cerveja, na época tinha aquela garrafinha de meia cerveja. Mas tomei aquela meia cerveja e não gostei. Aí tomei um golinho de pinga e gostei dela e aí continuei. Aí nunca mais parei.

3ª) Como você se sente quando bebe?

Zonzo. Sinto zonzo, da sonolência. Eu mesmo de nervosismo mesmo, nunca fui de ficar nervoso, como se diz quando eu saio do trabalho tomo duas trás doses, o cansaço que eu sentia no trabalho para mim parece que passa. Aí eu não sinto mais cansaço e acabo tomando a mais. Eu procuro ficar de lado dos outros só ouvindo o que os outros falam.

4ª) Você sente desejo em parar de beber?

Depois que eu comecei a perceber que estava me prejudicando de mais, principalmente minha mente ta bem afetada, me começou a prejudicar no trabalho. Eu já não consigo mais gravar as coisas na mente, se uma pessoa me falar uma coisa agora, que a gente ta conversando agora aqui, daqui 2 minutos eu não lembro de mais nada do que foi falado aqui. Já me atrapalhou bastante a mente. Então eu tenho muito desejo de parar porque me atrapalha muito. O que eu acho engraçado é isso, eu esqueço que tenho esse problema de esquecimento nas coisas recentes. As coisas do passado eu lembro.

5ª) Como o álcool alterou sua vida?

De forma geral mesmo. Eu acho que acredito o que alterou mais foi esse problema da cabeça. Sou casado, e me dou bem com minha esposa, minha duas filhas, minha mãe, meus irmãos. Sempre me dei bem com eles. Inclusive com minha família mesmo, quando eu me sinto ruim eu vou com eles, vou pedir conselhos, principalmente minha mãe, minha esposa, eu sempre converso com elas. Com a família não tenha nada que afeta, porque a gente se dá bem, sempre se deu bem, apesar do, como se diz, quando eu bebia de mais, normalmente eu chegava em casa, tomava banho as vezes jantava, as vezes nem comia e ia dormir. Não discutia,

não tinha esse problema de discutir com a família, com as filhas, com a esposa, nunca tive esse problema, eu sempre fui pouco de conversa. O meu modo de ser criado pode ser isso. Eu sempre fui uma pessoa, uma pessoa calada, falava só o necessário.

6ª) Como é a convivência com o álcool?

A convivência com o álcool foi assim, se eu to bebendo eu me sinto bem, se eu paro de beber começo a sentir o corpo mal, estomago vazio, um negócio ruim no estomago, a mente começa a não funcionar direito, fica pior. Agora aqui na clínica, um bom tempo que to aqui, já agora ta começando a querer voltar, to tentando forçar a mente para ver se melhora um pouco. Estou torcendo que eu consiga recuperar a cabeça para ver se eu consigo manter o tratamento aqui. Eu sempre trabalhei, né? desde os meus quatorze anos trabalhei registrado. Fiquei agora a quase oito anos sem registro de carteira, trabalhava fazendo bico nas firmas, então minha convivência era, eu sempre gostei, com bebida ou sem bebida, sempre gostei de fazer meus trabalhos, minhas obrigações o melhor possível. Final se semana sempre gostei de fazer feira para casa. As vezes ia no sábado no domingo também, achava que faltava alguma coisa ia lá buscar. A prioridade que eu tinha para fazer era suprir. Inclusive minha casa mesmo, eu que fiz. Fui o pedreiro da casa, meu irmão era o servente. Bebendo ou não, na construção eu tinha que ter meu litro. Eu sempre dei prioridade ao lar. Inclusive, ultimamente tomava uma ou duas no bar antes de chegar em casa, mas ia direto para casa. Chegava em casa, conversava um pouco. Aí depois eu saia para o bar de novo.

7ª) Você tem alguma orientação religiosa?

Não. (nenhuma?) Eu tive uma decepção quando criança na igreja e depois disso aí, eu não tenho vontade nenhuma de ir para a igreja católica. Eu sou batizado, crismado e apresentado. Vou num casamento, num batismo, numa missa de sétimo dia, mas participar da missa, não.

8ª) O quanto espiritual você se considera?

Eu particularmente me considero que me dou bem com todo mundo, né? Se for o caso aí de relação de igreja, eu creio em Deus. Se um dia eu tenho vontade de rezar, eu ajoelho dentro de casa e rezo.

9ª) Você participa de práticas religiosas (rezas, missas, cultos)?

Não.

10ª) Você participa das práticas espirituais aqui no Instituto?

Sim. E estou gostando.

11ª) O que seria a espiritualidade para você?

É estar bem consigo mesmo. São valores que estou aprendendo aqui. To ficando mais feliz.

12ª) O grupo de espiritualidade está ajudando você a perceber outro caminho em sua vida?

Vejo o pessoal no grupo, eles falam e dão apoio para mim. Estou vendo meu defeito e aprendendo a pensar direito. O grupo vem ajudando muito, porque esse problema que tenho na cabeça, na mente me atrapalha muito, mas o pouco que estou conseguindo partilhar com os companheiros me ajuda bastante porque mesmo como esse problema eu consigo captar alguma coisa que me ajuda bastante, principalmente esquecer da bebida, não querer ir embora. É como é que posso falar, eu consigo ficar mais tranquilo, consigo me soltar mais, consegui me soltar mais, falar um pouco mais de mim, que é o que to precisando bastante e sem o uso da bebida. Com a bebida normalmente me soltava mais, fora a bebida, como se diz, eu tava fechado por dentro. E agora ouvindo a partilha dos companheiros, participando

da espiritualidade, to começando a me soltar mais e isso ta me ajudando bastante.

13ª) Você gostaria de falar algo mais a respeito deste assunto?

A vontade que eu tenho, de que, antes de vir para cá, uns dois anos e meio atrás, eu já tinha passado por outra clínica, mas lá o tratamento era quarenta e cinco dias, né? Eu mesmo considerava pouco, inclusive foi pouco. Acabou o tratamento, eu tinha comentado com eles que, mexia, gostava de mexer com horta, né? e acabei ficando na horta lá, fiz um pedido de ficar lá cuidando da horta, fiquei cento e oito dias lá. E mesmo assim eu considerava pouco, porque eu já havia tentado de parar sozinho eu por mim que não é fácil, não tem condições de parar sozinho. Duas ou três vezes que eu tentei sozinho eu fui parar no hospital. Inclusive cheguei a desmaiar duas vezes na rua, tive convulsões em casa, sozinho eu já sei, tenho certeza que não vai. E lá na outra clínica que fiquei internado é muito diferente daqui. Diferença é gigantesca. Lá, você tinha liberdade para muitas coisas, coisas que aqui a gente não tem. Lá a gente podia ficar de camiseta e bermuda o dia todo, a gente podia fumar nas horas vagas, ta certo, lá a gente fazia uma média de sete a oito grupos diários, e tinha intervalo de 10 min. para fumar. Aqui já é diferente, a gente faz dois de manhã e dois a tarde.

Sujeito E

1ª) Há quanto tempo você usa bebida de forma descontrolada?

Descontrolada, descontrolada mais ou menos uns, to com 43 anos, uns 18 anos.

2ª) O que levou você a começar a beber?

Bom, eu comecei beber aos 16 anos. Meu pai tinha um comércio, e na época há 16 anos, nós trabalhávamos todos juntos e tinha um barril de pinga no fundo do armazém. Então meu pai ia lá beber e eu bebia um golinho, sabe aquela para começar ser igual a ele, sei lá o que eu queria ser, mas eu era muito chegado nele né? Trabalhávamos todos juntos, gostava muito dele, então tudo que ele fazia eu...éhh...imóveis, tudo assim ele me levava, tal. E comecei a ir com os amigos no final de semana e tal, usei droga também, né? A maconha que estimulou a beber cerveja. Aí era final de semana festa, tudo isso me levou a bebida, mas com moderação até certo ponto, aí normalmente bebia todo dia quase viu. A droga era mais esporádica, final de semana, no começo. Nesses últimos anos foi de manhã até a noite, na hora do almoço, de manhã quando levantava, acordava a noite e bebia nesses últimos 5 anos era bebida direto, dava tremor, então bebia para passar.

3ª) Como você se sente quando bebe?

Eu esqueço minha dor, sei lá. Tudo que me leva a fazer isso é sempre que eu tenho alguma coisa ou é um ressentimento. As minhas separações das minhas mulheres, eu ocasionei muita dor para elas, sofrimento na vida delas, né? Algumas eu estraguei a vida delas, assim em termos de não dar sossego para elas. Eu só pensava em mim né? eu não pensava nelas e no momento que eu fiquei só, aumentei a dose para esquecer. Aquilo lá fazia eu tirar essa dor que vinha no meu peito, é uma dor seca, né? O relacionamento estourado, né? de novo sozinho, entendeu? E, mais assim, foi gradualmente aumentando né? E o alcoolismo foi atingindo uma parte da minha vida que não foi nem a dor mais, era a necessidade para minha vida. Eu me sinto bem, parece que eu to sobre o efeito da minha necessidade, eu entendo de jogo de futebol, eu entendo de política, eu entendo de tudo que você quiser. Na realidade é a bebida que me faz soltar isso aí, entende? É uma auto-estima boa. Egocentrismo, né?

4ª) Você sente desejo em parar de beber?

Sim. Eu sinto muito desejo, tanto é que a necessidade minha de ser internado eu é que optei por ela, né? Porque minha vida tava incontrolável, né? Eu não tinha mais emprego. Eu tinha emprego, todo mundo queria que eu trabalhasse, eu sou um bom profissional, sou torneiro mecânico, sou serralheiro, só que tentaram me levar a psicólogo em psiquiatria, os meus patrões né? Só que eu não via à hora, quando entrava no meu serviço eu não via à hora de chegar o almoço, porque eu arrumava mil desculpas para eu sair antes do almoço até ou antes do serviço para não voltar a trabalhar no dia, com atestado médico, com tudo, entendeu, para beber. Não podia ter um vale na mão, um dinheiro não mão. O desejo, ele veio, no momento que eu vi eu tava perdendo para ela (bebida), né? Eu vi que minha saúde estava em jogo, eu tinha emagrecido muito, eu fui dor sangue deu Hepatite C. Eu peguei acho de uma prostituta de alguma coisa, eu nunca usei droga injetável, né? Tinha relacionamento com pessoas menstruadas tal, né? E o médico me passou isso, pode ser isso aí, né? Doação de sangue não foi, droga injetável não foi, então foi isso aí então. Eu fui num médico em Campinas do fígado, meu fígado tava dilatado já bem dilatada e a única opção que ele me deu era parar de beber e eu não parei, não conseguia parar de beber, não é que parei, eu não conseguia parar. Então eu tive que, o desejo ele veio várias vezes, igual veio agora, esse tratamento que estou fazendo, né? Apareceu desejo agora na realidade, eu vi que eu tava num ponto ruim. E eu fiz o primeiro tratamento de sete meses, e quando saí o desejo de beber voltou, entendeu. Eu tava com desejo de parar, não queria mais beber, mas quando saí na rua eu não agüentei, eu bebi na primeira internação. Aí me deram mais seis meses, aí eu não agüentei, saí, fui embora, aí fiquei oito meses na rua bebendo, tenho minha casa, mas como jogado, né? Minha família não me queria mais, minha esposa tinha ido embora, minha filha tinha ido embora e a onde eu entrava eu, era um saco, entendeu. Minha família não tinha mais aquela conversa, né?

5ª) Como o álcool alterou sua vida?

Como o álcool alterou minha vida! O álcool destruiu minha vida, né? Eu tinha dinheiro, eu tinha carro, tinha moto, minha parte espiritual, retirou meus valores, a minha honestidade, a minha auto-estima, entrei para o lado do desleixo, né? Minha casa era uma bagunça, minha cama eu não arrumava, minha roupa era suja, eu não comia direito eu não jantava direito eu não tinha fome, entendeu? Eu não levantava de manhã e tomava café, eu levantava tomava pinga. Aí alterou minha vida familiar e tanto pessoal como social.

6ª) Como é a convivência com o álcool?

A convivência com o álcool ela foi boa num ponto até o ponto que não me atrapalhava. Eu gosto de beber, né? Eu aprendi a beber e eu não me via sem a bebida. Era uma paixão para mim, era um amor. Eu trocava minha mulher pela bebida. Então eu fazia dela minha paixão, né? Só que ela (bebida) me alterava, né? Mudava meu humor, mudava meu estilo de vida, ela mudava minha vida. Ela mudou tudo na minha vida, ela me levou para baixo, quanto mais alto ela me levou, mais para baixo eu ficava, né? Como eu conheço o álcool, ele foi até um certo ponto bom e ultimamente eu tava me arrasando.

7ª) Você tem alguma orientação religiosa?

Eu sou católico. Minha família era católica.

8ª) O quanto espiritual você se considera?

Bom, Junior, aqui a parte espiritual tem uma diferença, religiosidade e espiritualidade. A religiosidade é um dogma que eu quero seguir, eu sigo a igreja católica. A espiritualidade aqui, com o que a gente trabalha aqui é buscar valores né? Buscar valores, valores que foram perdidos, né? E readquirir valores. Hoje eu



acredito que minha parte espiritual ela está andando numa forma que eu to trabalhando ela, entendeu? Em mim principalmente, eu era desonesto demais, eu roubava, eu não roubava por fora, roubava a minha família, né? Hã é o pior para mim ver isso. Eu não fui nem homem para ser ladrão lá fora, né? Roubava o que tava mais fácil para mim. Então hoje eu vejo tudo isso que eu passei, que eu fiz para os outros, entendeu? E hoje eu to readquirindo isso aí, minha auto-estima, minha boa vontade, minha honestidade, minha mente aberta, né? Hoje eu trabalho em cima disso aí, entendeu? Respeito às pessoas coisa que eu não fazia, não tava nem aí se você estava preocupado, se tava duro, se estava querendo alguma coisa. Eu passava por cima de você sem querer saber como eu ia deixar você. Não olhava p/trás, o principal para mim que eu acredito é a honestidade hoje, sem honestidade não vai adiantar nada. Não adianta, eu ta aqui dentro hoje em tratamento de alcoolismo se eu não for honesto comigo mesmo, né? Se eu sair lá fora, perder todo esse tempo e voltar a beber álcool de novo, que eu já fiz várias vezes. Eu participo da espiritualidade hoje aqui dentro, né? Eu me entrego totalmente para ela, ajoelho no chão, a parte espiritual que eu falo é aqui dentro, é uma busca de valores, busca de valor também eu tento resgatar porque eu, é difícil falar de honestidade o tempo todo, mas hoje eu vejo uma coisa errada eu não sou omissos, né? Se eu vejo que posso ajudar a pessoa, se eu posso ajudar essa pessoa falando a verdade, não posso ir do lado dela mentindo para ela. Aqui dentro tudo que é omissos é errado, né? Se eu der um cigarro para o companheiro eu to errado, to sendo omissos. Não é sugerido fazer isso aí. Se eu comer uma fruta fora do horário, são pequenas coisas que eu posso tropeçar, entendeu?

9ª) Você participa de práticas religiosas (rezas, missas, cultos)?

Sim. Participei de muitas missas. Sempre fui católico, sempre fui a igreja. Ultimamente não estava indo em lugar nenhum, só no bar. O bar virou a minha igreja, o bar era minha igreja, era minha casa, eu me sentia bem lá.

10ª) Você participa de práticas espirituais aqui no Instituto?

Aqui práticas espirituais ela é colocada como princípios espirituais. Honestidade, mente aberta e boa vontade. No geral, o grupo me faz refletir muito sobre tudo, entendeu? Porque quando eu sair lá fora, mesmo escondido, essa última vez que estava trabalhando na santa casa, que eu estava trabalhando na santa casa, entendeu? que tinham acabado de me chamar porque eu conheço o programa, entendeu? Eu participei muito de reuniões, de confrontos e eu tinha as folgas minhas, né? Tinha folgas alternadas, cada quinze dias, cinco dias de folga, e nesses cinco dias de folga, um desses dias que foi o último que eu recaí, né? Eu bebi, a consciência pesou, entendeu. Eu não consegui, eu podia não ter bebido, comido, dormido, tomado banho e voltado para cá e não ter falado nada para ninguém. Tudo isso é conversado no grupo de espiritualidade. O programa pede que você, faz com que você reflita e seja honesto. Porque se eu for desonesto eu vou fazer tudo. Se der certo dessa vez, na outra folga eu ia fazer a mesma coisa.

11ª) O que seria a espiritualidade para você?

Seria um conjunto de valores. Honestidade, humildade, mente aberta, boa vontade, respeito, tudo ao contrário do que eu fui, né? Tudo que eu era quando o álcool fazia ser, entendeu. Tudo o que um ser humano deve fazer perante uma sociedade, conseguir viver numa sociedade, um conjunto de valores, né?

12ª) O grupo de espiritualidade está ajudando você a perceber outro caminho em sua vida?

E se está. Está ajudando. Está me ajudando a perceber a resgatar a minha vida de volta, né? Está me ajudando a voltar a conseguir viver numa sociedade, ajudando a

ter um bom salário um emprego digno, respeitando o empregador, como os funcionários, entendeu. Sabendo que o empregador tem os problemas dele. Eu trabalhava antes se eu fosse mandado embora, a primeira coisa que eu ia fazer era procurar um sindicato para prejudicar o empregador. Então, hoje o respeito tem que ser dos dois lados, tanto do empregador tanto do empregado, mais do empregado, da pessoa que está trabalhando. Ela está me trazendo paz, ela está me trazendo assim, eu consigo hoje acordar bem, posso tomar um café da manhã bom, posso conversar com você. Eu posso conversar com qualquer pessoa hoje, entendeu? Posso olhar para minha família e dar um bom dia para eles, mesmo não morando com eles mais. Hoje eles me olham com outros olhos. Coisa que eu não tinha mais na minha vida. Eu tava sozinho no mundo, as pessoas se cansavam de mim, né? Então, a espiritualidade ela vem me trazendo isso aí, o respeito, ela vem me ensinando a respeitar ser respeitado, eu to buscando isso. Não vou dizer que ficar internado aqui é a melhor coisa do mundo, para mim está sendo uma melhor porque do jeito que eu tava não ia conseguir viver mais, entendeu? Então, eu conheci a espiritualidade aqui dentro, o que posso falar dela hoje é isso aí, entendeu? Até o ponto que sei dela, o ponto que eu aprendi aqui dentro é isso aí, um conjunto de valores, readquirir os meus valores, né? Estou conseguindo começar tudo de novo, eu tinha perdido, né? Vou dar um exemplo: se perde as medidas, se fosse algum tempo atrás, eu teria arrebatado todo meu dinheiro. A minha compulsividade, minha obsessão, não deixava guardar, tinha torrado tudo. Hoje, paro e penso, né? Não são assim as coisas, né? Não morri ainda, eu vou ter que saber o que vou fazer com isso, entendeu. Não jogar fora, né?

13<sup>a</sup>) Você gostaria de falar algo a mais a respeito deste assunto?

Olha, Junior, eu, assim, hoje, eu agradeço a todos que possam me ajudar, entendeu? Eu sempre preciso de ajuda. Eu sou uma pessoa que a minha vida inteira precisarei de ajuda. Eu nunca vou conseguir sozinho viver. Só por hoje, nunca mais. Só por hoje, nunca mais eu não quero beber, entendeu? Só por hoje, nunca mais. Eu vivo só por hoje. Só por hoje eu to aqui com você, amanhã eu não sei. Hoje é o grande dia para mim morrer, amanhã eu não sei se vou morrer, entendeu? E é isso, to correndo atrás da minha vida, né? Resgatar a minha vida de volta. O que eu achava que estava tudo perdido, né? Existe valor no fundo do túnel, e deu tempo ainda de eu acordar. O álcool realmente ele me arrasou, né? Aqui a gente comenta como um norte na vida, que está dando certo, porque eu vou desviar. Então eu vou lá no caminho que está dando certo para mim, né? No momento que eu desviar de novo, então para mim não cometer erros no meu presente, hoje vou sempre lembrar o que fiz no meu passado. Sempre resgatando ele para não errar, porque se errar eu não sei se vou ter uma outra chance, né?

Sujeito F

1<sup>a</sup>) Há quanto tempo você usa a bebida de forma descontrolada?

A bebida em si eu uso dos 22 anos, eu tenho 50 anos. Aos 20 anos fui internado na Clínica do Padre Aroldo em Campinas, uma clínica que não é evangélica, é católica. Aí Graças a Deus, lá eu vi que foi Deus que me tirou do uso. Eu saí de lá e comecei a tomar uma cervejinha, pouca. Até então eu não era um adito em alcoolismo, né? Mas depois que eu parei de usar a maconha eu aumentei a dosagem da bebida, de uns 22 anos para cá. Só que no começo era, cerveja, camparizinho e tal, mas aí foi. Eu já caí na cachaça, tomava pinga pura, né? Até então o dinheiro não dava, que um campari é caro, a dose do campari é cara, a cerveja é cara, a situação não permitia, então comecei entrar na cachaça que é mais barato, né? E comecei

umentar cada vez mais, uns 26 anos, descontroladamente.

2ª) O que levou você a começar a beber?

O que foi que me levou a começar a beber! Eu não tinha pensado nisso, já me perguntaram essa pergunta. Já tive várias internações psiquiátricas, já tive três internações, que eu acho que Hospital Psiquiátrico, para mim não é lugar para adito, eu acho. Você sabe que eu não sei. Na minha família, alcoólatra lá, só eu. Meu pai não bebe, minha mãe, que deus a tenha, nunca usou nada, meus irmãos não, a minha irmã foi virar alcoólatra depois de mim, viu? Depois de mim que ela virou uma alcoólatra, minha irmã mais velha. Até então eu não sei o que me levou a bebida. Acho que eu bebia porque eu gostava, né? Acho que substituí a bebida pela maconha. A maconha pela bebida. Eu larguei da maconha e só bebia, eu troquei um vício pelo outro.

3ª) Como você se sente quando bebe?

Euforia, sei lá. Eu esqueço os problemas. Às vezes tem um problema, é uma dívida para pagar por exemplo. Eu procuro a bebida para esquecer aquela dívida, uma briga com a mulher, ficava nervoso bebia para me controlar, entendeu? Tudo isso leva eu a, levava eu a bebida né? A gente pensa que leva né? Mas na verdade piora a situação. Se tem uma dívida, vai beber para esquecer a dívida, no outro dia você amanhece mais endividado com o bar e com a dívida e de ressaca.

4ª) Você sente desejo em parar de beber?

Enorme. Meu desejo é enorme de parar de beber. Meu sonho é parar de beber, é por mim, por mim, por mim, e pela minha mulher e minha filha, também. Mas eu estou aqui para me tratar porque como eu vou cuidar de minha família, de minha esposa, de minha filha do jeito que eu to, não tem jeito.

5ª) Como o álcool alterou sua vida?

Bagunçou minha vida, se quer dizer, né? Ah, tudo bagunçou minha vida totalmente. Emprego, eu não parava em emprego nenhum. Eu tenho três carteiras profissionais, toda suja, parece um pau de galinheiro. Perdi o convívio com meus irmãos, entendeu? Meu pai separou da minha mãe, meus irmãos ainda acham que eu sou sem vergonha. Minha mãe passava a mão na minha cabeça e meu pai falava o contrário esse aí você não pode ficar passando a mão. Hoje eu acho que meu pai tava certo. Se minha mãe fosse durona comigo, não tivesse passado a mão na minha cabeça, creio eu que seria diferente, mas não dá para voltar atrás. E outra, se eu não tivesse bebido eu hoje teria é, meu sonho é ter um carro, até hoje nem carta eu tenho, porque não sobra nem dinheiro para tirar carta. Como você vai ter um carro se nem dinheiro para carta você tem. Tudo que você pensa a bebida atrapalha, tudo que eu penso a bebida atrapalha, tudo, tudo, tudo. Tanta coisa, o sonho da minha esposa é conhecer uma praia, faz 20 anos que estou casado, minha filha tem 16 anos, nunca levei numa praia, por que? Porque nunca sobrou dinheiro, o dinheiro que sobrava, até então é contadinho ali, o que sobrava ia para o bar. Então não dava, não dava para ser feliz com a bebida.

6ª) Como é a convivência com o álcool?

Bem, quando eu estava alcoolizado, eu estava bem, ia no bar com os amigos, tal, conversava, jogava bilhar entendeu? Tava bem. Mas só que eu, a esposa falava, você é egoísta. Ela tinha razão, porque eu só pensava em mim. Eu estava bem lá no bar, divertindo, quer dizer, divertindo entre aspas, eu tava ali me destruindo né? Destruindo-me e não sabia só que estava destruindo quem eu mais amava, que é minha mulher e minha filha. Eu estava ali no bar, à convivência minha com o álcool era maravilhosa. Eu adorava a bebida, o álcool subia na cabeça e pronto você, né? Deixava de comprar coisas para casa, mas para cachaça você tinha dinheiro. A

convivência minha era assim com o álcool.

7ª) Você tem alguma orientação religiosa?

Boa pergunta. Eu, eu sempre falo que sou católico, mas na verdade eu não tenho religião nenhuma. Fui batizado na igreja católica. Digo o dia a dia meu, né? Acabou, eu só vou na igreja no casamento para ir na festa beber, para ir na festa e encher a cara. Até então não procuro uma missa, um culto, né? Quando eu estou na ativa, quando eu estava na ativa lá fora, mas, porém, eu tenho muita fé em Deus. Um poder superior. Tenho muita fé em Deus, sem ele a gente não é nada. O que a gente pede no programa aqui, a gente faz parte.

8ª) O quanto espiritual você se considera?

Ah, olha, você sabe que eu só tenho fé em Deus, eu peço a ele para me libertar, inclusive esta nos 12 passos. É um poder superior, que a gente se apega a um poder superior, a deus né? que é o poder maior. Eu me apego com ele porque sem ele acho que eu não sou ninguém, mas quando a gente está de ressaca a gente chamava ele, Deus, tira eu disso.

9ª) Você participa de práticas religiosas (rezas, missas, cultos)?

Já. A minha mulher quando estava na igreja quadrangular, então ela me arrastava lá dentro, né? Às vezes eu ia até por querer, por eu querer ir mesmo, mas muito pouco.

10ª) Você participa das práticas espirituais aqui do instituto?

Participo e gosto. Espiritualidade, né? De manhã a primeira, eu me entrego o dia nas mãos de Deus, que ele confere maravilhas e tal, e não peço só para mim, peço para melhorar lá em casa, minha mulher e minha filha também né? Se Deus quiser quero voltar com elas, quero dar sequência, né? desse tratamento lá fora, até com a espiritualidade, entendeu? Não quero por um Deus na minha vida não só nos momentos difíceis. Eu só acreditava nele, mas eu quero dar sequência.

11ª) O que seria a espiritualidade para você?

Espiritualidade. Acreditar no poder superior.

12ª) O grupo de espiritualidade está ajudando você a perceber um outro caminho em sua vida?

Está. Sabe que eu sou uma pessoa muito nervosa, entendeu? Qualquer coisa me deixa nervoso e até então aqui a gente faz a labor terapia, o grupo de espiritualidade. Eu não gostava de ser mandado, a pessoa falar, faz isso, faz aquilo, eu não gostava eu não ficava ouvindo, então eles falam faz isso certo, faz outra coisa, eu me entrego de manhã o meu dia no tratamento, ponho o dia em Suas mãos, então acho que o grupo está me dando essa serenidade sabe, eu acho, não, tenho certeza que está fluindo uma serenidade, uma calma, para lidar com o dia a dia, tanto em situações difíceis como as mais fáceis, entendeu? Não pense que é mil maravilha ficar aqui, aqui você ficar vinte e quatro horas sem parar, se acaba de fazer uma coisa e logo vai fazer outra e outra, mas isso eu gosto de fazer. Se eu tivesse lá fora não tava gostando de fazer o que estou fazendo aqui, essa calma, serenidade, entendeu? Um interesse. Está despertando um interesse para tudo que faz parte do programa, é a labor terapia, entendeu? O grupo espiritual, as normas da clínica. Ir dando continuidade na missa, mas até agora não sei dizer a você se eu vou continuar. Eu não sei qual a denominação que vou seguir, se é a católica ou se é a quadrangular. Até então penso eu que placa de igreja não vai caso. Deus está em todas e ele está em todas. É, tenho comigo, placa de igreja é placa, lá dentro do condomínio tem uma capela, está dentro sim, até quando eu estava na ativa porque eu, eu tenho no meu quarto uma imagem de nossa senhora aparecida, desse tamanho, grandona. Eu tenho fé na nossa senhora aparecida, agora, bom, eu acredito na Nossa Senhora Aparecida. Lá fora eu era acostumado, pegava a bíblia,

fazem vinte anos que tenho a bíblia, eu gosto de ler a bíblia, eu gosto de ler a palavra, mesmo quando eu estava na ativa, não entendo a palavra de cabo a rabo, mas certas coisas se vovocê perguntar da bíblia eu sei responder. Então, se eu fosse um cara que não estava nem aí para meu poder superior que é Deus, eu não tinha uma bíblia em casa, não lia ela todo dia, eu não via ela, né? Então creio eu que ele está dentro de mim. Todas as coisas que eu pedi para ele mesmo lá na ativa ele sempre me deu. Eu sinto que Ele me ouvia, sabe. Eu pedia com fervor. Há vezes estava sem emprego, família para tratar, aluguel para pagar, eu estava desempregado, eu ajoelhava e pedia a Ele. Quer dizer, Ele faz dentro de mim, Ele sempre teve dentro de mim, né? Aflorando, quer dizer, eu já trago lá de fora e aqui tá sendo muito forte, sabe uma coisa forte, eu não sei explicar, sabe como uma rosa desabrochando, sabe? Uma rosa desabrochando, tipo assim, eu estou, acho que é o despertar espiritual. Além da espiritualidade quando eu oro lá, eu deito na minha cama, oro, peço a Deus, além de orar de manhã e a noite a gente sobe as 9 horas, eu deito na minha cama, oro, peço a Deus, peço a Deus que me de uma noite de descanso, né? Oro pela minha filha e esposa que estão longe de mim, mas estão felizes por eu estar aqui dentro, entendeu? E agradeço o que Ele tem feito por mim, por Ele ter me trazido até aqui, né? Porque Deus põe as pessoas no nosso caminho, se eu to aqui hoje é porque Deus colocou isso no meu caminho. É Ele quem põe a espiritualidade no meu caminho para eu chegar até aqui. Se é só eu não teria chegado até aqui, Ele me usa, creio que Ele usa um homem, uma mulher, um amigo, um parente para você chegar até aqui. Até então não conhecia esse lugar, entendeu? É isso que eu acredito nele.

13ª) Você gostaria de falar algo mais a respeito deste assunto?

Gostaria. Eu gostaria de voltar na minha vida quando eu estive internado na fazenda do Padre Aroldo, que lá era oração e trabalho. Até então eu larguei da droga, agora eu tenho certeza que foi isso que me ajudou, porque lá a gente se apegava muito com Deus. Então eu fiquei nove meses internado lá, né? Labor terapia e oração, muito eu creio que foi esse poder superior que me tirou a droga e tenho muita fé que Ele vai me tirar esse álcool que eu estou hoje. Se Ele pôde tirar lá atrás da minha vida quando tinha 22 anos, porque Ele não pode tirar meu álcool? Eu acho, acho não, eu tenho certeza que Ele pode tirar, porque a Deus nada é impossível. Eu posso por a certeza que Ele pode me tirar. Deus não faz as coisas pela metade. Os passos, os 12 passos, certo. Até então o 2º passo é, consentimos entregar nossa vida aos cuidados de Deus. Deu um branco. O 2º passo fala muito sobre Deus, porque você precisa entregar sua vida aos cuidados dele, então é por isso que eu estou, p/ mim Deus é maravilhoso. Eu quero me tratar para eu tratar elas, para cuidar delas. Porque se eu não me cuidar, como eu vou cuidar delas. Então eu peço muito a Deus que ele faça essa obra em mim, entendeu? Por completo. Eu permito e Ele vai permitir que eu vou estar no seio da minha família de cabeça erguida, né?

Sujeito G

1ª) Há quanto tempo você usa a bebida de forma descontrolada?

Uns cinco meses. Não é freqüente, todo dia, toda hora, mais de três meses para cá, desequilíbrio total. Essa é a primeira internação.

2ª) O que levou você a começar a beber?

O que me levou a começar a beber, quando tinha cinco anos de idade meu pai levava eu no bar junto com ele e ele tomava um trago e deixava um pouquinho no fundo para mim, já no primeiro gole eu gostei. Era cachaça, cachaça pura. Eu gostei de ter tomado aquele golinho. Quando ele ia ao bar eu já gostava de ir junto com

ele, eu tomava aquele golinho. Aí, após os cinco anos, aos sete anos eu comecei a trabalhar junto com ele, ajudando ele e ele tinha sempre uma garrafinha, na hora do almoço ele me dava uma dose, já não era mais aquele pouquinho e assim, o tempo que trabalhei junto com ele foi até em média, onze anos de idade eu ajudava ele no serviço que ele trabalhava, então eu tomava só com ele. Enquanto tinha também umas festas de quermesse, festa de reza de terço, quentão eu aproveitava, pegava o que é bom para valer. Ia para casa e sumia, zonzinho. Eu gostava disso e fiz amizade com um colega e esse colega trabalhava com o pai dele e ganhava um bom dinheiro e eu já não ganhava quase e com esse colega nos íamos na quermesse para festas e lá bebíamos cerveja a vontade que ele pagava tudo. Foi em torno do pai, sempre, 24 horas com ele, e ele bebia e eu aprendi com ele. Aos dezenove anos de idade, vinte anos eu vi, porque aos vinte anos eu já gastava todo meu dinheiro com bebida. Bebidas, bebidas. Experimentei drogas mais não gostei, não gostei, eu gostei do álcool. O álcool era a minha droga predileta e ali aos vinte anos de idade, então eu vi que o caminho que eu estava tomando era um caminho errado, não era um caminho bom, e veio um desejo de constituir família e ter filhos, pedi ajuda à Deus, quero ter um lar e não quero seguir esse caminho que estou seguindo, porque eu vi que o caminho que eu estava tava comendo todo meu salário. Corria alguns riscos também. Briga, acidentes, com os colegas de carro. Eu comecei ver que aquilo já estava me incomodando. Porque até a idade dos 20 anos só tinha prazeres, só avia festas e alegrias e algumas ressacas; a gente procurava curar elas. Mas ela não me dava dor e sofrimento, assim, em termos de mesmo desespero, houve épocas que eu não conseguia dormir sem o álcool.

3ª) Como você se sente quando bebe?

Eu sinto que apaga aquela turbulência que me toma, aquele pesar que me toma, apaga eu esqueço. Esqueço aquela mágoa, esqueço sentimento, aquela raiva apaga e parece que equilibra minhas emoções, porém, porém às vezes eu tomo com lágrimas, porque eu sei que deixo minha esposa chorando e meus filhos que me amam e que eu os amo também, e que olham para mim e dizem: cadê meu pai maravilhoso, cadê o meu pai espiritual e minha esposa diz: quando vou ter meu marido de volta (chora). Isso dói dentro de mim em vê-los chorar, porque eu os amo e eles também me amam, mas não tendo controle de minhas emoções e quando tomava o álcool havia um controle de emoções, havia um equilíbrio de emoções.

4ª) Você sente desejo em parar de beber?

Eu não sinto desejo, eu necessito. Eu necessito.

5ª) Como o álcool alterou sua vida?

Ele atrapalhou minha história, atrapalhou meu crescimento espiritual, meu crescimento social, meu crescimento familiar e pessoal, me destruiu. Não destruiu totalmente porque havia dentro de mim uma esperança de um dia Deus usar um meio, um método que viesse trazer a mim minha libertação. Eu não perdi as esperanças.

6ª) Como é a convivência com o álcool?

A convivência com o álcool é, a minha convivência com ele é que eu procurava ingerir ele não abertamente, ocultamente da família, da sociedade, ia em ambientes que ninguém me conheça, mas ultimamente perdeu totalmente esse controle, já comecei a ingerir em lugares que conhece, públicos. Isso me arrasava mais, porque eu não queria ser estragado. Eu não queria, mas eu estava lá em lugares públicos e pessoas que eu não queria que me vissem me viam, isso arrasou mais comigo ainda. Comecei a ficar aborrecido comigo mais ainda, aí eu teria que ingerir mais para fugir de mim mesmo, comecei fugir de mim mesmo. Já o álcool para mim era

para fugir de mim mesmo, já não era mais só para as turbulências. É o final, isso é o final. Tinha sentimentos de culpas. Estava querendo mostrar para mim que Deus me abandonou. Eu ingeria álcool para fugir dos sentimentos de vulções que eu tinha, para fugir de mim mesmo.

7ª) Você tem alguma orientação religiosa?

Sim. Congregação Cristã do Brasil.

8ª) O quanto espiritual você se considera?

Eu me considero ainda como um bebê que engatinha, e que não entendeu, não compreendeu.

9ª) Você participa de práticas religiosas (rezas, missas, cultos)?

Sim, cultos.

10ª) Você participa de práticas espirituais aqui no instituto?

Estou buscando compreender e entender o programa, porque eu vi que funciona, eu vi que funciona porque to vendo pessoas aqui dentro que transmite a mim uma sinceridade tão grande, já estão a 4 quatro, cinco, seis meses, eu vi que dentro deles estão adquirindo uma força maravilhosa, uma compreensão, um entendimento da sua doença. Eu compreendi que a doença adição que me levava ao álcool e que levaram eles também. É uma doença. Vendo isso eu to vendo que o programa ele é espiritual. Em mim desde o primeiro dia comecei a enxergar algo espiritual no programa e que começou a fazer bem para mim, mas hoje quase 4 meses, mas por situações exteriores que me chegou através de carta e que alguém aqui que se diz espiritual, os que estão em recuperação, eu na minha simplicidade de me abrir com eles, mas eu vi que o entendimento deles e com o que veio de fora com a carta, me turba, me machuca, me fere, me faz com que eu fique turbado, mas hoje assistir uma reunião é como que o conselheiro tivesse sabendo o que tava acontecendo comigo, e o que foi lido no programa do A.A, era como se, foi lido ali na meditação do dia. Meditação e oração, como se a oração soubesse o que estava acontecendo comigo e o que saiu do conselheiro também veio direto para mim, mesmo. Eu estou vendo que é espiritual e q Deus está por trás disso tudo.

11ª) O que seria a espiritualidade para você?

A espiritualidade que eu compreendo e estou entendendo hoje no programa, que tenho que admitir minha impotência, e eu tenho que compreender a necessidade de ter um ser superior maior que eu, para recuperar minha sanidade e tomar uma decisão de entregar minhas vontades e a minha vida a esse Deus. É isso que o programa trás. Tenho que me entregar a Deus mesmo. Tenho que me entregar totalmente. Espiritualidade para mim, como eu a compreendo, a minha forma de entender, seria essas três coisas, a prática dessas três coisas, admitir, necessidade de um ser maior do que eu e a decisão de entrega. Entrega total, ainda a necessidade de pedir ajuda também.

12ª) O grupo de espiritualidade está ajudando você a descobrir outro caminho em sua vida?

Paz. O caminho da recuperação. Minha recuperação do desequilíbrio, mental, espiritual, o caminho do equilíbrio das emoções. Não estou ainda equilibrado, mas achei um caminho. Eu vejo que sou eu que ganho. Perdi o equilíbrio das emoções por isso me refugiei no álcool.

13ª) Gostaria de falar algo mais a respeito deste assunto?

O que eu tinha já falei. Nada mais.

Sujeito H

1ª) Há quanto tempo você usa a bebida de forma descontrolada?

Descontrolada já fazem um ano e meio.

2ª) O que levou você a começar a beber?

Sabe, eu sempre fui um cara assim, autoritário, sempre fiz o que eu queria, eu achava, por exemplo, que a bebida era uma fuga em relação, vamos dizer, de viver sozinho, sabe. Chega uma hora que cansa, sempre estava sozinho, então tá, ninguém necessita de minha presença, por exemplo, meus filhos já estão bem todos bem de vida, não depende financeiramente de mim, nada. Falei agora vou beber e divertir. Eu sempre fui esse pexinho louco, sempre fui atrás de menininha, só que isso já tava esgotando, sabe quando tudo esgota, o tempo esgota. Então comecei a beber, como sei lá, vazão de toda essa circulação, vamos dizer, que eu passei na minha vida, né? Então falei, vamos beber, e é um refresco, a bebida acalma, ao mesmo tempo você extravasa muita coisa, correto? Então eu tinha uma dificuldade muito grande, eu sempre fui um cara inteligente, contato com pessoas assim de um nível baixo eu não podia falar mais, eu não consigo me comunicar com qualquer um, sabe, tem que ter um certo nível de cultura de conhecimento, com relação a isso comecei a beber e vamos dizer, cada vez mais isolado, né? Isolei-me dos meus amigos, que realmente sempre foram meus amigos, coisa que não deveria ter feito, sempre eles forma os que me ajudaram, eu é que no final poderia ter me ajudado, em questão eu poderia ter já procurado minha cura, certo. Mas a gente só procura ajuda quando a água bate na bunda, certo? Foi o que aconteceu comigo. Eu cheguei à exaustão da bebida, né? Eu quase morri, cheguei a um estado que minha barriga estava num tamanho, começou a inchar de uma ora para outra, já estava com o umbigo para fora até que o especialista falou, mas uns três dias que você continuasse a beber, você faria uma falência dupla dos órgãos, está certo, porque tem uma cirrose, aí eles me trataram apenas com remédio, não fizeram drenagem, porque era perigoso, mas disseram que dependeria só de mim pelas consequências que tive, ou seja, não beber mais.

3ª) Como você se sente quando bebe?

Bem. Quando eu bebia, né? Sentia-me bem, até as dores sumiam, as dores nas pernas, você se sentia bem, é, vamos dizer, eufórico, você conversava mais, até essa opção que você tem de ficar se isolando, você se esquece um pouco, né? em relação a bebida, que a bebida é um negócio interessante de, eu acho que é a pior droga pelo conhecimento que tenho através das outras. A pior droga é a bebida, porque além de ser lícita ela incentiva, o organismo começa a absorver ela e, vamos dizer, o efeito vai ficando cada vez menor. Então você tem que beber mais e mais e não chega ao fim, entendeu? Tinha a sensação de euforia, sabe, então, até que passa a sentir mal aí que foi a consciência. aí parei de beber, também posso ser tudo, mas burro não, a ponto de me matar.

4ª) Você sente desejo em parar de beber?

Ah, sim, sem dúvida nenhuma já parei. Olha, o conhecimento da minha pessoa que eu tenho, eu não volto mais a beber, primeiro que eu sei que além do resultado que vai ser eu morro. Eu tenho hepatite crônica C. Meu fígado já não funciona mais, estou a base de remédio, tomo remédio para poder me manter vivo. Tenho que parar de beber, sem dúvida nenhuma. Só que eu acho que já não tem mais importância na minha vida, pelo contrário.

5ª) Como o álcool alterou sua vida?

Ah, ela mexeu até mais do que com a droga. Mas a bebida, o álcool, ele transparece muito, você acaba, vamos dizer, além de você viver no meio da sociedade em si, vamos dizer, você vai parar num bar, num boteco, pessoas de baixo nível, você se relaciona com pessoas de outro nível e da uma frustração fudida depois. Para mim



foi uma frustração, saber que eu caí numa decadência tão grande assim, né? ta certo, coisa que em relação a droga, não porque são outros tipos de pessoas, né? A bebida em si para mim foi muito prejudicial, ela me acabou, me arrasou, vamos dizer assim, separou da sociedade, dos meus amigos, certo? Eu já não ligava mais, eu não ficava mais com eles porque já tava exagerando na bebida, coisa que não convinha com o meio que eu sempre vivi. A bebida mesmo é que tomou conta de mim, acabou comigo.

6ª) Como é a convivência com o álcool?

Olha, ela, você tem uma dependência tão grande dela, sem ela você não vive. Você acorda pensando nela, tudo que você faz você pensa nela. Se você está com dor de cabeça, você fala, vou beber que daí passa. Se estou com uma dor na perna, bebia, passa, qualquer coisa era a bebida. Então o raciocínio seu automaticamente já girava em torno do álcool. Você tinha que ter o álcool no seu organismo para poder encarar a coisa, quer dizer, é, você chegava no bar, dá uma para mim que senão afirmar, então, quer dizer, desculpa de bêbado, né? Afirmar, que é isso. Você vai é beber mesmo aí começava com uma e terminava trinta a quarenta doses por dia. Eu cheguei ao exagero, bebia desde as 5:30 horas da manhã e parava 2 horas da manhã, vamos dizer assim, numa quinta-feira, eu conheço todo mundo, então você ficava bebendo, bebendo, bebendo, você não pode parar de tudo, você tem é que beber. E você começa a substituir até comida, porque nem comer você come mais, né? em relação a isso. É o álcool, ele tira a dor da perna, estou com gripe, toma conhaque, aí você tomava. Aí fazia mal com limão, aí você já falava, então vou tomar pinga e se fosse cerveja seria melhor, mas aí tinha que beber muito mais, você vai atrás da reação que ela te dá, né? O efeito, o efeito dela é realmente bravo, bravo assim, em relação que eu digo, porque ela mexe psicologicamente com você, tira seu, vamos dizer assim, sua autonomia em relação a si próprio, né? Então você não tem mais controle, pode-se dizer que você é controlado pela bebida, nada mais importa para você do que a bebida. Você esquece da sua família, é. Em relação a sua família você já tem vergonha de aparecer, porque a bebida transparece muito, certo. Minha mãe desde que era adolescente chegava no portão ela falava, você bebeu, é uma coisa lógica, acabou tudo, a relação com a vida não tinha mais, então eu tinha que conviver naquele mundo mesmo que é dos bêbados mesmo. E eu me relacionava bem e pelo contrário, eu era um cara importante, entendia, parecia o conselheiro do bar, né? Quem precisava de algo diziam, o pexinho conhece tudo, fala com ele que ele entende, tudo era eu. E o álcool, tem um grande problema, né? você não precisa ter dinheiro para ficar bêbado. Todo mundo que você nunca viu na sua vida aparece no bar, lá, e se não tiver ninguém, só está você lá, oi tudo bem, vamos tomar uma, vem, não, não, obrigado, vem, toma aí, toma aí, da uma para ele aí, ele paga para você, faz questão, porque ele também não consegue beber sozinho, tem que ter uma companhia. Você acaba bebendo junto com ele e quando você vê, já ta embalado, você vai bebendo mais, vai bebendo mais, sai fora do controle, como falei a você, o controle alcoólico é fôda, ele vai corroendo seu cérebro porque sobe mais do que a própria droga - maconha, coca, crack -, o álcool é um perigo, ele é barato, fácil acesso, ele não necessita tão pouco de nada, dinheiro, nada. Você não precisa ter nada, você vai ficar bêbado, vejo pelos outros. Você começava a beber e acabava o dinheiro, então o que você fazia, ia comprar de litro que é mais barato. Para mim é isso aí que o álcool faz, essa é a convivência.

7ª) Você tem alguma orientação religiosa?

Olha, eu sempre fui católico, mas não assíduo, nada assim, pelo contrário, praticante eu não era, eu tinha fé em deus, vamos dizer assim, mas é essa fé também que voê

sabe, Deus é aquele um que você só recorre a ele quando você precisa, né? Quando você está numa situação bem difícil, aí você fala, por favor, me ajuda meu Deus, quer dizer, é uma covardia também, né?

8ª) O quanto espiritual você se considera?

Hoje? Hoje eu me considero um cara bem espiritual, porque eu tive uma prova muito grande de Deus, que é essa salvação minha e minha recuperação também em relação a doença que peguei. Eu consegui. Logicamente que eu tive uma participação, a participação maior seria minha, mas a relação fé em Deus que eu tive, certo, ela me curou, porque em um mês eu perdi toda essa barriga. Sabe, o médico me deu os parabéns. Minha fé, né? Minha fé eu acho, você aí tá no fundo do poço mesmo, você já não tem onde recorrer mais, certo. O médico você sabe que ele vai, que vai descobrir as coisas que você tem. O meu começou com a cirrose. Tenho úlcera, ocasionada pela bebida. Você diz, por exemplo, eu me sinto bem protegido por ele em relação a me entregar, vamos dizer, a mão de deus, porque como diz, da minha vida cuido eu, né? Da minha cura curo eu, né? Agora da minha vida quem pode curar é Deus. Então hoje o aprendizado do curso que tem aqui eu to conseguindo a ter uma doutrina, vamos dizer assim, maior em relação a Deus, certo. Saber que o contato com Deus é que possa me salvar também, sem isso também eu não vou ter ajuda nenhuma, correto? Então, obrigatoriamente eu sou obrigado a ser um cara espiritual e acreditar nisso que eu faço também, se eu não me ajudar também eu não vou ter resultado nenhum, correto? Porque Deus não vai vir aqui ajudar eu, correto. Deus é para todos. Eu estou aqui, congrego, vou lá, participo, mas eu sou católico. E, importante uma época participei do espiritualismo. Eu procuro, mas é Deus. Deus é vários, cada um tem seu Deus. É essa aproximação que eu tenho da espiritualidade, que eu acho essa é a parte espiritual minha.

9ª) Você participa de práticas religiosas (rezas, missas, cultos)?

Não, vamos dizer que só aqui dentro é que estou tendo essa participação.

10ª) Você participa das práticas espirituais aqui no instituto?

Sim. É um negocio bem diferente que você se sente melhor, você pratica em você, descarrega as coisas ruins, né? Em relação ao que você pode pedir a Deus, você faz um pedido a ele, você fala assim: muito obrigado por mais um dia sem beber, sem besteira. Coloca na mão de Deus, porque as portas estão abertas para você ir embora a hora que você quiser, você não está preso, você não tá nada, você está aqui por livre espontânea vontade, como eu vim para cá. Como a psicóloga da prefeitura disse: vamos para o instituto já, deixe suas coisas e seu carro aqui, vamos agora. Eu disse, não é assim, não. Eu tenho que resolver, aí eu comunico você. – Não, mas é que todos conhecem você. Viu! Você aqui nesse estado, vamos se internar? - Eu falei, espera, não é assim. Depois de uma semana resolvi, falei para meu filho e pedi para ele me trazer para cá. Para mim está sendo ótimo, vamos dizer assim. Sinto bem, sinto relaxado, vamos dizer assim, em relação à mente todo mundo tem o mesmo, vamos dizer assim, são reuniões de pessoas tentando o mesmo motivo, correto, só tem que funcionar.

11ª) O que seria a espiritualidade para você?

Para mim, espiritualidade, para mim seria eu conseguir ter o máximo de relação ou poder sentir o que Deus quer transmitir para mim. Isso para mim é o que procuro, estou procurando participar ali, de reuniões tudo mais, para poder ter um relacionamento com Deus que nunca tive, né? A espiritualidade eu procuro com minhas rezas, entender mais as coisas que Deus vez pelo outro e aqui a gente pede ajuda ao outro também, aprende isso, o modo espiritual. A maioria daqui são todos congressistas. Eu nunca fui, mas agora sou um praticante, estou já, vamos dizer,

estou no começo, estou bem familiarizado com o grupo. Porque eu sei em questão disso a parte espiritual é uma das coisas principais para mim, porque sem Ele, com Ele eu tenho vamos dizer, um laço maior, uma força maior que possa agir junto comigo em relação à vontade de não beber mais, de parar de beber.

12<sup>a</sup>) O grupo de espiritualidade está ajudando você a perceber outro caminho em sua vida?

Ah, sim. Refletir em várias coisas que eu, dos defeitos que eu sempre tive, né? em relação a tudo, em geral, de modo geral, eu sempre fui um pai não participante da família, em relação, sabe, aquele amor que você possa ter para passar para terceiros, aos meus filhos, em relação até a minha ex mulher que larguei, uma pessoa maravilhosa, você mesmo conhece ela, eu que sempre fui um cara errado. Eu sei que isso aí faz eu refletir, voltar novamente ao meu passado que, passado meu é que me levou a fazer todas essas cagadas na vida, que hoje resultou nisso aí, certo? Hoje é tão lógico eu ver isso, uma pessoa inteligente sabe, ta sendo prejudicial para você, mas você ta teimando nisso, para que? O que estou ganhando com isso, to mesmo é perdendo. E hoje, dentro da espiritualidade você tem tempo de você refletir, o pessoal tão orando, tão passando o conhecimento deles em relação a Deus, em sentir que você vê que é uma coisa sincera mesmo, ninguém brinca com o sentimento religioso, não tem brincadeira, é uma coisa séria, certo? A partir do momento que você frequenta e leva serio ou você não vai, correto, não tem meio termo, não existe meio termo. Está dando base para eu refletir as coisas erradas, as coisas em relação a minha vida, certo? E o programa em si também, vamos dizer, embora eu, eu já falei a cura está em mim, não é os doze passos, não é a. sem fé ninguém vive, hoje tenho consciência disso, certo? E além de tudo Ele me faz pensar melhor também refletir que eu tenho que sempre estar me policiando, saber que não posso beber, certo, se eu beber vou morrer. Além disso, eu ter condições de participar socialmente sem bebida, tanta gente que eu conheço vive bem sem a bebida, o Dilonzinho, sempre me falou para, para com isso. Ele sempre falava, ele foi a geração saúde. Agora eu falo, eu sou burro, né? Hoje eu penso e falo você era um burro. Deveria ter terminado meu estudo, escolhi o caminho errado. Então eu vejo o quanto é que não dá tempo de recuperar isso aí, porque to velho, mas eu sei que posso fazer coisas boas em relação a minha família, venha conquistar novamente pelo menos a confiança, o relacionamento de pai, né? Coisa que eles não tiveram né?

13<sup>a</sup>) Você gostaria de falar algo mais a respeito deste assunto?

Veja bem, Junior, a gente só chega a esse ponto, embora eu cheguei a esse ponto de sentir que eu tenho perda espirituais, que nunca tive contato com Deus, com fé, de você se entregar a Ele, a Ele não, as próprias coisas que você vai fazer, de você fazer um pedido a Deus, que Deus te ajude, um caminho certo, isso foi tudo por causa da água bater na bunda, certo? Foi o que aconteceu comigo, se fosse outro caso, eu nunca que ia procurar Ele, estaria do mesmo jeito que fui, por exemplo, igual eles falam em relação igual a ele aí. Pela dificuldade que passei, pelo risco de vida que eu cheguei bem perto, isso me fez refletir e pensar muito. Para mim o que estava faltando tudo, era fé, certo? Além de tudo eu poder, a única pessoa que eu posso, não seria pessoa, mas a única coisa que eu posso ter um relacionamento direto, eu com Ele, ta certo? Só depende de mim. Então hoje para mim, é importante eu ter essa espiritualidade, eu vejo que é importante para mim, faz parte da minha vida hoje, já. Eu agradeço a Deus por estar vivo hoje também, que eu acho que é uma coisa quem escolhe é Deus, porque senão já teria ido. Se fosse de premio, não, porque sempre fui sem vergonha, sempre bebi. A única coisa que eu sempre fui, foi

bem de vida. Fui muito esperto, inteligente para ganhar dinheiro, você sabe disso, sempre fui um cara que tinha grana, mas eu nunca roubei minha mãe, meu pai, nem meus irmãos, nunca pedi dinheiro para ninguém, eu sempre fui um cara independente. O meu vício quem pagou fui eu, de todas essas cagadas que fiz, sempre fui eu que respondi.

Sujeito I

1ª) Há quanto tempo você usa a bebida de forma descontrolada?

Descontrolada mesmo faz uns trinta anos.

2ª) O que levou você a começar a beber?

Começar a beber foi por eu viver longe de família. Fui criado pro mundo, né? Eu saí para o mundo, aos treze, quatorze anos de idade. Eu fui criado com meus padrinhos, na verdade, eu não fui criado com meus pais biológicos, e na verdade quem me criou mesmo ela faleceu quando eu tinha treze anos de idade. Eu estava sendo criado por ela na ausência de minhas irmãs. Começaram ficar no empurra-empurra, uma ali, um primo mais distante, até que eu por decisão minha caí no mundo. Saí, fui trabalhar de servente de pedreiro. Foi o início da minha vida de liberdade, né? Aí, foi no finalzinho de semana, né? Com os colegas para o baile, aí depois já começamos a frequentar algum bar, mas naquela época era, beber socialmente, e fiquei um bom tempo assim, só bebia final de semana mesmo. Meu primeiro porre, eu estava com 16 anos. Foi meu primeiro porre mesmo, daquele de chamar o 'ugo' mesmo. Ficar de ponta cabeça e ver o mundo girando. Aí, depois é aquele negócio, final de semana e por aí vai.

3ª) Como você se sente quando bebe?

Ah, quando eu bebia, né? Agora com a graça de Deus, hoje to limpo. Quando eu bebia, eu me sentia eufórico, me sentia dono de mim, eu me sentia o centro das atenções, como eu sempre tenho facilidade de comunicação com as pessoas, eu procurava sempre chamar atenção delas, com piadinhas, brincadeiras, contando estórias. Eu era o centro da atenção, eu me sentia eufórico, e sentia alegre, né? Ficava agressivo, alterava seu comportamento quando mexia no meu calo, quando mexia com a minha personalidade, de chamar de bêbado, me chamar de pinguço, eu não aceitava isso não. Aí, eu partia para porrada, quando eu podia, né? Quando era do meu tamanho, né? Se fosse maior, tudo bem deixava quieto, sabia que ia apanhar. Às vezes eu pegava uns trens que eu levava muita porrada, também. Com a graça de Deus tenho uma esposa maravilhosa para me agüentar, né? E era agressivo, mas eu bati nos meus filhos umas duas vez só, que eu me lembro. Aí, esse ponto eu era agressivo verbalmente, né? Fisicamente foram só duas vez apesar que, achei necessário, né? Naquele momento, mas talvez na conversa poderia educá-los melhor. Com minha mulher era mais agressivo. Bati nela fisicamente uma vez só, também, mas só uma. Dei um tapa, era agressivo verbalmente, sim.

4ª) Você sente desejo em parar de beber?

Ah, bastante, viu. Aliás, sentia já, né? Tentei várias vezes por minha livre e espontânea vontade. As primeiras vezes, ficava no máximo uns dois mês. Esta última vez, fiquei internado numa clínica, não era essa dos doze passos era abstinência e espiritualidade, né? Eu não me ambientei, fiquei só um mês e caí fora. Mas quando saí eu fiquei seis mês sem beber, mais na minha força de vontade, mas na minha, primeiro obstáculo que tive uma discussão, com a minha esposa, inclusive eu ia sair, não quero discutir mais, foi uma discussão boba dentro de casa que eu estava com uma dívida com cartão de crédito e eu brigando com ela, que ela queria

comprar, não me lembro o que, e ela quis desenterrar esse dinheiro que eu estava guardando para pagar o cartão. Aí brigamos, e eu falei: vou sair para aliviar a cabeça, mas ela jogou na minha cara dizendo: você já vai começar a tomar, né? Então falei, já que você falou, é isso que eu vou fazer agora. Eu não ia fazer, quer dizer, uma justificativa, né? Apesar que não tinha, eu não ia sair para isso, mas usei a justificativa para começar e comecei e comecei bravo. Naquele dia cheguei ruim e nem conversei, já fui direto para minha sarjeta lá, né? Aí não parei mais. Depois vim direto para cá.

5ª) Como o álcool alterou sua vida?

Alterou um monte em minha vida. Muita coisa boa, eu deixei de. Eu perdi oportunidade boas. Apesar que eu trabalhei só na CMTC, trabalhei quase dez anos, só numa empresa. Numa outra antes, anterior, trabalhei cinco anos, saí por causa da empresa mesmo que estava terceirizando, aí fizemos acordo e eu saí fora, não quis retornar também. Eu entrei como ajudante saí de lá fiscal de caixa, passei por várias etapas dentro da empresa, né? Degrauzinho até chegar, no meu grau de instrução, eu cheguei no limite meu, no meu patamar lá, que seria fiscal. Várias outras oportunidades que eu deixei assim com a família da minha esposa mesmo eu já não tinha ambiente, já me chateava, inclusive, eu não. Na minha bebida me achava socialmente no meu pessoal, no meu grau de instrução, né? Mas ele lá, já me chamava até de antisocial porque eu me fechava, não tinha convivência, eu mesmo me culpava pelo meu uso de álcool, pelo descontrole do uso do álcool.

6ª) Como é a convivência com o álcool?

A convivência com o álcool, eu sempre procurei o álcool como um escape dos meus problemas, angústias, das minhas decepções, das minhas vontades que as vezes não conseguia realizar também. Um escape das pessoas me verem naquele estado eu me escondia mais ainda atrás do copo. Então, eu chegava encher os canecos ir embora para casa às vezes até carregado com os colegas, que achava que eram meus amigos e eu também, não tinha dificuldade para beber também. Se tinha dinheiro ou não tinha, bebia mesma coisa. No bar a confiança de que pagava e pagava mesmo, e os amigos que pagavam também. A minha convivência era praticamente um escape. Era o sentido para fugir da realidade, para fugir da, era para a alegria, para procurar uma alegria, para descontrair, para fugir da tristeza. Tudo era o álcool, era o principal, era o meu Deus.

7ª) Você tem alguma orientação religiosa?

Tenho, inclusive fui coroinha quando criança, né? Dos meus oito até uns onze anos de idade, eu era católico. Fui batizado, na juventude fui até coordenador de grupo de jovens. Particpei de grupos de jovens até a adolescência aí passei a ser tesoureiro, passeia a ser secretário ai depois passei a coordenador, mais ou menos dos oito aos vinte e dois anos de idade, participava ativo na igreja, mas já tinha aquele negócio de beber socialmente.

8ª) O quanto espiritual você se considera?

Na época eu me considerava bem espiritual, mas agora eu to revendo esse meu sentido espiritual, já não me sinto aquele ser espiritual que era antes, eu estou revendo tudo isso agora, aqui dentro do programa. Eu preciso acreditar mais nele. Eu sempre tive Ele do meu lado, meu Deus como eu vejo Ele, né? Mas só que eu via meu Deus, anteriormente, no copo, né? Agora, espiritualmente mesmo, eu to revendo esse sentido espiritual, né?

9ª) Você participa de práticas religiosas (rezas, missas, cultos)?

Muito pouco.

10ª) Você participa das práticas espirituais aqui no instituto?

Sim. Eu acredito que está me ensinando a ter fé. O que Ele pode trazer de benefício, a acreditar nos irmãos, procurar ajuda entre os irmãos, naquele que eu puder ajudar também, a compartilhar, né? Eu sei que eu aprendi procurar ajuda naquilo que eu não sei ainda, né? É uma melhora para mim, estou vendo uma melhora, já melhorei bastante, já to conseguindo enxergar um pouco. Estou vendo onde eu tava errando, onde tava perdendo meu domínio, já to conseguindo me dominar, não totalmente, né? Mas estou procurando minha mudança agora. Alguma coisa já estou mudando, é isso que eu vejo na espiritualidade, mudando no meu jeito de pensar, no meu jeito de ser, de enxergar. Eu vejo o quanto ela (bebida) me dominava, eu não preciso dela para eu viver, eu não preciso dela para realizar meus desejos, agora estou percebendo isso no grupo de espiritualidade. Então, é isso aí que eu estou vendo, através da espiritualidade que está abrindo a minha mente neste sentido, agora, apesar que eu tenho que ver muito, rever muito. Hoje mesmo teve a auto-avaliação e através dela eu estou vendo, conforme a resposta de todos e a minha também, né? E eu captar para mim, também acho q é uma troca, uma troca boa.

11ª) O que seria a espiritualidade para você?

Na minha concepção é acreditar no poder maior do que eu, e que eu possa ter confiança na minha vida, né? É isso que eu venho entendendo como espiritualidade. É um poder superior que eu to entregando toda minha dificuldade na mão Dele. É isso que eu entendo como espiritualidade. Eu tenho que praticar também, a prática é não a minha vontade, mas aquilo que é sugerido, que eu tenho que aprender a conviver com as pessoas, é isso que eu tenho que seguir todo esse, como que eu digo, é saber lidar com elas, saber enfrentar as dificuldades, ter habilidade de enfrentar a dificuldade, né? Respeito por elas e respeito por mim mesmo, ter habilidade, né? de lidar com elas e com os meus problemas também. Habilidade de lidar com eles também. Eu não posso ficar só na minha vontade, eu tenho que rever bem o que é bom para mim e o que não é, entendeu? Por isso eu entrego a minha vontade ao poder superior, para que Ele me oriente para saber o que é bom para mim e o que não é.

12ª) O grupo de espiritualidade está ajudando você a perceber outro caminho em sua vida?

Está me fazendo rever bem, principalmente, não só aqui dentro do grupo, que a gente participa da congregação, que cause eu me identifiquei um pouquinho, que são mais light, não tem aquele fanatismo, né? Tenho que rever meus conceitos de vida. Daquela maneira que eu tava vivendo, ta mostrando para mim o quanto que eu tava sofrendo. Fazendo outras pessoas da minha família, ao meu redor sofrerem também. Então, eu estou revendo todo esse lado aí, estou acordando para isso. Está me ajudando bastante. Está mostrando que eu preciso de ajuda, que estou sempre precisando de ajuda nesse período. Sempre tem que procurar ajuda, não sou o dono da verdade, de ajuda espiritual de outras pessoas, porque as vezes acho que to certo mas não to certo, né? Alguém que possa mostrar para mim, quando estiver errado e não conseguir ver, por isso preciso da ajuda dos irmãos. A caminhada é longa, mas esses poucos passos que estou dando eu vi uma grande mudança..na maneira de pensar, na maneira de ver a vida, na maneira como eu era e a maneira como estou sendo agora, por exemplo, vendo agora eu vejo que na minha vida ativa, eu estava totalmente errado, estava usando o álcool para mim sobreviver, praticamente, porque o álcool que me dava prazer, que me dava segurança, quando eu estava sóbrio eu era muito calado, era só tomar umas duas, pronto, a mente abria totalmente. Então, quer dizer, agora, aqui dentro do programa, eu também sou eu, converso tudo mais, mas porque eu sinto mais segurança, eu

não preciso mais do álcool para ter essa segurança, essa liberdade de expressar. Não preciso, mas estou no início, mas já estou me despertando mais, estou tendo mais liberdade de me expressar, falo mais com segurança, sem necessidade do álcool.

13ª) Você gostaria de falar algo mais a respeito deste assunto?

A espiritualidade também, eu vejo que não há necessidade do fanatismo, né? Há necessidade sim, de eu fazer um acompanhamento, de acreditar que Ele está aqui do meu lado e procurando fazer seguir o programa, por exemplo, eu era muito egoísta na época, só pensava em mim, eu estava com razão, eu que estava. Eu tenho que mostrar que eu não posso ser egoísta, tenho que ajudar também. Eu não tenho que pensar só em mim, que eu estou só com a razão, eu tenho que ver que sou passivo de erro, não sou perfeito, ninguém é perfeito. O ser humano, então, naquele tempo para mim era cheio da razão, eu era bom! Então, eu tenho que ver tudo isso aí também.

Sujeito J

1ª) Há quanto tempo você usa bebida de forma descontrolada?

Há mais ou menos uns cinco anos. Esta é a terceira internação

2ª) O que levou você a começar a beber?

Curiosidade, né? Meus pais sempre bebiam né? Vi desde pequeno, praticamente a partir dos onze anos que eu comecei a beber quase todos os dias, mas pouco, mas sempre bebendo. Nesses últimos cinco anos, aí descontrolou, comecei a beber mais, né? Todos os dias, bastante, mas eu pensava que estava controlando, mas só estava me destruindo, porque a maioria da confusão era em torno da bebida. Serviço, perda, acidente, quase morri, já fiquei em coma devido ou uso do álcool.

3ª) Como você se sente quando bebe?

Eu me sinto alegre, uma sensação de alívio, da no corpo assim, parece que eu sinto mais assim, maioral, né? Brinco. Fico alegre, divertido eu não fico nervoso, sou mais agressivo são, bem mais. Sou nervoso, então, começo a tremer por qualquer coisa, isso me gera uma raiva, né? Às vezes eu apronto muito são, quando bebo eu já relevo muitas coisas, eu tento sair fora, mas quando estou sem o uso, sou muito nervoso, não sei se é devido à quantidade que eu usei. Quando bebo fico relaxado, bem humorado. Quando bebo passa varias coisas na cabeça, né? Futuro, emprego, investir em alguma coisa, a cabeça parece que cresce até certo ponto, depois se bebo demais esqueço tudo.

4ª) Você sente desejo em parar de beber?

Na verdade, não. Ela é que tem que parar, né? Porque eu não tenho controle dela, mas vontade mesmo eu não tenho, eu gosto, me sinto bem quando bebo. Parte assim, eu sinto, entendeu, mas para dizer a verdade eu não sinto desejo em parar, não. Usar bastante assim, pode tomar uma cervejinha de leve, mas isso que é o problema, né? Já tentei várias vezes, falava, vou tomar só uma agora, mas isso é questão de um mês, as vezes dez dias, aí já. Já consegui ficar um ano tomando pouco, foi o máximo.

5ª) Como o álcool alterou sua vida?

Ele alterou em bastante parte, né? Na parte financeira eu perdi muita coisa que eu ganhei. Na realidade eu cheguei no fundo do posso, a vida sentimental também, perdi bastante coisa casamento perdi, só não perdi o amor da minha filha, a única coisa que não perdi foi isso porque do resto, confiança, na área também, do trabalho, eu perdi muito clientes, perdi por chegar alcoolizado no serviço, pensa que os outros não percebe, não ta vendo, fala vou tomar uma vodka, o cliente não vai

perceber, mas aí na conversa ele já percebe, porque você se altera. Perdi bastante clientes bons. Perdi saúde também, começou a me dar convulsões, coisa que eu não tinha. Ultimamente estava dando quase todo dia, antes desta última internação que eu estou. A memória ficou meio fraca, eu não estou conseguindo guardar muitas coisas que eu escuto assim dentro do programa, que a gente está praticando. Eu posso ler dez, quinze vezes, se perguntar em seguida eu fico nervoso aí eu esqueço. A memória minha ficou fraca. Não sei se foi devido às convulsões, acho que altera um pouco em parte é isso.

6ª) Como é a convivência com o álcool?

A convivência sei lá, se torna um hábito, né? Você já sai para trabalhar já pensando, chega a hora do almoço para tomar uma né? Pensava que não fazia mal, mas em partes eu penso que foi bom, mas não foi né? Isto é coisa da minha cabaça, na verdade ele (álcool) só me destruiu. Eu sei que agora eu não tenho mais este controle que eu tinha, se eu beber sei que vai piorar de novo. Quero fazer dessa internação a última porque eu acho que não aguento mais não o álcool. É, eu fico assim, eu estou feliz hoje, daí eu vou e bebo porque estou feliz, comemoro, fechei um serviço bom, ta vou lá tomar uma. Quando atrasa o pagamento, sem serviço já fico bravo, já vou toma uma para aliviar o ruim, depois eu recebo, aí falo, vamos comemorar tomar mais uma, fico feliz. E assim vai indo. Discute com a mulher, vou tomar uma. Sempre tem uma, nunca vou beber sem ter uma justificativa, né? Acordo tremendo, já estava assim, eu tinha que passar cedo na padaria para tomar uma. Ultimamente eu tinha que beber, não tinha como mais, tremia muito. Se eu fosse num banco assinar o cheque para descontar, tinha que beber várias, senão não conseguia, fico nervoso, com pessoas assim, fico olhando ao meu redor e aí a mão treme. O meu sistema nervoso ficou muito afetado por causa do uso, né? Bebendo muito. Quando bebe não se alimenta direito, isso altera um pouco.

7ª) Você tem alguma orientação religiosa?

Bom, eu fui batizado, né? Na igreja evangélica frequentei assim em partes, fui um tempo, parava, ia mais um tempo, parava. Sempre foi assim, Igreja Evangélica. Meus familiares são todos evangélicos, eles cobram muito isso de mim, porque eu não frequento geralmente com eles, minha avó principalmente. Eu tenho a noção do evangelho, mas eu não pratico, né? Só procura quando está precisando, né?

8ª) O quanto espiritual você se considera?

Eu tenho muita fé em Deus, né? Sempre faço minhas orações, mesmo estando embriagado, sempre fiz. Acho que é a base, religião é a base, né? É só seguir. Eu me percebo uma pessoa boa, assim para ajudar as pessoas que eu vejo com dificuldades entendeu? Nesta parte sou uma pessoa que ajudo. Dou conselhos bons, nunca gosto de falar o mal para pessoas que está fazendo. Eu sempre falo para o pessoal ir para a igreja, quando vejo com muita dificuldade que eu sei que resolve né? Mas eu mesmo não procuro muito para mim mesmo. Ultimamente só estou indo quando não tem mais jeito, quando estou no fundo do poço, quando não tem mais saída.

9ª) Você participa de práticas religiosas (rezas, missas, cultos)?

Ah, era raro eim. Estava sendo raro ultimamente eu ir. Eu ia mais aos domingos. Eu estava indo geralmente aos domingos com a minha ex mulher, né? Quase todos os domingos, não era todos, não. Isso quando ela conseguia me levar né? Eu queria ficar dormindo, ela queria que eu fosse né? Ficava nessa, as vezes eu ia, as vezes não. Aí coloquei tudo a perder de novo, parei de ir, aí caiu tudo de novo. Aí vi que não tinha mais jeito, procurei a Assistente Social e vim para cá. Já estava na rua.

10ª) Você participa de práticas espirituais aqui no instituto?



A gente participa das reuniões. Têm as orações em voz alta e a palavra né? Que tem a leitura da bíblia, aí o coordenador pergunta se você se identificou com alguma coisa que ele falou e aí levanta e lê aquele pedaço e tenta compreender falando né? Para mim está bom, legal, mas só que tenho, necessito, afirmar mais nisso, se apegar mais no que eu escuto, na palavra e tentar viver o que é dito as leis, as regras, como se diz, escutar e entrar pelo ouvido e sair pelo outro e fazer diferente tudo de novo, aí tá errado de novo. É a teimosia que está segurando um pouco ainda.

11ª) O que seria a espiritualidade para você?

É alguma busca de, para mim de uma nova vida, dentro das regras que creio eu que é o correto né? É que nem está no, como posso dizer, amor ao próximo, é valores, creio eu. Partilhar, não ser egoísta, mentiroso que é minha prática, tenho que estar mudando muito isso. Basicamente isso. Eu sempre mentia, falava, parei de beber, mas na verdade estava disfarçando. Eu bebia meio escondido, ninguém percebia, que nem um tempo atrás eu ia para casa da minha ex sem beber, era só sair de lá, primeiro bar eu entrava. Eu ia trabalhar, não podia beber no almoço. A noite eu já parava para não chegar com cheiro, então para ela eu tinha parado né? Mas sempre descobre né? Não tem como enganar muito tempo. Ser honesto, comigo e com todos, para mim seria isso.

12ª) O grupo de espiritualidade está ajudando você a perceber outro caminho em sua vida?

Na verdade, eu já tinha passado por essa experiência do grupo. Para mim está sendo o mesmo, não mudou em nada, é a mesma experiência que eu já tive. É de um poder superior né? Que predomina na minha vida que eu tenho que acreditar Nele. Eu acredito muito Nele, só que meu relaxo é não cumprir, seguir frequentemente reuniões fora daqui também. Eu acho que é um pouco de relaxo meu, de saber o que é a palavra e acho que estou sendo egoísta, estou pedindo muita ajuda e Ele dá. Ele oferece esta ajuda para mim só que eu estou pedindo muito e não estou tendo capacidade para suportar. Eu peço e vêm. Só que eu não estou aceitando quando ela vem, isso que é o problema meu. Tudo que eu peço a Deus até hoje Ele me deu, só que eu não sei administrar. Eu preciso estar mudando isso. Tenho certeza que eu vou conseguir ter fé.

13ª) Você gostaria de falar algo mais a respeito deste assunto?

Eu tenho muito a agradecer a Deus, né? Mesmo eu achando que não mereço tantas ajudas. Acho que é um pouco de teimosia de minha parte, mas eu tenho que agradecer Ele muito, porque estou aqui com saúde, me concedeu mais essa. Se eu tivesse na rua ainda não sei o que teria acontecido comigo, poderia estar preso, morto, não sei, por isso agradeço muito a Ele, principalmente por ter a mãe da minha filha. Ela cuida muito bem dela, foi uma ótima esposa, que Deus colocou na minha vida. Não estamos bem ainda, mas com certeza eu saindo daqui a gente resolve. Tenho que parar de beber, mudar meus pensamentos. Pensamento doentio da vontade de beber, isso me dá todo dia, não sai da minha cabeça, eu sonho com ela (pinga) bebendo. É difícil, mas isso vai depender de mim. Eu estou são, sóbrio e eu acho que depende de mim a decisão de não usar mais, depende mais de mim porque se eu estou sóbrio eu vou beber a primeira porque eu quero, então isso eu acho um pouco de safadeza da minha parte, porque eu estando são, sei que não posso beber. Por que eu vou beber? Às vezes que eu voltei a beber foi por motivo de raiva né? Antes de vir aqui eu fiquei sete meses sem beber nada. Foi uma discussão com a minha esposa, eu já tinha voltado a morar com ela, duas semanas, aí eu tomei um cano no serviço, não recebi, tinha que pagar o funcionário, cheguei

em casa, falei com minha esposa, ela disse que era mentira, que eu tinha gastado o dinheiro a toa, aquilo foi o motivo para eu beber, entendeu? Às vezes eu voltei a beber foi tudo por motivo de raiva. Eu estava certo, não estava mentindo. Aí eu bebi. Ela não acreditou. Aí sai de casa e fui beber. Embaranou tudo.

## ANEXO F

### Correspondência entre Bill Wilson e C.G.Jung

23 de janeiro de 1961

Caro Dr. Jung:

Há tempo devia-lhe esta carta de grande apreço. Deixe-me primeiro apresentar-me. Sou Bill Wilson, co-fundador da Associação dos Alcoólicos Anônimos. Embora o senhor certamente já tenha ouvido sobre nós, duvido que saiba que uma certa conversa que teve com um de seus pacientes, o Senhor Roland H., no início dos anos 30, teve um papel central na fundação de nossa associação.

Embora Roland H., já faleceu há algum tempo, a memória de sua notável experiência enquanto sob tratamento com o senhor, tornou-se definitivamente parte da história da A.A. Nossa lembrança das declarações de Roland H. sobre essa experiência é a seguinte:

Em 1931, Roland, após ter esgotado todos os meios de recuperação de seu alcoolismo, tornou-se seu paciente. Acredito que ficou sob seus cuidados por cerca de um ano. Sua admiração pelo senhor não tinha limites, e ele partiu confiante.

Para sua grande consternação, Roland logo teve uma recaída, intoxicando-se. Certo que o senhor era “sua última corte de apelação”, ele novamente procurou seus cuidados. Seguiu-se então a conversa entre vocês que se tornaria o primeiro vínculo na cadeia de eventos que levaram a fundação dos Alcoólicos Anônimos.

Minha lembrança do que ele contou desta conversa é a seguinte: acima de tudo, o senhor lhe afirmou francamente que não tinha esperança, no caso dele, quanto a eficácia do tratamento médico ou psiquiátrico. Esta sua afirmativa ingênua e humilde foi sem dúvida a primeira pedra fundamental sobre a qual nossa associação se ergueu.

Vindo do senhor, alguém em que ele tanto confiava e admirava, o impacto sobre ele foi imenso.

Quando ele lhe perguntou se havia qualquer outra esperança, o senhor lhe disse que havia uma, caso ele pudesse se submeter a uma experiência espiritual ou religiosa, em síntese experimentar uma conversão religiosa. O senhor lhe mostrou como tal experiência, se ele conseguisse, poderia motivá-lo novamente, quando todo o resto falhasse. Mas, o senhor o alertou que embora tais experiências

tivessem recuperado alguns alcoólicos, elas eram, entretanto, raras. E também recomendou que ele se colocasse numa atmosfera religiosa e esperasse pelo melhor. Acredito que foi a essência de seu conselho. Logo após, o Sr. H. entrou para o Grupo Oxford, um movimento evangélico, no momento no auge de seu sucesso na Europa, o qual sem dúvida o senhor deve conhecer. O senhor se lembrará da grande ênfase que davam aos princípios de auto-procura, confissão, restituição e doação de si mesmo ao serviço dos outros. Neste ambiente, Roland H. encontrou uma conversão espiritual que o libertou na época da compulsão a bebidas.

Retornando a Nova York, ele tornou-se muito ativo com o "G.O". daqui, conduzido pelo pastor episcopal Dr, Samuel Shoemaker. O Dr. Shoemaker foi um dos fundadores deste movimento, e era uma personalidade poderosa, de grande sinceridade e poder de convicção. Nesta época (1932-1934), o Grupo Oxford já havia tornado sóbrio um certo número de alcoólicos, e Roland, sentindo que poderia especialmente se identificar com esses sofredores, resolveu ajudar ainda outros. Aconteceu que um destes era um antigo colega meu, chamado Edwin T. Ele estava sendo tratado e internado numa instituição, mas o Sr. H. e outros ex-alcoólicos do Grupo Oxford o ajudaram a manter sua sobriedade.

Enquanto isso, eu continuava alcoólatra e fui internado. Por sorte, fiquei sob os cuidados de um médico, Dr. Willian Silkworth, que compreendia maravilhosamente os alcoólicos. Mas assim como o senhor desistiu de Roland, ele também desistiu de mim. Era dele a teoria que o alcoolismo tinha dois componentes – uma obsessão, que levava o sofredor a beber contra sua vontade e interesse, e um tipo de dificuldade metabólica, a qual ele na época chamou de alergia. A compulsão do alcoólatra garantia que o ato de beber não seria interrompido, e a alergia tornaria certo que o sofredor finalmente iria se deteriorar, ficar insano ou morrer. Embora eu tivesse sido um dos poucos que ele pensou que poderia ajudar, ele finalmente foi obrigado a me dizer que meu caso não tinha esperança. Eu também teria que ser internado. Para mim, isso foi um golpe terrível. Assim como Roland foi preparado para sua experiência de conversão, assim também meu maravilhoso amigo Dr. Silkworth me preparou. Ouvindo sobre minha sina, meu amigo Edwin T. veio me visitar em casa onde eu estava bebendo. Estávamos em novembro de 1934. Há tempo eu havia considerado meu amigo Edwin como um caso sem esperança. Entretanto, lá estava ele, num estado evidente de "liberação", o qual sem dúvida não poderia ser devido a sua simples associação por curto tempo com o Grupo Oxford.

Ainda assim, este estado óbvio de liberação, distinto da depressão costumeira, era tremendamente convincente. Ele podia inquestionavelmente comunicar-se comigo em grande profundidade já que era um sofredor gentil. Eu sabia finalmente que ou eu encontrava uma experiência semelhante ou eu morreria.

Novamente voltei aos cuidados do Dr. Silkworth, onde pude mais uma vez ficar sóbrio e esclarecer meu ponto de vista sobre a experiência de liberação de meu amigo e a abordagem que Roland fez com ele.

Limpo mais uma vez do álcool, eu me achei terrivelmente deprimido. Isso parecia ser devido a minha inabilidade de ter a menor fé. Edwin T. novamente me visitou e repetiu as simples fórmulas do Grupo Oxford. Logo ele me deixou, fiquei ainda mais deprimido. Em grande desespero gritei: “Se houver um Deus, Ele se revelará”. Então, imediatamente, surgiu uma iluminação de enorme impacto e grande dimensão, alguma coisa que descrevo no livro “Alcoólicos Anônimos” e também no “O surgimento do A.A.”, textos básicos que lhe estou enviando. Minha liberação da obsessão do álcool foi imediata. Num momento, soube que eu era um homem livre.

Logo após minha experiência, meu amigo Edwin veio ao hospital trazendo-me uma cópia do livro “Variedades da Experiência religiosa” de Willian James. Este livro me mostrou que a maioria das experiências de conversão, qualquer que seja seu tipo, tem um denominador comum: o colapso profundo do ego. O indivíduo se depara com um dilema impossível. No meu caso, o dilema foi criado pelo meu beber compulsivo, e o profundo sentimento de desesperança foi em grande parte aprofundado pelo meu médico. Foi aprofundado ainda mais por meu amigo alcoólatra quando me contou sobre o veredicto de desesperança do senhor em relação a Roland H.

Junto com o meu despertar espiritual, surgiu uma visão de uma associação de alcoólicos, cada um identificando-se com o outro e transmitindo sua experiência para o próximo, em cadeia. Se cada sofredor pudesse levar para cada novo membro as notícias sobre a desesperança científica, ele poderia ser capaz de ajudar cada recém-chegado a se abrir para uma experiência espiritual transformadora. Este conceito tornou-se o fundamento do sucesso dos Alcoólicos Anônimos. Pois, tornou as experiências de conversão – de quase todos os tipos, como proposto por James – acessíveis a todos quase que por atacado. Nossas recuperações mantidas ao longo de um quarto de século chegam a 300.000. Na América e no mundo, há hoje cerca de 8.000 grupos de A.A. deste modo, nós dos A.A devemos ao senhor, ao Dr.

Shoemaker do Grupo Oxford, a Willian James e ao meu médico Dr. Silkworth este tremendo benefício. Como o senhor pode agora claramente observar, esta surpreendente cadeia de eventos realmente começou há muito tempo no seu consultório, e foi diretamente fundada sobre sua humildade e profunda percepção. Muitos A.A.s conscientes são estudantes de seus livros. Devido a sua convicção de que o homem é algo mais do que intelecto, emoção e dois dólares de produtos químicos, o senhor tornou-se especialmente precioso para todos nós.

Por favor, esteja seguro de que seu lugar no afeto e na história de nossa Associação é único.

Com gratidão,

William G. Wilson

30 de janeiro de 1961

Caro Sr. Wilson:

Sua carta foi realmente muito bem recebida.

Eu não tinha mais notícias de Roland H. e frequentemente me perguntava sobre o seu destino. Numa conversa, que ele adequadamente relatou ao senhor, houve um aspecto do qual ele não sabia. A razão pela qual não pude dizer tudo foi que, naqueles dias, eu tinha que ser extremamente cuidadoso com o que dizia. Eu verifiquei que fui mal compreendido das diferentes formas. Assim, fui muito cuidadoso quando falei com Roland H.. Mas o que eu realmente pensava a respeito do assunto era o resultado de muitas experiências com homens deste tipo.

Seu anelo pelo álcool era o equivalente, num nível inferior, ao espírito de sede de nosso ser pela totalidade, expresso na linguagem medieval: a união com Deus. Como se pode formular tal insight numa linguagem que não seja mal compreendida nos nossos dias?

O único meio real e legítimo para tal experiência é que ela ocorre na realidade, e só pode lhe ocorrer quando você está andando num caminho que o leva a um entendimento superior. Você pode ser levado a essa meta por um ato de graça, ou através de um contato honesto e pessoal com amigos, ou através de uma educação mais elevada da mente, que vai além dos confins do mero racionalismo. Eu vejo pela sua carta que Roland H. escolheu o segundo meio, que era, sob as circunstâncias, obviamente o melhor. Estou firmemente convencido de que o princípio do mal, prevalecendo neste mundo, leva a necessidade espiritual não reconhecida à

perdição se ele não for contrabalançado, seja por um insight religioso real, ou pela parede protetora da comunidade humana. Um homem comum, que não seja protegido por uma ação proveniente de cima e que esteja isolado na sociedade, não pode resistir ao poder do mal, que é muito adequadamente chamado de Diabo. Mas o uso destas palavras desperta tantos erros que só podemos nos manter afastados delas o mais possível.

Essas são as razões pelas quais não pude dar uma explicação suficiente completa a Roland H.. Mas eu a estou arriscando com o senhor pois concluo, a partir de sua carta, muito decente e honesta, que o senhor adquiriu um ponto de vista acima dos enganosos chavões que se escutam habitualmente sobre o alcoolismo. Veja, "álcool" em latim é *spiritus*, e se usa a mesma palavra para a experiência religiosa mais elevada assim como para o mais perverso veneno. A fórmula auxiliadora é, pois, *spiritus contra spiritum*.

Agradeço novamente sua amável carta,

Sinceramente

C. G. Jung

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)